



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Denise Santos da Cruz

**VIVENCIAR APRENDENDO: CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA  
WALDORF À FORMAÇÃO DO PEDAGOGO NO SÉCULO XXI**

**Santa Maria, RS  
2017**



**Denise Santos da Cruz**

**VIVENCIAR APRENDENDO: CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA WALDORF À  
FORMAÇÃO DO PEDAGOGO NO SÉCULO XXI**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Adriana Moreira da Rocha Veiga

Santa Maria, RS  
2017

Ficha catalográfica elaborada através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Central da UFSM, com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Cruz, Denise Santos da  
Vivenciar aprendendo: contribuições da Pedagogia  
Waldorf à formação do pedagogo no século XXI / Denise  
Santos da Cruz.- 2017.  
181 p.; 30 cm

Orientadora: Adriana Moreira da Rocha Veiga  
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa  
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em  
Educação, RS, 2017

1. Pedagogia Waldorf 2. Educador Waldorf 3. Formação  
do Pedagogo 4. Novas pedagogias I. Veiga, Adriana  
Moreira da Rocha II. Título.

---

© 2017

Todos os direitos autorais reservados a Denise Santos da Cruz. A reprodução de partes ou do todo deste trabalho só poderá ser feita mediante a citação da fonte.

E-mail: denisedacruz57@gmail.com

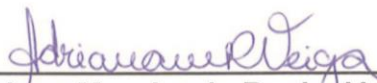
Denise Santos da Cruz

---

**VIVENCIAR APRENDENDO: CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA WALDORF À  
FORMAÇÃO DO PEDAGOGO NO SÉCULO XXI**

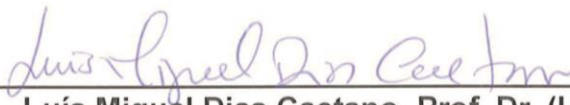
Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Educação, Área de Concentração em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Educação**.

**Aprovada em 30 de agosto de 2017:**



---

**Adriana Moreira da Rocha Veiga, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> (UFSM)**  
(Presidente/Orientadora)



---

**Luís Miguel Dias Caetano, Prof. Dr. (UNILAB)**



---

**Ane Carine Meurer, Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> (UFSM)**

Santa Maria, RS  
2017

---





## AGRADECIMENTOS

*... Enraizados e edificados Nele, firmados na fé, como foram ensinados, transbordando de gratidão.  
(Colossenses; 2:7).*

*O meu coração foi sendo aquecido por um desejo... O desejo de buscar o devir que meus olhos anteviam. Hoje sei que o Universo e seu Criador, mesmo antes que eu nascesse sabiam a que eu viria existir em Gaia. Tudo isto neste momento é ressignificado em minha história, de vida e de formação. Gratidão! Esta é a palavra que melhor expressa o que sinto.*

### **Gratidão....**

*ao Universo e seu Criador;*

*à Gaia, minha Mãe Terra, que tudo provê em minha existência;*

*ao Telcio Brezolin, meu companheiro de muitas Eras, por uma relação muito além do amor de homem e de mulher, por dividir as leituras preciosas que fazem parte do seu dia a dia e que enriqueceram a minha dissertação, por acreditar que eu poderia alcançar o meu devir e pela disponibilidade de se envolver com o meu desenvolvimento e a minha autotransformação;*

*ao nosso filho Lorenzo Cruz Brezolin, nosso cristal, amor sem limites;*

*à minha mãe, Tereza Santos da Cruz, por ter me dado a chance desta vida, SER;*

*ao meu pai, Abel Fontoura da Cruz, saudade até o reencontro (in memorian);*

*à Juliana Lima Moreira Rodhen, filha amiga e companheira de tantas outras vidas;*

*à minha orientadora, Adriana Moreira da Rocha Veiga, professora doutora, por acreditar que posso SER, a partir do seu olhar humanizado, indo além do acadêmico; por tornar possível mais que os sonhos de uma vida toda, os quais não se mensura; por trazer a Pedagogia Waldorf de Rudolf Steiner para dentro da nossa universidade;*

*aos colegas do curso de Mestrado em Educação, de 2015 a 2017;*

*aos colegas do grupo de estudos GPKOSMOS, compartilhando saberes;*

*à CAPES, pelo apoio, para que tivesse tranquilidade para desenvolver a dissertação;*

*aos colaboradores e a coordenação do PPGE pelo carinho e acolhimento;*

*ao Prof. Dr. Luís Miguel Dias Caetano, UNILAB por gentilmente aceitar compor a banca;*

*a Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Janilse Fernandes Nunes, UNIFRA, por aceitar o convite da banca;*

*ao Prof. Dr. Valdemar W. Setzer, da USP, muito mais que um componente examinador da banca, serei grata eternamente por seus ensinamentos e indicações de leitura, por ter aceito, entre tantos convites que recebe, SER presença;*

*à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ane Carine Meurer – UFSM, Diretora Eleita do Centro de Educação- UFSM, por me proporcionar colocar em prática a pedagogia Waldorf na UFSM, junto ao Curso de Pedagogia e por aceitar fazer parte da banca examinadora;*

*à Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Helenise Sangoi Antunes, atual Diretora do Centro de Educação – UFSM, minha admiração e gratidão por todas as vezes em que necessitei de auxílio como aluna e que fui ouvida e atendida com o maior respeito;*

*aos colegas e aos professores do Curso de Práticas da Pedagogia Waldorf, representados pela Prof<sup>a</sup> Waldorf e Euritmista Tereza Cristina Salgado Barbosa;*

*ao Dr. Paulo Roberto Volkmann pelas orientações de saúde e a importância desta, junto à educação no desenvolvimento do ser humano;*

*à Escola Waldorf Querência, à Escola Ametista e à Escola Candeia, por me proporcionarem o olhar mais aguçado sobre a pW;*

*à incentivadora e amiga, Prof.<sup>a</sup> Camile Pasqualotto Lewczynski, a quem devo os meus primeiros passos na pW, pelas leituras indicadas e pela oportunidade de conhecer a Escola Waldorf Querência;*

*à amiga Odete Viero, por ter me apresentado a Camile Pasqualotto Lewczynski;*

*à Prof.<sup>a</sup> Beatriz Weber, referência em educação Waldorf, da Escola Waldorf Querência, sendo a primeira professora de classe dessa instituição a levar uma turma da 1<sup>a</sup> a 8<sup>a</sup> séries;*

*à Luciana Chaves Barcellos e à Helena Volkmann, pela acolhida na Fazenda Criúvas, em Sentinela do Sul;*

*ao Prof. Dr. Marcelo Pulstrick – UFSM, por colaborar com obras literárias esgotadas para a construção teórica deste texto dissertativo;*

*ao Byrata Lopes, artista com alma de artista, pelas belas ilustrações, borboletas multicolors, colaborando com a arte desta dissertação;*

*ao Prof. Dr. Danilo Barbiero, pelo apoio acadêmico nos primeiros passos do anteprojeto;*

*à colega doutoranda Liliane Gontan Timm Della Mea, pelo apoio na qualificação;*

*à Prof.<sup>a</sup> Leyda Tubino Abelin, que me presenteou com o livro 'Mariazinha Penna – a predestinada, minha admiração;*

*enfim, à Mariazinha Penna, minha amiga espiritual, intercedendo junto ao nosso Pai Celestial frente as minhas permanentes interrogações no transcorrer das caminhadas, luz e paz!*





**Às Borboletas,  
Azul, Amarela, Roxa,  
Vermelha e Verde,  
companheiras neste voo,  
no infinito céu dos saberes  
compartilhados... Gratidão  
eterna da Borboleta  
Laranja!**





*Ao término de um período de decadência sobrevem o ponto de mutação. A luz poderosa que fora banida ressurgue. Há movimento, mas este não é gerado pela força... O movimento é natural, surge espontaneamente. Por essa razão, a transformação do antigo torna-se fácil. O velho é descartado, e o novo é introduzido. Ambas as medidas se harmonizam com o tempo, não resultando daí, portanto, nenhum dano.*

*I Ching*





## RESUMO

### VIVENCIAR APRENDENDO: CONTRIBUIÇÕES DA PEDAGOGIA WALDORF À FORMAÇÃO DO PEDAGOGO NO SÉCULO XXI

AUTORA: Denise Santos da Cruz

ORIENTADORA: Prof.ª Dr.ª Adriana Moreira da Rocha Veiga

Esta dissertação de mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Linha de Pesquisa 1 (LP1) - Formação, saberes e desenvolvimento profissional, tem como tema central a formação do educador no contexto da pedagogia Waldorf (pW) e as contribuições à formação do pedagogo na atualidade. As peculiaridades dos processos formativos a diferenciam da formação tradicional, trazendo elementos que poderão significar novo paradigma na formação de professores, principalmente para a Educação Básica. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de abordagem narrativa, dirigindo-se à compreensão do significado de “tornar-se educador Waldorf”, portanto se decidiu pela aproximação de um contexto de formação, o Curso de Práticas de Pedagogia Waldorf, e de educadores em formação, alguns dos quais contribuíram com seus memoriais formativos, ou seja, o seu “vivenciar aprendendo”, tornando-se sujeitos/personagens, incluindo a autora da dissertação, também participante do curso. Constituem o corpo dissertativo, a revisão sistemática da literatura e os memoriais de formação, tendo possibilitado o cotejamento de contribuições à formação do pedagogo na atualidade. São elas: (1) Rudolf Steiner desenvolveu a pW, a partir de vivências educacionais e das experiências pertinentes à formação do ser humano e às ideias antroposóficas, as quais têm o homem no centro de sua preocupação ética e educativa – o homem verdadeiramente livre; (2) configura-se em uma proposta educacional renovada continuamente, acompanhando os avanços da humanidade e respeitando os saberes das comunidades onde se insere; (3) a pW prima pela *autoeducação do professor, vista como* processo permanente de aprendizagem; a primeira turma de educadores Waldorf vivenciou seu aprendizado mediada pelo próprio Steiner na condução de suas vivências e experiências; (4) a construção saudável e duradoura da relação professor-aluno na pW é premissa pedagógica, pois o professor será um tutor ao acompanhar seus alunos desde a entrada na instituição até saírem da escola (em torno de oito anos), gerando um vínculo de amorosidade e de confiança, qualificando o aprendizado; (5) a avaliação dos alunos é processual e qualitativa, partindo dos diversos aspectos da vida do educando como ser humano; (6) coerentemente, o desenvolvimento dos educandos é caracterizado em setênios (períodos de sete anos) considerando-se pedagogicamente as necessidades de cada fase na apreciação de si, do outro e do mundo. No primeiro setênio (0-7 anos), “o mundo é bom”, no segundo (7-14 anos), “o mundo é belo” e, no terceiro setênio (14-21 anos), “o mundo é verdadeiro”; (7) as Escolas Waldorf são constituídas por associações mantenedoras, geralmente apoiadas por simpatizantes, pais, professores e pessoas ligadas à Antroposofia, participando voluntariamente, sem remuneração. As funções da escola são remuneradas por meio do orçamento das mensalidades; (8) as atividades pedagógicas são desenvolvidas na articulação teoria/prática, permeadas pelas artes, culturas e linguagens dentro do contexto do movimento como base na vida humana e (9) compreendendo a Cultura Digital e suas implicações no processo formativo das novas gerações, a pW orienta os educadores (professores, pais, cuidadores...) para a sabedoria frente às mídias digitais. Recomenda-se o uso de recursos tecnológicos digitais somente a partir do ensino médio, pressupondo que, nessa fase, o usuário tenha autocontrole sobre as suas ações, conhecimento e discernimento para utilizar um dispositivo digital que dá acesso às informações indiscriminadamente. A pW orienta as crianças e jovens para o desenvolvimento de sua autonomia frente às influências de conteúdos prejudiciais à saúde como integralidade do sentir, pensar, agir e querer. Considera-se que os objetivos da dissertação conduziram o estudo, permitindo o vivenciar aprendendo da autora de modo a integrar o aprendido em sua própria experiência de “tornar-se educadora Waldorf”, sem dúvida uma tarefa incompleta, pois este será um movimento para toda a vida, em todas as suas dimensões.

**Palavras-chave:** “Pedagogia Waldorf”. “Educador Waldorf”. “Formação do Pedagogo”. “Novas pedagogias”.



## ABSTRACT

### EXPERIENCING LEARNING: CONTRIBUTIONS OF THE WALDORF PEDAGOGY TO THE FORMATION OF THE PEDAGOGUE IN THE 21ST CENTURY

AUTHOR: DENISE SANTOS DA CRUZ

ADVISOR: PROF. <sup>a</sup> DR.<sup>a</sup> ADRIANA MOREIRA DA ROCHA VEIGA

This Master's thesis, developed in the Postgraduate Program in Education of the Federal University of Santa Maria (UFSM), Research Line 1 (LP1) - Training, knowledge and professional development, has as its central theme the formation of the educator in the context of Waldorf pedagogy (pW) and the contributions to the formation of the pedagogue today. The peculiarities of the formative processes differentiate it from the traditional formation, bringing elements that could mean new paradigm in the formation of teachers, mostly for the Basic Education. It is a qualitative research of narrative approach, aiming at the understanding of the meaning of "becoming a Waldorf educator", therefore it was decided to approach with a context of formation, the Waldorf Pedagogy Practices Class and educators in formation, some of whom contributed with their formative memorials, that is, their "experiencing learning", making them subjects / personages, including the author of this dissertation, also participant of the class. In the constitution of the essay are the systematic review of the literature and formation memorials, making it possible to compare contributions to the education of the pedagogue nowadays. They are: (1) Rudolf Steiner developed the pW from educational experiences and relevant to the formation of the human being and to anthroposophic ideas, which have man at the center of his ethical and educational concern - the truly free man; (2) It establishes an educational proposal that is continually renewed, following the advances of humanity and respecting the knowledge of the communities where it is inserted; (3) The pW has great consideration for the *self-education of the teacher*, seen as a permanent process of learning; the first group of Waldorf educators experienced their learning mediated by Steiner himself in the conduct of his living and experiences; (4) The healthy and enduring relationship of the teacher-student in the pW is a pedagogical premise, since the teacher will be a tutor to accompany his students from the moment they enter the institution until they leave school (around eight years), generating a bond of love and confidence, qualifying the formation; (5) The evaluation of students is procedural and qualitative, starting from the different aspects of the life of the student as a human being; (6) Coherently, the development of the students is characterized in seven-year periods, considering pedagogically the needs of each phase in the appreciation of the self, of the other and of the world. In the first seven years (0-7 years), "the world is good." In the second seventh (7-14 years), "the world is beautiful" and in the third (14-21 years), "the world is true"; (7) The Waldorf Schools are constituted of supporting associations, generally supported by sympathizers, parents, teachers and persons connected to Anthroposophy, participating voluntarily, without remuneration. The functions of the school are remunerated through the budget of the monthly fees; (8) The pedagogical activities are developed in the theory/practice articulation permeated by the arts, cultures and languages within the context of the movement as a basis in human life and (9) Understanding the Digital Culture and its implications in the formative process of the new generations, the pW guides the educators (teachers, parents, caregivers ...) to the wisdom of digital media. It is recommended to use digital technological resources only from high school, assuming that at this stage the user has self-control over his actions, knowledge and insight to use a digital device that gives access to information indiscriminately. The pW guides children and young people towards the development of their autonomy in the face of influences of harmful contents to health as integrality of feeling, thinking, acting and wanting. It is considered that the objectives of the dissertation led the study, allowing the experience to learn from the author in order to integrate the learned in her own experience of "becoming a Waldorf educator", undoubtedly an incomplete task, since it will be a movement for all life, in all its dimensions.

**Key words:** "Waldorf Pedagogy". "Waldorf Educator". "Formation of the Pedagogue". "New pedagogies".



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Metamorfose da Borboleta .....	66
Figura 2 – (Auto)transformação e (Auto)conhecimento.....	69
Memória fotográfica 1 – Viagem para Escola Waldorf Querência .....	91
Memória fotográfica 2 – Rodoviária Porto Alegre.....	91
Memória fotográfica 3 – Viagem para Escola Waldorf Querência .....	92
Memória fotográfica 4 – Vista da Cantina da Escola Waldorf Querência .....	93
Memória fotográfica 5 – Pátio da Escola Waldorf Querência .....	93
Memória fotográfica 6 – Entrada da Cantina, pátio da Escola Waldorf Querência....	94
Memória fotográfica 7 – Interior de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência.....	96
Memória fotográfica 8 – Interior de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência.....	97
Memória fotográfica 9 – Interior de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência.....	97
Memória fotográfica 10 – Lousa artística de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência.....	98
Memória fotográfica 11 – Lousa artística de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência.....	98
Memória fotográfica 12 – Lousa artística de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência.....	99
Memória fotográfica 13 – Lousa artística de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência.....	99
Memória fotográfica 14 – Lousa artística de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência.....	100
Memória fotográfica 15 – Lousa artística de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência.....	100
Memória fotográfica 16 – Lousa artística de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência.....	101
Memória fotográfica 17 – Interior de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência.....	101
Memória fotográfica 18 – Interior de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência.....	102
Memória fotográfica 19 – Interior de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência.....	102
Memória fotográfica 20 – Interior de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência.....	103

Memória fotográfica 21 – Interior de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência .....	103
Memória fotográfica 22 – Interior de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência .....	104
Memória fotográfica 23 – Interior de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência .....	104
Memória fotográfica 24 – Interior de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência .....	105
Memória fotográfica 25 – Observação do horário de lanche da Escola Waldorf Querência .....	106
Memória fotográfica 26 – Vista da cantina da Escola Waldorf Querência .....	107
Memória fotográfica 27 – Interior da cantina da Escola Waldorf Querência .....	107
Memória fotográfica 28 – Interior da cantina da Escola Waldorf Querência .....	108
Memória fotográfica 29 – Pôr do Sol do Rio Guaíba .....	110
Memória fotográfica 30 – Casa da Fazenda Criúvas .....	112
Memória fotográfica 31 – Fazenda Criúvas figueira centenária .....	113
Memória fotográfica 32 – Alojamento da Fazenda Criúvas .....	114
Memória fotográfica 33 – Flor de lótus Fazenda Criúvas.....	114
Memória fotográfica 34 – Ninho e pássaros confeccionados com a Técnica de feltragem.....	119
Memória fotográfica 35 – Ninhos e Pássaros confeccionados com a técnica de feltragem.....	120
Memória fotográfica 36 – Capa de agenda em Técnica de feltragem .....	121
Memória fotográfica 37 – Leitura solicitada no curso.....	126
Memória fotográfica 38 – Leitura solicitada no curso.....	127
Memória fotográfica 39 – Germinação do feijão – atividade do curso .....	129
Memória fotográfica 40 – Apresentação do livro Minha Vida autobiografia .....	130
Memória fotográfica 41 – Atividade fazer o pão.....	132
Memória fotográfica 42 – Meu primeiro desenho - atividade de desenho .....	132
Memória fotográfica 43 – Interior de uma sala de aula da Escola Ametista .....	133
Memória fotográfica 44 – Sala de aula da Escola Ametista.....	134
Memória fotográfica 45 – Sala de aula da Escola Ametista.....	134
Memória fotográfica 46 – Sala de aula da Escola Ametista.....	135
Memória fotográfica 47 – Sala de aula da Escola Ametista.....	135
Memória fotográfica 48 – Sala de aula da Escola Ametista.....	136
Memória fotográfica 49 – Sala de aula da Escola Ametista.....	136
Memória fotográfica 50 – Sala de aula da Escola Ametista.....	137

Memória fotográfica 51 – Sala de aula da Escola Ametista .....	137
Memória fotográfica 52 – Escola Candeia inspirada na Pedagogia Waldorf .....	138
Memória fotográfica 53 – Escola Candeia inspirada na Pedagogia Waldorf .....	138
Memória fotográfica 54 – Escola Candeia inspirada na Pedagogia Waldorf .....	139
Memória fotográfica 55 – Lousa artística sala de aula Escola Candeia .....	139
Memória fotográfica 56 – Lousa artística pintada pelas crianças da Escola Candeia.....	140
Memória fotográfica 57 – Lousa artística pintada pelas crianças da Escola Candeia.....	140
Memória fotográfica 58 – Kantele instrumento musical da Escola Candeia.....	141
Memória fotográfica 59 – Materiais de sala de aula da Escola Candeia .....	141
Memória fotográfica 60 – Flautas das crianças da Escola Candeia .....	142
Memória fotográfica 61 – Materiais de sala de aula da Escola Candeia .....	142
Memória fotográfica 62 – Parte do pátio da Escola Candeia .....	143
Memória fotográfica 63 – Atividade fazer o pão na turma de Pedagogia Diurno ....	148
Memória fotográfica 64 – Atividade modelar o pão (Turma de Pedagogia Diurno) .	149
Memória fotográfica 65 – Atividade modelar o pão (Turma de Pedagogia Diurno) .	150
Memória fotográfica 66 – Atividade modelar o pão (Turma de Pedagogia Diurno) .	151





## LISTA DE QUADRO

Quadro 1 – Questões e objetivos da dissertação.....	33
---	----



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EAD	– Educação a Distância
GPKOSMOS	– Grupo de Pesquisas sobre Educação na Cultura Digital e Redes de Formação
PEG	– Programa Especial de Graduação
pW	– Pedagogia Waldorf
UFSM	– Universidade Federal de Santa Maria
UNISA	– Universidade de Santo Amaro



## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>CAPÍTULO INTRODUTÓRIO</b> .....	27
1.1	A METAMORFOSE DA CONSTRUÇÃO: O TEMA DA PESQUISA .....	27
1.2	SITUANDO QUESTÕES DA PESQUISA E OBJETIVOS.....	31
1.3	A CONSTRUÇÃO DOS MEMORIAIS DE FORMAÇÃO E SUA ANÁLISE NARRATIVA.....	33
<b>2</b>	<b>RUDOLF STEINER E OS PRIMÓDIOS DA PEDAGOGIA WALDORF</b> .....	43
2.1	RUDOLF STEINER: UM HOMEM ALÉM DO SEU TEMPO .....	43
2.2	A PROPOSIÇÃO ANTROPOSÓFICA PARA O CONHECIMENTO DO SER HUMANO.....	51
2.3	A CRIAÇÃO DA <i>WALDORF MUTTER</i> E OS PRIMEIROS EDUCADORES WALDORF.....	54
<b>3</b>	<b>VIVENCIAR APRENDENDO: A AUTOFORMAÇÃO DO EDUCADOR WALDORF</b> .....	65
3.1	METAMORFOSE DAS BORBOLETAS: A ESCOLHA.....	65
3.2	EDUCADORES WALDORF: MEMORIAIS DE FORMAÇÃO.....	67
3.2.1	<b>A escolha dos colaboradores da pesquisa</b> .....	67
3.2.2	<b>O Voo das borboletas</b> .....	68
<b>4</b>	<b>MEMORIAL DE FORMAÇÃO DA AUTORA, <i>BORBOLETA LARANJA</i></b> .....	87
4.1	A SALA DE AULA: MEU OLHAR.....	95
4.2	O INÍCIO DA AULA.....	105
4.3	A TRILHA: PROCURA POR QUALIFICAÇÃO EM PEDAGOGIA WALDORF.....	111
4.4	CURSO BÁSICO DA PRÁTICA DA PEDAGOGIA WALDORF – A ARTE DE EDUCAR.....	115
4.5	O VIVENCIAR APRENDENDO .....	118
<b>5</b>	<b>OS PRIMEIROS VÔOS: NAS ASAS DA PRÁTICA DA PEDAGOGIA WALDORF</b> .....	145
<b>6</b>	<b>CONTRIBUTOS DA PEDAGOGIA WALDORF À FORMAÇÃO DO PEDAGOGO DO SÉCULO XXI</b> .....	153
<b>7</b>	<b>À GUIA DE CONCLUSÃO, ALGUNS APONTAMENTOS PARA CONTINUAR A VIVENCIAR APRENDENDO</b> .....	167
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	173
	<b>APÊNDICE</b> .....	179
	<b>APÊNDICE A – PORTIFÓLIO APRESENTADO COMO TRABALHO DE CONCLUSÃO NO CURSO BÁSICO DA PRÁTICA DA PEDAGOGIA WALDORF, MINISTRADO PELA PEDAGOGA WALDORF E EURITMISTA TEREZA CRISTINA SALGADO BARBOSA</b> .....	181



# 1 CAPÍTULO INTRODUTÓRIO

## 1.1 A METAMORFOSE DA CONSTRUÇÃO: O TEMA DA PESQUISA

Nos últimos anos, temos assistido uma eclosão nas demandas comportamentais da, então, sociedade contemporânea, mediada pelos avanços das tecnologias da comunicação e da informação. Na busca por suprir essas vulnerabilidades que têm modificado e alterado os movimentos educacionais da aprendizagem e também os movimentos sociais e das pessoas, gerando inquietação e desconforto, tanto para escola como para professores, pais e alunos, lançamos mão de estudos de novas pedagogias. Compreendemos por “novas” pedagogias as experiências educacionais que têm sido comprovadamente integradas às mudanças atitudinais dos educadores diante das novas gerações.

A partir dessa preocupação com o abismo de incompreensão da realidade atual, buscamos em outras fontes como nossos grupos de estudos de formação de professores, palestras, seminários, leituras, oficinas, apoio para fazermos frente às mudanças nesse processo de repensarmos e [re]significarmos as práticas pedagógicas, buscando atores/autores voltados aos novos tempos. Para dar suporte a essas ações, incluímos como base o conhecimento do ser humano, a autotransformação e o autoconhecimento para o enfrentamento das mazelas da sociedade em geral, por entendermos que é inquestionável, nos dias de hoje, a falta de reconhecimento do homem sobre si mesmo. E, notadamente, o quão complexo é o papel do educador em relação aos métodos de ensino e de aprendizagem que contemplem e encantem os alunos, dando novo sentido às artes, às culturas e às linguagens. Essa busca frenética do ‘hoje obsoleto amanhã’, a queima de etapas e ritmos que se aceleram sem reconhecimento do que já existe, não reconhecendo a si mesmo no outro, tem levado as pessoas a desmerecerem e justificarem tudo aquilo que não são capazes de criar ou inovar; a aceitação do novo tem gerado desconforto entre os adeptos do ‘sempre fiz assim’, o individual se sobressai e o coletivo perde a voz para um novo integrante, o individualismo. Os professores, por sua vez, mesmo com a capacitação em nível elevado, já não logram êxito; a qualificação já não é mais parâmetro para suprir as lacunas existentes que transcendem o aprendido.

Com essas reflexões, chegamos à tematização desta dissertação, qual seja, **a Pedagogia Waldorf e possíveis contribuições à Educação e à Formação do Pedagogo no Século XXI.**

A dissertação foi desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-Graduação em Educação, PPGE, da UFSM, na Linha de Pesquisa 1 – Formação, saberes e desenvolvimento profissional e está vinculada ao GpKosmos, Grupo de Pesquisa sobre Educação na Cultura Digital e Redes de Formação, precisamente ao Projeto Inovar, na busca por pedagogias e/ou movimentos pedagógicos, cujo impacto ofereçam contribuições à Educação no Século XXI.

Por tratar-se de uma linha de pesquisa cujo mote é a formação inicial e continuada de professores, o recorte temático encontra-se no próprio enunciado do título da dissertação, a seguir.

**Vivenciar aprendendo. Contribuições da Pedagogia Waldorf à formação do pedagogo no Século XXI.**

O nosso<sup>1</sup> diálogo substancial com o Professor Valdemar W. Setzer, professor titular do Instituto de Matemática e Estatística (IME) da Universidade de São Paulo - USP, antropósofo e estudioso da pW, trouxe-nos elementos importantes para o recorte epistemológico e metodológico da pesquisa. O gabaritado professor traz-nos a importante questão que passamos a abordar no bojo da problematização dissertativa.

É significativo que a pedagogia Waldorf tenha quase 100 anos (começou em 1919), com dezenas de escolas no Brasil, mas ainda continua revolucionária e praticamente ignorada pelos meios acadêmicos. Por exemplo, ela é abordada nos cursos de pedagogia e licenciatura da sua universidade? Vou citar apenas um aspecto aqui: nenhuma eW do Brasil prepara para o vestibular ou tem seu currículo orientado para ele. Isso já a distingue do que é considerado aqui entre nós, nessa aberração de educação, como uma "boa escola". No entanto, os seus alunos saem-se muito bem nos vestibulares. Finalmente, de certo modo a pW sempre foi construtivista, "hands-on", apesar de não ser piagetiana (Piaget preocupou-se exclusivamente com o aspecto cognitivo e a pW é muito mais abrangente). Como Piaget, a pW é desenvolvimentista, mas também de uma maneira muito mais ampla, levando em conta todos os aspectos do desenvolvimento da criança e do jovem. Visite uma escola para ver com seus próprios olhos... (SETZER, 2016)<sup>2</sup>.

---

<sup>1</sup> Atribuo o diálogo a primeira pessoa do plural por constituirmos eu, o Prof. Setzer e a minha orientadora um pequeno grupo reflexivo, cujo "triálogo" contribuiu na construção do conhecimento na qual estou empenhada.

<sup>2</sup> Trata-se de uma mensagem trocada entre o Prof. Setzer e a orientadora de mestrado por e-mail, cujos pontos de reflexão são aqui mencionados pelo seu valor para a problematização e justificativa da pesquisa.



Todavia, desde 2014, com a obra de Marcelo Veiga e Tania Stoltz<sup>3</sup>, renunciou-se um tênue movimento na academia em busca do resgate das ideias de Rudolf Steiner para a educação, caminho precedido da busca pela própria vida e, por conseguinte, pela humanização. Essa é uma das urgências desta época, demarcada pelo extremo avanço tecnológico, mas com um retrocesso na educação e na formação dos educadores. O mesmo aplica-se ao avanço da pedagogia e da formação dos pedagogos.

A partir da primeira referência em 2014, o dossiê organizado por Stoltz, Veiga e Romanelli (2015)<sup>4</sup> dá continuidade à apresentação e debate do pensamento de Rudolf Steiner, no âmbito científico, neste início de Século. Corroborando com o pensamento anteriormente exposto pelo Prof. Setzer, destacamos o excerto da apresentação do referido dossiê:

Poderia se perguntar, por que só agora na academia, se Rudolf Steiner viveu no século XIX e XX? Provavelmente porque o nível de inconformismo, em relação à vigência de dicotomias expressas ora em discursos abstratos e vazios, ora nos discursos brilhantes que não condizem com a prática, ora, ainda, na condução da prática pela prática, encontrou o seu limite. As escolas Waldorf contam com uma prática reconhecida internacionalmente e manifestada no número crescente de escolas no Brasil e no mundo. No entanto, há poucos estudos científicos que se debruçam sobre os reflexos desta prática ou sobre os seus fundamentos teóricos (STOLTZ; VEIGA; ROMANELLI, 2015, p. 16).

Acreditamos que o aparente desinteresse acadêmico pela pW resulta do fato de ela ser baseada numa concepção conceitual Antroposófica, centrada no homem como ser transcendental, ao passo que a grande maioria dos acadêmicos é materialista, ou seja, admite que há apenas matéria, energia e processos físicos no ser humano e no universo.

A interpretação equivocada da pW, como “doutrinação religiosa”, advém do desconhecimento conceitual da Antroposofia. Rudolf Steiner desenvolve o pensamento antroposófico como um tipo de pensamento conduzido pela reflexão que conduz ao conhecimento de si, um caminho individual de desenvolvimento.

Retomamos o conceito de Steiner de “autoeducação”, na tradução de Setzer:

---

<sup>3</sup> Referência à obra organizada por Marcelo Veiga e Tania Stoltz, “O pensamento de Rudolf Steiner no debate científico”, editado pela Alínea, de Campinas, SP, em 2014.

<sup>4</sup> Referência ao Dossiê “A Pedagogia de Rudolf Steiner em Debate”. **Educar em Revista**. Curitiba, PR: Editora UFPR, n. 56, p. 15-18, abr./jun. 2015. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/educar/issue/view/1877>>. Acesso em: 11 agosto 2016.

Não há, basicamente, em nenhum nível, uma outra educação que não seja a autoeducação. [...]. Toda educação é autoeducação e nós, como professores e educadores, somos, em realidade, apenas o entorno da criança educando-se a si própria. Devemos criar o mais propício ambiente para que a criança se eduque junto a nós, da maneira como ela precisa educar-se por meio de seu destino interior (GA 305, palestra de 16/8/1922, p. 22).

Aproximando o conceito de autoeducação ao conceito de autoformação, o qual nos é caro na área temática da formação de professores, encontramos o “caminhar para si”, de Marie-Christine Josso (2004) e a importância das narrativas de formação, seja por meio de (auto)biografias, seja pelas histórias de vida ou pelos memoriais de formação, meio por nós escolhido na busca da compreensão do “tornar-se educador Waldorf”. A autora percebe a construção da narrativa como uma “atividade psicossomática que pressupõe a narração de si mesmo, sob o ângulo da sua formação, por meio de recurso a *recordações-referências*” (JOSSO, 2004, p. 39). Essas recordações podem ser decisivas na auto-organização de uma vida. Um dos aspectos a ressaltar, desde esta introdução, é o fato de que a construção da narrativa de formação de cada indivíduo conduz a uma riqueza de elementos contidos em aspectos: a) *antropológico*, por trazer à tona as características do ser humano; b) *ontológico*, ao revisitar o aforismo grego “conhece a ti mesmo”, e *axiológico*, por retornar aos valores fundantes e orientadores da existência.

Marcelo da Veiga (1996) endossa a ideia de que Rudolf Steiner abre uma possibilidade da ampliação cognitiva humana, abordando os aspectos mentais e espirituais, pertencentes à esfera mental, podendo vir a se revelar, quando o homem desenvolve intencionalmente uma observação ampliada, mediante procedimentos e exercícios interiores, partindo do pensar racional e evoluindo em sensibilidade para si. Na mesma direção, Junior, Stolz e Veiga (2013, p. 165) consideram a autoeducação como “o ativamento de um exercício pessoal para impulsionar a própria capacidade intuitiva e de fantasia do educador, ambas vinculadas com o conhecimento das leis que envolvem o amadurecimento humano”.

Em suma, se por um lado, as narrativas de formação fazem emergir o educador em autotransformação, por outro, a Antroposofia é um caminho de conhecimento, propondo-se a elevar o espiritual da entidade humana (fundada no microcosmo individual) para o espiritual do universo (o macrocosmo). A Antroposofia sintetiza o pensamento antropossocial e pedagógico de Rudolf Steiner –

antropossocial – como conhecimento do homem em sua dimensão cósmica e pedagógica, porque antevê a autoeducação desse homem no caminhar para si.

Assim, unimos o meu interesse e busca pelo tema ao interesse e busca do nosso grupo, atribuindo ao Projeto Inovar o estudo de pedagogias e movimentos pedagógicos que indiquem caminhos prospectivos à educação das novas gerações. O interesse e opção pelo estudo desta pedagogia e dos(das) educadores(das) Waldorf não é uma escolha aleatória. O nosso interesse pela singularidade da pedagogia Waldorf é reforçado pelo fato de os professores das escolas Waldorf devem estar oficialmente habilitados à prática da profissão, como todos os professores da Educação Básica, sendo estimulados também a buscar uma formação suplementar em cursos específicos sobre pW, podendo estes durarem de um a quatro anos, incluindo estágios supervisionados. Assim, unem-se o meu interesse e as minhas observações sobre o tema à busca por pedagogias que tragam novos sentidos à educação das novas gerações e à formação dos seus educadores, salientando que o rendimento escolar, no Brasil, tem sido muito ruim, com tendência de piora; isso mostra a necessidade de se introduzir outros métodos pedagógicos, entre outras medidas necessárias.

Diante do exposto, reafirmo a pertinência desta pesquisa, pois a pW é a referência a partir da qual questiono: **Qual a especificidade da formação do Educador Waldorf e suas possíveis contribuições à formação do pedagogo na atualidade?**

Acredito ser esta pesquisa uma proposta viável, cotejando nos escritos de Steiner, e dos autores que o abordam, e nas narrativas autobiográficas de formação, inclusive na minha própria narrativa como educadora em formação, bem como no estudo dos aspectos práticos das realidades das escolas Waldorf e nas contribuições da pW à formação do pedagogo na atualidade.

## 1.2 SITUANDO QUESTÕES DA PESQUISA E OBJETIVOS

Entendemos a formação docente, na atualidade, como desafio ao enfrentamento de uma “nova” esfera pedagógica, a qual muitos professores não se sentem preparados. As novas gerações têm um perfil que se diferencia e precisamos compreender como educá-los para o que a vida espera deles como seres humanos. Dessa maneira, surge a necessidade de uma formação pedagógica que integre novas relações no exercício da docência, pois os professores continuam

com o modelo pedagógico tradicional, sem incluir em suas propostas de ensino outras práticas, rompendo com o modelo tradicional estabelecido.

Para isso, uma formação reflexiva e a realização de práticas inovadoras tornam-se o ponto chave para o enfrentamento dos desafios da educação contemporânea, uma vez que o trabalho docente envolve o ensino e as relações entre sujeitos com o conhecimento de si, do outro e do mundo. Diante dos desafios da formação docente, inicial e continuada, muitas questões se antepõem, mas uma das principais é por que os cursos de formação não têm força autotransformadora?

Ao refletirmos sobre a formação inicial de professores, observamos que, em geral, a maioria dos currículos volta-se ao 'ser estritamente ensinante', transmitindo conteúdos em disciplinas estáticas. A dimensão do aprender a sentir, pensar e agir fica legada a um segundo plano ou a nenhum plano.

Miguel Arroyo (2013) percebe uma relação tensa em nossos dias, considerando que a educação e o ensino nunca caminharam muito próximos e ainda se distanciaram mais nas últimas décadas. A partir desse período, consideramos a educação como meio de libertação e o reconhecimento da escola como direito. E da docência, como "humana docência": "Vendo os alunos como gente fomos redescobrimo-nos também como gente, humanos, ensinantes de algo mais do que nossa matéria. Fomos relativizando os conteúdos, repensando-os e selecionando-os em função dos educandos, de sua formação, de sua educação" (ARROYO, 2013, p. 53). Buscamos outras pedagogias, e as práticas autotransformadoras são formas de darmos respostas a nós mesmos, por termos a convicção de que as aulas tradicionais estão ultrapassadas e de que urgem novos horizontes pedagógicos.

Partindo de tais reflexões, chegamos ao tema amplo da nossa pesquisa, qual seja, **a pedagogia Waldorf e suas contribuições à Educação no Século XXI**. Delimitando-o, propomos a questão de pesquisa:

**Qual a especificidade da formação do Educador Waldorf e as possíveis contribuições à pedagogia e à formação do pedagogo na atualidade?**

A seguir, apresentamos o desdobramento da nossa problematização e o recorte que trouxe foco à pesquisa.

### Quadro 1 – Questões e objetivos da dissertação

QUESTÃO PRINCIPAL	OBJETIVO GERAL
Qual a singularidade da pedagogia e da formação do Educador Waldorf e possíveis as contribuições à formação atual do pedagogo?	Analisar os aspectos singulares da pedagogia e da formação do Educador Waldorf e as possíveis contribuições à formação atual do pedagogo.
DESDOBRAMENTOS	OBJETIVOS ESPECÍFICOS
Como se caracteriza a pedagogia Waldorf (pW) a partir do pensamento antropológico e educacional de Rudolf Steiner?	Caracterizar a pedagogia Waldorf a partir do pensamento antropológico e educacional de Rudolf Steiner.
Como se constituiu a primeira escola Waldorf idealizada por Rudolf Steiner e a formação inicial de seus primeiros educadores?	Descrever a constituição da primeira Escola Waldorf e a formação inicial de seus primeiros educadores.
Como se constrói o significado de “Tornar-se Educador Waldorf”?	Compreender o significado de “Tornar-se Educador Waldorf” em narrativas de educadores em formação.
Quais as possíveis contribuições da pW à formação atual do pedagogo?	Inferir possíveis contribuições da pW à formação atual do pedagogo.

### 1.3 A CONSTRUÇÃO DOS MEMORIAIS DE FORMAÇÃO E SUA ANÁLISE NARRATIVA

O nosso interesse pela singularidade da pedagogia Waldorf é reforçado pelo fato de que os professores das escolas Waldorf, além de estarem legalmente habilitados para a prática da profissão, como todos os professores da Educação Básica, são estimulados também a terem formação suplementar em cursos específicos sobre a pedagogia Waldorf, incluindo estágios supervisionados. A especificidade da pedagogia Waldorf, no processo formativo, envolve experiência autotransformativa, marca do educador Waldorf ao longo da vida/profissão.

Nesse sentido, podemos aproximar o entendimento conceitual de importantes referências teóricas: trajetória autotransformativa como experiência de si ou caminhar para si (JOSSO, 2004, 2007, 2010); autoformação e processos autoformativos (NÓVOA, 1995, 2007, 2009), processos (auto)biográficos; (auto)biografias de formação; narrativas de si (ABRAHÃO, 2004, 2005, 2006, 2014a, 2014b; ABRAHÃO; FRISON, 2010; SOUZA, 2004, 2006a, 2006b, 2008, 2011a, 2011b, 2014a, 2014b, 2014c; SOUZA; ABRAHÃO, 2006).

Propusemos a realização de uma pesquisa (auto)biográfica baseada em narrativas de formação, por meio de memoriais, fontes imagéticas (desenhos, pinturas, fotos, filmagens, gravações e fontes documentais, propostas pedagógicas, propostas formativas, escritos, relatórios, depoimentos, planejamentos, etc.), incluindo a construção autobiográfica da autora, participante do Curso de Práticas em Pedagogia Waldorf em Porto Alegre.

A produção da narrativa escrita, mediante Memoriais de Formação, foi realizada com base em um roteiro orientador, versando sobre o perfil do entrevistado, as memórias e as [re]significações da experiência antes, durante e depois do Curso de Práticas em Pedagogia Waldorf. Os participantes foram convidados, porém os deixamos livres para interromper a participação na pesquisa a qualquer momento, sem qualquer prejuízo ou coação. O aceite ao convite foi oficializado pela assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE.

Ao refletirmos sobre a escrita narrativa, é importante considerarmos que “[...] as narrativas escritas oferecem-nos a oportunidade de trabalhar sobre esta questão das experiências formadoras que, numa boa parte, são constituídas pela narração de microssituações (designadas, às vezes, por episódios significativos) que pressupomos não estarem lá por acaso [...]” (JOSSO, 2002, p. 139).

Esse tipo de pesquisa implica nas revitalizações das trajetórias pessoais e profissionais em diferentes contextos, considerando relatos, orais ou escritos, recolhidos mediante entrevista narrativa, diários pessoais, etc, objetivando “compreender uma vida ou parte dela, como possível para desvelar e/ou reconstituir processos históricos e socioculturais vividos pelos sujeitos em diferentes contextos” (SOUZA; ABRAHÃO, 2006, p. 137).

Os autores nos auxiliam a compreender a importância das [res]significações das aprendizagens assimiladas e/ou apropriadas ao longo da vida pelos educadores, podendo ser a todo o momento, colhidas como memórias de experiências [res]significadas sobre as quais novos conhecimentos podem ser construídos.

António Nóvoa (1995) destaca significativamente as memórias de professores, afirmando ser este um “paradigma perdido” da pesquisa em educação. “Hoje, sabemos que não é possível separar o eu pessoal do eu profissional sobre tudo numa profissão impregnada de valores e de ideais e muito exigentes do ponto de vista do empenhamento e da relação humana (p. 7)”.

Quanto às narrativas, Bauer; Gaskell (2015) enfatizam que, por meio delas, as pessoas lembram o que aconteceu, sequenciam a experiência em uma lógica subjetiva, encontram possíveis explicações para isso e jogam com a cadeia de acontecimentos que constroem a vida individual e social. A experiência humana sempre pode ser expressa por meio de uma narrativa.

Para Abrahão (2004), a pesquisa (auto)biográfica é uma forma de história autorreferente, portanto plena de significado, em que o sujeito se desvela, para si, e se revela para os demais. Produzir pesquisa (auto)biográfica significa utilizar-se do exercício da memória, como condição *sinequa non*. A memória é elemento chave do trabalho com pesquisa (auto)biográfica, em geral: histórias de vida, biografias, autobiografias, diários, memoriais. A pesquisa (auto)biográfica, embora se utilize de diversas fontes, tais como narrativas, história oral, epístolas fotos, vídeos, filmes, documentos, utiliza-se do exercício da memorização, por excelência. Esta é o componente essencial na característica do(a) narrador(a) na construção/reconstrução de sua subjetividade. Esta também é a componente essencial com que o pesquisador trabalha para poder construir elementos de análise que possam auxiliá-lo na compreensão de seu objeto de estudo, ao tentar articular memória e conhecimento, procurando edificar uma “arqueologia da memória”.

Corroborando, Nóvoa e Finger (2010) afirmam que a (auto)biografia é uma abordagem que possibilita aprofundar a compreensão dos processos de formação, revelando-se como um “instrumento de investigação, mas também e, sobretudo, como um instrumento de formação”. Uma das autoras da obra supracitada, AdèleChéné (2010), analisa que a narrativa de formação é a narrativa de um fragmento de vida. Além disso, na ficção da narrativa, o sujeito encontra-se já afastado de si próprio; com efeito, por mais que se conte a experiência, esta nunca cabe por inteiro na narrativa. É, portanto, passando pela narrativa, que a pessoa em formação pode reapropriar-se da sua experiência de formação.

É, portanto, passando pela narrativa, que a pessoa em formação pode reapropriar-se da sua experiência de formação. Em resumo, trata-se de utilizar a instância do discurso por meio da qual o indivíduo pode introduzir a sua experiência, e depois, por meio da análise, de nos colocarmos com ele no lugar de intérprete, para sublinharmos o distanciamento do texto em relação à experiência (não pode introduzir-se toda a experiência da formação numa narrativa), a natureza essencialmente comunicacional da língua e, por fim, o sentido da transformação principal pressuposta em toda a experiência de formação (CHENÉ, 2010, p. 123).

Enfim, a nossa expectativa era de que a participação no processo de formação em PW, como contexto de pesquisa, gerando memoriais de formação (de si, dos participantes, de ministrantes), propiciar-nos-ia uma construção a partir da experiência. Abrahão (2011, p. 170) entende que “os Memoriais de Formação permitem, dependendo das narrativas construídas, universalizar as experiências vividas nas trajetórias de nossos personagens”. Este é o mote de nosso desenho metodológico, ao buscar os Memoriais de Formação da autora e de colegas que estiveram no Curso de Práticas em pW em Porto Alegre.

Como assim, incluir a Memória de Formação da autora e dos colegas? Sim, pois, com Cunha (1997, p. 1), compreendemos que “quando uma pessoa relata os fatos vividos por ela mesma, percebe-se que reconstrói a trajetória percorrida dando-lhe novos significados. Assim, a narrativa não é a verdade literal dos fatos, mas, antes, é a representação que deles faz o sujeito e, dessa forma, pode ser transformadora da própria realidade”.

Movemo-nos em um espaço no qual a investigação usa narrativas, sendo, ao mesmo tempo, investigação e formação. Minayo (1994, p. 92) analisa, “ao mesmo tempo em que a realidade informa a teoria esta, por sua vez, a antecede e permite percebê-la, reformulá-la, dar conta dela, num processo sem fim de distanciamento e aproximação”. Este movimento é essencial na prática investigativa que utiliza as narrativas como fonte de conhecimento. As narrativas não podem ser aprisionadas em categorias teóricas pré-definidas, porque buscamos o relato espontâneo. Ao mesmo tempo, temos a expectativa de reconhecer os traços teóricos das nossas referências na análise textual do discurso dos sujeitos e, também, nas suas estruturas cognitivas e afetivas dos seus interlocutores.

O sentido da formação é compreendido por Josso (2007) como *existência singular plural*. A autora traz a questão da formação fundamentada na experiência de si: “A existencialidade é abordada por meio de uma trama totalmente original – porque singular – no seio de uma humanidade partilhada”. É por isso que, em nossas pesquisas com histórias de formação, emprego frequentemente a expressão de nossa existência singular plural (p. 420) (Grifo original).

Abordar a questão da formação fundamentada na experiência de si, ou seja, o conhecimento de si mesmo pelo viés das autotransformações, no percurso de uma vida, no movimento das atividades, dos contextos de vida, dos encontros e desencontros, situações consideradas, como nos lembra Josso (2007), “*formadoras*



*e muitas vezes fundadoras*”, na construção da identidade individual, constituída num conjunto complexo de componentes existenciais, profissionais, relacionais, revelando “*a dinâmica das formas projetadas da existencialidade. Essa trajetória põe em cena um ser-sujeito às voltas com as pessoas, com os contextos e com ele mesmo, numa tensão permanente entre os modelos possíveis de identificação com o outro (conformização) e as aspirações à diferenciação (singularização)*” (p. 420) (Grifo original).

Exatamente o que buscamos em nossa investigação: saber como se formam os educadores Waldorf. Quem os forma? Se desejamos tornar conhecida a pW e estudada nos cursos de licenciaturas, destacando-se a própria Pedagogia, precisamos identificar e compreender “as características seguidas pelos formadores” e também a “definição dos saberes e das formações mais necessárias para o exercício da função de formador”. Assim, começamos a inferir que estudos como este são necessários, para que possamos, no futuro, aspirar ao estudo da pW na academia, como conteúdo integrante do currículo de formação de professores.

Trazendo esses autores e refletindo sobre formação de professores e autotransformação, buscamos compreender o processo de constituir-se professor, neste estudo, compreender o significado de constituir-se educador Waldorf, desvelando também saberes necessários ao exercício da função de formador. Marie-Christine Josso (2010) contribui conosco, ao salientar: “formamo-nos quando integramos na nossa consciência e nas nossas atividades, aprendizagens, descobertas e significados efetuados de maneira fortuita ou organizada, em qualquer espaço social, na intimidade com nós próprios ou com a natureza” (p. 71).

O processo de conhecimento de si mesmo tem início a partir de todas as preconcepções que nos habitam no momento em que empreendemos o caminho biográfico, assim nos ensina Josso (2012). Este caminho, de etapa em etapa, de elaboração em elaboração, vai favorecendo a atualização destas mesmas pré-concepções. O caminhar para si é um projeto a ser construído no decorrer de uma vida, atualizando-se conscientemente pelo projeto de conhecimento daquilo que somos, pensamos, fazemos, valorizamos e desejamos em nossa relação conosco, com os outros e com o ambiente humano e natural.

Aqui trazemos Rudolf Steiner, cotejando excertos que podemos relacionar na proposição metodológica do caminhar para si:

Nosso pensar nos une com o mundo; nosso sentir nos conduz a nós próprios, fazendo de nós um indivíduo. Se fôssemos simplesmente seres pensantes e dotados de percepção, toda a nossa vida transcorreria numa indiferença total. Se apenas nos reconhecêssemos como nós mesmos, nós nos seríamos completamente indiferentes. Apenas porque, com o autoconhecimento, temos a sensação do sentimento de nós mesmos, e com a percepção das coisas temos a sensação de prazer e dor, vivemos como seres individuais, cuja existência não se esgota com a relação conceitual, na qual eles se encontram em relação ao resto do mundo, mas que possuem ainda um valor especial para si mesmos<sup>5</sup> (STEINER, 1962, p. 109).

Os Memoriais de Formação foram elaborados pelos participantes, de acordo com a sua vontade expressa, ou seja, por escrito ou gravada e transcrita. Da mesma forma foram recolhidos outros materiais textuais, fontes imagéticas e de áudio, trabalhos produzidos no curso, dentre outras fontes que exigiram cotejamento de dados e análise narrativa.

Os Memoriais de Formação constituem-se em textos narrativos, podendo ser compreendidos a partir do enfoque biográfico-narrativo, defendido por Antonio Bolívar Botía.

...pretende la exploración de los significados profundos de las historias de vida, em lugar de limitarlo a uma metodología de recogida y análisis de datos. La indagación biográfica sirve para hacer explícitos los procesos de socialización, los principales apoyos de su identidad, los impactos que recibe y percibe, los incidentes críticos em su historia, la evolución de sus demandas y expectativas, así como los factores que condicionan su actitud hacia la vida e hacia el futuro (BOLÍVAR, 2014, p. 117)<sup>6</sup>.

Para o autor supracitado, a análise narrativa se constitui na base da abordagem de pesquisa qualitativa, envolvendo “el juego de subjetividades, en un

---

<sup>5</sup> Unser Denken verbindet uns mit der Welt; unser Fühlen führt uns in uns selbst zurück, macht uns erst zum Individuum. Wären wir bloß denkende und wahrnehmende Wesen, so müßte unser ganzes Leben in unterschiedloser Gleichgültigkeit dahinfließen. Wenn wir uns bloß als Selbsterkenntnis kennen könnten, so wären wir uns vollständig gleichgültig. Erst dadurch, daß wir mit der Selbsterkenntnis das Selbstgefühl, mit der Wahrnehmung der Dinge Lust und Schmerz empfinden, leben wir als individuelle Wesen, deren Dasein nicht mit dem Begriffsverhältnis erschöpft ist, in dem sie zu der übrigen Welt stehen, sondern die noch einen besonderen Wert für sich haben. STEINER, Rudolf. *Die Philosophie der Freiheit – Grundzüge einer modernen Weltanschauung*. Dornach: Verlag der Rudolf Steiner-Nachlassverwaltung, 1962. Disponível em: <<http://fyn-archiv.net/PDF/GA/GA004/GA004-109.html>>, Texto original traduzido para o português por Setzer, V. W. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/steiner/afor-todos.htm>>. Acesso em: 21 agosto 2016.

<sup>6</sup> Tradução nossa: “...pretende a exploração dos significados profundos das histórias de vida, em lugar de limitá-lo a uma metodologia de coleta e análise de dados. A indagação biográfica serve para explicitar os processos de socialização, os principais apoios de sua identidade, os impactos que recebe e percebe, os incidentes críticos em sua história, a evolução de suas demandas e expectativas, assim como os fatores que condicionam sua atitude frente a vida e ao futuro”.

proceso dialógico, se convierte en un modo privilegiado de construir conocimiento”<sup>7</sup> (BOLÍVAR, 2002, p. 4). Os Memoriais de Formação foram gerados em uma ambiência narrativa dialógica, permitindo-nos a construção do conhecimento dos processos autoeducativos dos educadores Waldorf em formação. O autor nos esclarece:

Entendemos como narrativa la cualidad estructurada de la experiencia entendida y vista como un relato; por otro (como enfoque de investigación), las pautas y formas de construir sentido, a partir de acciones temporales personales, por medio de la descripción y análisis de los datos biográficos (Ibid., p. 5)<sup>8</sup>.

Paul Ricoeur (1995), o precursor da hermenêutica interpretativa, também citado por Bolívar (2002), concebe a narrativa como uma particular reconstrução da experiência e que, mediante um processo reflexivo, dá significado ao sucedido, portanto, à experiência. Ratificando a importância da hermenêutica interpretativa, voltamos a Ricoeur (1991), em sua afirmação: “é pela escala de uma vida inteira que o si procura sua identidade: entre as ações curtas, às quais se limitam nossas análises anteriores sob o constrangimento da gramática das frases de ação, e a conexão de uma vida” (p. 139). Para ele não existe narrativa eticamente neutra.

...a pessoa, compreendida como personagem de narrativa, não é uma entidade distinta de suas ‘experiências’. Bem ao contrário: ela divide o regime da própria identidade dinâmica com a história relatada. A narrativa constrói a identidade do personagem, que podemos chamar sua identidade narrativa, construindo a da história relatada. É a identidade da história que faz a identidade da personagem (RICOEUR, 1991, p. 176).

Retomando a ideia de que a narrativa constrói a identidade da personagem, a sua identidade narrativa, compreendemos a possibilidade de interpretarmos os meandros da autotransformação do eW - personagem - construindo a história relatada, cuja identidade faz a sua própria identidade como pessoa em permanente desenvolvimento, sempre caminhando para si. Porém, a possibilidade disso se deve à abertura da personagem à narrativa de si.

---

<sup>7</sup> Tradução nossa: “O jogo de subjetividades, em um processo dialógico, se converte em um modo privilegiado de construir conhecimento”.

<sup>8</sup> Tradução nossa: “Entendemos como narrativa a qualidade estruturada da experiência entendida e vista como um relato; por outro (como enfoque de investigação), as pautas e formas de construir sentido, a partir de ações temporais pessoais, por meio da descrição e análises dos dados biográficos”.

A Análise Narrativa é uma estratégia metodológica ainda em construção, em trabalhos de análise de produção escrita. Não identificamos nas buscas do Conhecimento atual do tema trabalhos de narrativas de educadores Waldorf em processo de formação. Nela, cada personagem narrativa será identificada por meio de nome fictício, mantendo a confidencialidade da identidade do narrador. Cada participante tem um modo peculiar de narrar a sua experiência.

Nesse tipo de análise, o conhecimento não está oculto, cabendo ao pesquisador desvelá-lo. Nos excertos de enunciações podemos produzir significados e constituir processos autoeducativos em movimento, como também podemos desenvolver a escuta sensível ao sujeito da formação, desvelada por Josso (1988, 2007), em busca das singularidades dos educadores Waldorf, aos quais devemos gratidão por terem compartilhado o seu “vivenciar aprendendo”.

*Como seres humanos nós andamos; mas existe o chão sobre o qual andamos. Ninguém se sente restringido no andar pelo fato de ter o chão sob seus pés. Pelo contrário, o ser humano deveria saber que, se não fosse o chão, ele não conseguiria andar, estaria caindo por toda parte. Assim também é com a nossa liberdade. Ela necessita do chão do determinismo. Ela precisa elevar-se a partir de uma base. Essa base somos nós mesmos.*

Rudolf Steiner (1923, p. 61-62).



## 2 RUDOLF STEINER E OS PRIMÓRDIOS DA PEDAGOGIA WALDORF

### 2.1 RUDOLF STEINER: UM HOMEM ALÉM DO SEU TEMPO

Este estudo dissertativo, desde as primeiras intenções, requereu o encontro com Rudolf Steiner (1861-1925), o qual dedicou sua vida intensamente em pensar uma nova ciência do humano, a Antroposofia. O pensamento de Steiner recebe a influência direta de Johann Wolfgang Von Goethe, *o que nos provoca à compreensão dessas influências e implicações na concepção da educação Waldorf.*

Rudolf Steiner é conhecido como filósofo, cientista, educador, conferencista e escritor com formação científica sólida. Coursou a Escola Politécnica de Viena e concluiu o Doutorado em Filosofia na Universidade de Rostock, na Alemanha. Deixou o seu legado em diversas áreas do conhecimento – filosofia, história, pedagogia Waldorf e educação terapêutica, arquitetura, farmacologia, teologia, agricultura, várias terapias medicina, artes plásticas, obras científicas, espirituais e artísticas – as quais fazem parte da sua trajetória. Além disso, escreveu cerca de 40 livros e mais de 250 volumes de transcrições das 6.000 palestras que realizou. Sua tese de doutorado, Verdade e Ciência, trata da essência do pensar, a qual, posteriormente, foi expandida na obra filosófica considerada pelo autor como sua mais fundamental, a que iria perdurar pelos tempos, intitulada ‘A Filosofia da Liberdade’, publicada, no Brasil, pela Editora Antroposófica, no ano de 2008.

Sobre a sua autobiografia, podemos afirmar que foi um marco importante em seu trajeto existencial, escrita já no fim da vida por incentivo de amigos, narrando uma vida de constatações, indagações e descobertas. Uma trajetória intrigante, da infância à idade adulta, com contribuições relevantes para a sociedade até os dias de hoje, infelizmente pouco conhecida.

Sobre a sua autobiografia, Rudolf Steiner confessa: “Meus amigos tinham o firme propósito de que seria bom escrever sobre minhas vivências, embora este não fosse o meu desejo, escrevi para não dar margem a comentários maliciosos e não verídicos” (STEINER, 2006, p. 21). Vai além, quando externa sua opinião sobre sua autobiografia: “Devo confessar que isso não consta entre minhas inclinações; pois sempre foi meu empenho elaborar o que tinha a dizer, e o que acreditava dever fazer, conforme exigiam as coisas, e não para satisfazer o lado pessoal” (STEINER, 2006, p. 22).

Assim, vamos aprendendo sobre Rudolf Steiner com a sua narrativa autobiográfica. Ele foi um filósofo e cientista nascido dentro das fronteiras do antigo Império Austro-Húngaro (atual Croácia), em 1861. Era filho de Johanne Steiner (1829-1910), telegrafista da ferrovia e Franziska Steiner (1834-1918), que se dedicava aos cuidados do lar. Rudolf Steiner era filho primogênito e tinha uma irmã, Leopoldine Steiner (1864-1927), e um irmão, Gustav Steiner (1866-1942).

No âmbito da multiplicidade das áreas com que a filosofia se ocupa, ele se dedicou centralmente à "Teoria do Conhecimento". Foi fundador da Antroposofia, da pedagogia Waldorf, da agricultura biodinâmica, da medicina antroposófica e da Eurytmia.

Rudolf Steiner viveu em sua cidade, Kraljevec, com os pais, até completar um ano e meio de idade, quando a família, por conta do ofício do pai, foi transferida para Modling, perto de Viena. Posteriormente, em Pottschach, na Baixa-Áustria, o pai de Rudolf Steiner assumiu o cargo de diretor da estação. Nesse local, Rudolf Steiner completou dois anos de idade e ficou até aos oito anos. Sobre esse período ele declara: "Uma maravilhosa paisagem envolveu minha infância" (STEINER, 2006, p. 23). Ainda criança, apaixonou-se por livros de contos com figuras que tinham movimento. Começou a ler muito cedo e sozinho, manuseando estes livros. A escrita veio mais tarde: "Tinha verdadeira predileção por tudo que fazia movimentos, amava os livros que tinham figuras móveis acompanhados de pequenos contos que recebiam vida própria, quando alguns elementos se puxavam por fios, com eles aprendi a ler sozinho" (STEINER, 2006, p. 25). A família viveu em Pottschach, até os oito anos de Steiner. Lugar de natureza abundante e fascinante, onde se podia ver os Alpes, passear e observar o vai e vem dos trens e das pessoas na estação, assim como, trocar informações com as famílias da aldeia. Além da natureza, o menino Rudolf Steiner convivia diariamente com as tecnologias da época que o encantavam por seus movimentos. O moinho, a fiação, os trens e o telégrafo eram o seu mundo emoldurado pela natureza. Estas tecnologias aguçavam a curiosidade e alimentavam a percepção.

O pai de Rudolf Steiner havia sido educado por monges em um mosteiro, o que justificou cuidar da educação do filho a partir de dado momento. Rudolf Steiner narrou que, mesmo seu pai sendo seu professor, "Não tinha real interesse pelos conteúdos, em contrapartida chamava-lhe a atenção os afazeres do pai, o que ele escrevia, e ao tentar imitá-lo com este gesto aprendeu muito" (STEINER, 2006, p. 26).



Entre trens de ferro, telégrafo, moinho, fiação e a natureza farta e abundante, seus dias de menino eram completos. Rudolf Steiner conta, em sua biografia, que “Ter passado a infância em tal ambiente foi significativo para minha vida, meu interesse foi aguçado pelo lado mecânico com que convivia” (STEINER, 2006, p. 24), tinha tudo que uma criança desejava, sua imaginação fértil podia voar livremente, assim como passear pelos campos. Alguns fatos marcaram a sua infância, além do mestre-escola, que imputou a ele um fato não verídico, fazendo com que seu pai o tirasse da escola.

Nesse período de grandes descobertas para o menino Rudolf Steiner, mesmo as tecnologias e a natureza sendo mais interessantes que a escola, esta era obrigatória. Então, Steiner começou a frequentar a escola em Neudorf, uma pequena aldeia húngara conhecida por ter, nos seus arredores, uma fonte de água rica em ferro e gás carbônico de nome Sauer Brunn, água que, no almoço, era saboreada e muito bem vinda por todas as famílias da aldeia, uma verdadeira oferta da natureza.

Morar em Neudorf tinha seus encantos, o prazer de poder passear sozinho e colher os frutos da natureza, na floresta haviam amoras, framboesas e morangos que se transformavam em deliciosas sobremesas para a família, além disso podia ter contato com as pessoas da aldeia que ali se abasteciam de lenha (STEINER, 2006, p. 28).

Aos nove anos de idade, Steiner teve seu primeiro contato com a geometria, fato histórico que marcou a sua vida acadêmica. Tornou-se um pouco mais ambientado com a escola, com os colegas e, principalmente, com o professor auxiliar, Henrich Gangl, que vivia em um quarto anexo à escola, rodeado por livros, ambiente que chamava a atenção do menino Rudolf Steiner, muito embora não gostasse muito das aulas do referido professor.

Foi em uma visita aos aposentos do professor auxiliar, que o menino Steiner viu um livro de geometria. Sobre esse fato, Steiner (2006, p. 31) escreve em suas memórias: “encontrei pela primeira vez a felicidade”, tal fora o seu encantamento. Por conta do seu bom relacionamento com o professor, pediu a este o livro emprestado, passando dia após dia a ler, segundo ele, exaustivamente. A partir do seu encontro com a geometria, um novo mundo foi se desenvolvendo ao longo de sua vida, além do prazer e a da felicidade do conhecer. “O professor auxiliar de

Neudorfl me proporcionou com seu livro de geometria, a justificação do mundo espiritual da qual eu necessitava então” (STEINER, 2006, p. 32).

Revela em sua autobiografia: “No entanto, eu lhe devo ainda muito mais. Ele me trouxe o elemento artístico” (STEINER, 2006, p. 32). O professor auxiliar chamava a sua atenção, pois tinha muitos dons, que dia após dia o encantavam. Com ele, Rudolf Steiner conheceu a música e, principalmente, o desenho, pois o professor tocava violino, piano e desenhava lindamente. Entre as atividades artísticas, Rudolf Steiner aprendeu com o professor a desenhar com lápis-carvão. Na sua autobiografia, Rudolf Steiner (2006, p. 32) relata o seu fascínio com essas palavras: “Eu ficava junto dele tanto tempo quanto possível”, retratando o prazer em estar ao lado do seu admirado professor e, a partir disso, o professor auxiliar passou a ter os seus passos imitados por Rudolf Steiner.

Perto de completar onze anos, por decisão de seu pai, começou a frequentar primeiramente o Colégio Científico onde permaneceu por pouco tempo, indo logo após para o liceu. Steiner (2006, p. 39-40) comenta sobre esse fato: “O lance final, na decisão sobre ser enviado para o Liceu Clássico ou para o Colégio Científico, foi dado a meu pai por sua intenção de me proporcionar a formação correta para uma ‘colocação’ na estrada de ferro”. Assim, foi estudar em uma cidade chamada de Wiener-Neustadt. Frequentemente, completa o autor, “eu tinha de atravessar a vau, a neve toda, que atingia a altura dos joelhos e chegava em casa como um ‘boneco de neve’”, tudo isso para chegar ao seu destino, na busca por uma formação adequada. Mesmo utilizando o trem, por algumas vezes, este não funcionava, além disso, no inverno, a neve era fortíssima e, por vezes, tinha que fazer o trajeto a pé, uma vez que na volta da escola não havia mais trem, a escola ficava bem distante de sua casa e isso era feito diariamente. “No verão, a caminhada de Wiener-Neustadt até Neudorfl é muito bonita; no inverno, muitas vezes era ‘penosa’”. Mas a intenção de Johanne, seu pai, era ver o filho formado engenheiro para trabalhar na estrada de ferro onde ele trabalhava.

Para Rudolf Steiner nada disso fazia sentido, pouco se importava com a escolha da escola, este assunto não lhe trazia sequer curiosidade. E foi nessa escola, o Liceu, que por dois anos Rudolf Steiner tinha apenas a certeza de que tudo aquilo não lhe trazia prazer e muito menos respondia aos seus questionamentos, razão pela qual não foi considerado um aluno interessado. Segundo o próprio: “Os

processos então conduzidos com vistas ao meu futuro transcorriam sem profundo interesse de minha parte” (STEINER, 2006, p. 39).

Rudolf Steiner (2006, p. 40) continua narrando em sua autobiografia: “Tinha uma necessidade que o dominava intensamente. Ansiava por pessoas que pudesse imitar na vida, como exemplos humanos. Entre os professores dos primeiros anos ele não havia encontrado”. Uma das razões do não aproveitamento da aprendizagem é que ele não identificava em nenhum dos professores o que ele procurava, um exemplo para imitar. Continuam as lembranças: “Nos dois primeiros anos tive muita dificuldade para acompanhar as aulas, só no segundo semestre do segundo ano houve uma melhora. Só então me tornei um bom aluno”. A adaptação do campo para a cidade foi um dos empecilhos em sua aprendizagem.

A partir do 3º ano, conheceu um professor de matemática e física que correspondia a seus anseios e angústias. Após muito esforço, obteve o reconhecimento com notas acima da média, fato jamais atribuído a nenhum aluno até então. Com esse episódio, surgiu o interesse em ensinar. A matemática era o seu mundo, dominava a estatística e a geometria descritiva, sua grande paixão, tinha admiração por seu professor ao ponto de dizer: “esse, sim, eu podia esforçar-me em seguir” (STEINER, 2006, p. 42) Tudo isso, sem esquecer da natureza e das tecnologias da época que ele tanto admirava e que embalaram seus sonhos de criança e muito menos do seu professor auxiliar que lhe apresentou os elementos artísticos e a geometria. O fato é que, na realidade, Rudolf Steiner tinha muitas interrogações e buscava respostas.

Aos catorze anos de idade, a mudança de atitude em Rudolf Steiner era visível. Já exercitava suas capacidades pedagógicas, sendo indicado por seus professores para dar aulas aos colegas da turma, como reforço, e a colegas de outras turmas de nível inferior a sua. Grande parte de sua juventude dedicou-se aos estudos e à tarefa de ministrar aulas particulares de todas as matérias. “Na idade de catorze anos eu tivera de começar a dar aulas particulares; durante quinze anos até o começo do segundo período da minha vida, passados em Weimar, o destino me manteve nessa atividade” (STEINER, 2006, p. 157). Nessa mesma época, então adolescente, começou a ler o livro “Crítica da Razão Pura”, de Immanuel Kant (1724-1804), após economizar muito para comprar esse volume. Lia incessantemente, chegando ao ponto de, nas aulas de história, destacar uma a uma as páginas e colocar dentro do livro de história, só para poder continuar lendo. Fazia

de conta que estava assistindo a aula, mas, na verdade, achava as aulas de histórias enfadonhas, ao passo que a leitura do livro, naquele momento, era bem mais interessante.

Surpreendentemente, considerando a sua juventude, mesmo lendo algumas páginas por mais de vinte vezes, conforme consta em sua autobiografia, ele relata: “naquela época eu me comportava de maneira totalmente acrítica em relação a Kant; mas não conseguia avançar por intermédio dele” (STEINER, 2006, p. 45). A sua interpretação sobre a razão humana não condizia com os escritos de Kant, pois ele queria compreender a capacidade da razão humana, mas não tinha conhecimento para chegar a uma conclusão, sequer conhecia outros escritos deste filósofo. “À minha maneira de adolescente, eu ansiava por compreender a capacidade da razão humana em ter tal discernimento da essência das coisas” (STEINER, 2006, p. 43). Apesar desse novo artifício preencher a sua vida, Rudolf Steiner continuava se dedicando à matemática e às ciências naturais.

Nesse cenário onde a estação de trens se fazia cúmplice, Rudolf Steiner conheceu o Dr. Carl Hickel (1813-1905), médico de Wiener-Neustadt que visitava os doentes em Neudorf, costumando fazer o trajeto a pé e, no final das visitas, se dirigia à estação de trens para retornar a sua casa. “Ele não gostava de falar de sua profissão médica, e sim, muito mais, de literatura alemã. Foi por intermédio dele que ouvi falar pela primeira vez de Lessing, Goethe, Schiller” (STEINER, 2006, p. 37). Rudolf Steiner tornou-se amigo do médico, obtendo, assim, conhecimento sobre diversos autores da literatura alemã. A partir daí um novo mundo se apresenta, um novo mundo havia penetrado em seu horizonte.

Este relacionamento reiniciou quando Rudolf Steiner foi estudar em Wiener-Neustadt e reencontrou o médico. A partir disso, fazia visitas frequentes à casa do Dr. Hickel, vindo, nessa ocasião, a conhecer a biblioteca particular dele, onde pode usufruir de diversos exemplares, mas com a condição de que, ao ler a obra, deveria discutir suas impressões com o médico. Rudolf Steiner relata que “com isto ele se tornou efetivamente meu professor de literatura poética - pois até então esta, tanto na casa paterna como na escola, com exceção de algumas “amostras”, estava bem distante de mim” (STEINER, 2006, p. 46).

Outro evento que viria a influenciar a sua vida seria o acesso aos livros matemáticos, escritos por Henrich Borchert Lübsen, destinados aos estudos autodidáticos envolvendo geometria analítica, trigonometria e cálculos - diferencial e integral.

Novamente, a família fora transferida de cidade. Rudolf Steiner, com dezoito anos de idade, foi para a Escola Politécnica de Viena, continuando as suas leituras sobre filosofia em autores como Kant, Hegel, Schelling, Herbart, Fichte. Mas seu pai desejava ver o filho formado engenheiro para trabalhar na ferrovia. Nessa escola, surge mais uma descoberta: a literatura alemã, com a qual ele já havia tido contato, fazia parte dos conteúdos escolares.

Rudolf Steiner conheceu o poeta Karl Julius Schroer, professor de literatura alemã que o incentivou à leitura de Fausto, de Goethe (1749-1832). Rudolf Steiner estava com 19 anos de idade e passou a ter grande admiração por este professor, sobre esse momento ele conta: “Foi então que pela primeira vez li o Fausto, de Goethe. Realmente não cheguei a esta obra senão com dezenove anos, quando Schroer me estimulou à sua leitura” (STEINER, 2006, p. 58). Muito antes desses acontecimentos, Steiner havia conhecido o filósofo Robert Zimmermann (1898-1924) que lhe presenteou com um exemplar do referido livro de Goethe.

Schroer fizera os comentários da edição da segunda parte de Fausto e foi a partir dessa amizade entre aluno e professor que Rudolf Steiner teve contato mais íntimo com as obras de Goethe, sendo indicado por seu professor para colaborar na edição dos manuscritos de Goethe. Em sua autobiografia consta que “realmente eu sempre tinha, quando assim a sós com Schoer, a sensação de que ainda havia um terceiro ali presente, o espírito de Goethe” (STEINER, 2006, p. 86).

Rudolf Steiner, embora tivesse iniciado a pouco os estudos de literatura alemã, em especial, causou impacto o acesso à vida e à obra de Friedrich Schiller (1759-1805), amigo de Johann Wolfgang Von Goethe. Ele relata, em sua autobiografia, que havia sido cativado desde a primeira aula.

A partir deste contato com as obras de Goethe, indicado por Schroer e convidado por Joseph Kurschner, Steiner, aos 21 anos, colaboraria na parte da obra sobre Ciências Naturais, de Goethe, no Arquivo Goethe-Schiller em Weimar, no âmbito da edição completa. A convite da Grã-Duquesa Sofia da Saxônia, em 1889, Rudolf Steiner foi, pela primeira vez, à Alemanha. Ele descreve em sua autobiografia que resultou em sua alma uma imagem da Cosmvisão Goethiana. Para Steiner, Goethe tornou-se o Galileu da biologia em referência ao que o segundo fez pelo mundo inorgânico (STEINER, 2006, p. 100). Ao trabalhar nos manuscritos, descreve que “não vivíamos no presente, éramos arrebatados à época Goethiana”, tal era o seu fascínio e comprometimento com o trabalho.

Carlgren e Klingborg (2006, p. 7) citam que Steiner escreveu, em 1886, *Linhas Básicas de uma Teoria do Conhecimento da Concepção Goethiana de Mundo*, com a referência especial a Schiller. Em 1891, foi publicada a obra *Verdade e Ciência*, sua tese de doutorado ampliada, um tema da teoria do conhecimento e, em 1894, saiu a sua principal obra filosófica, *A Filosofia da Liberdade*.

Os autores supracitados comentam que Steiner teve uma experiência riquíssima como professor particular, aos vinte e três anos de idade, quando foi convidado a dar aulas para três crianças da mesma família. Steiner teria que ministrar aulas de reforço e, para um menino que tinha hidrocefalia, necessitava ter mais cuidados, por meio de medidas pedagógicas. Na divisão rítmica do dia e com o seu ensino concentrado, conseguiu obter uma melhora tão radical no último que, após dois anos o menino pôde ser matriculado numa escola comum, em classe de crianças da sua idade. Steiner continuou a cuidar da sua educação até mesmo na escola, resultando em sua formação futura como médico, vindo a falecer na primeira Guerra Mundial.

Após essa experiência, em que pôde desenvolver e criar diversas práticas pedagógicas, a pedagogia Waldorf já estava sendo desenvolvida. Desde os tempos de criança, quando buscava pessoas para imitar, revelava os seus primeiros indícios. Rudolf Steiner comenta, em sua autobiografia, que teve a oportunidade de aperfeiçoar os conhecimentos de grego e de latim, dando aulas de reforço das matérias do liceu a este e a mais outro menino da família.

Rudolf Steiner relata sobre esta experiência:

Essa tarefa pedagógica se tornou, para mim, uma rica fonte de aprendizado. A didática que eu tinha de aplicar me abriu a perspectiva da relação entre o anímico-espiritual e o corpóreo no homem. Percebi como a educação e o ensino têm de tornar-se uma arte baseada em real conhecimento do homem (STEINER, 2006, p. 95).

Rudolf Steiner viria a ser professor, em Berlim (1899-1904), na Escola de Formação de Trabalhadores, desta vez, na área de formação de adultos. Seus alunos nutriam por ele grande admiração e gratidão. Em suas lembranças da infância e juventude, menciona: “acredito até mesmo que, em minha vida, não brinquei menos do que outras pessoas. Só que o que normalmente se faz antes dos dez anos, eu recuperei entre 23 e 28” (STEINER, 2006, p. 96). Relembra que os professores de História e Geografia que teve na sua infância não possuíam tanta importância nas primeiras séries, passando a ter importância nas séries superiores,

a partir do instante em que o professor de Geografia, Franz Kofler, desenhou na lousa as relações geográficas dos Alpes, para explicar o conteúdo. Isso trouxe elementos que ele mesmo conhecia do seu convívio, através do artístico, e esta relação despertou outro sentimento. Com relação às aulas de História, relata em sua autobiografia: “só no último ano do colégio científico tive um professor que me cativava também por sua aula de História. Ele ensinava história e geografia” (STEINER, 2006, p. 51). Esse professor ensinava essas disciplinas de maneira atraente, ou seja, introduzia elementos artísticos para se expressar, maneira já adotada pelo professor anterior, falando de coisas que tinham relação com o meio em que ele vivia, a exemplo das aulas de geografia dos Alpes, por esta razão sentia na disciplina vários significados.

Em Berlim, ao frequentar os círculos literários, entrou em contato com o movimento teosófico. Segundo a sua narrativa autobiográfica, foi o único grupo que estava interessado em ouvir o que ele tinha a contar conceitualmente sobre as suas pesquisas acerca do mundo espiritual, as quais vinha realizando há anos. Assim, no começo do Século XX, Steiner desenvolve uma carreira como conferencista, expondo as suas ideias esotéricas, tornando-se Secretário-Geral da Sociedade Teosófica na Alemanha. No entanto, impôs que iria transmitir suas próprias pesquisas espirituais, sem usar os escritos teosóficos. Steiner introduziria, nos congressos do movimento teosófico, atividades e apresentações artísticas, passando estas a serem parte essencial do movimento.

Porém, logo em seguida, entraria em choque com alguns dirigentes da sociedade, que estavam seguindo uma corrente orientalista e tinham declarado o jovem hindu Krishnamurti de nove anos, como uma reencarnação do Cristo. É interessante notar que Steiner não negou isso ostensivamente, mas deu vários ciclos de palestras sobre os evangelhos, mostrando como isso seria impossível. A discordância levou-o à separação da Sociedade Teosófica, em 1913, seguido por vários membros, formando-se, assim, a primeira Sociedade Antroposófica.

## 2.2 A PROPOSIÇÃO ANTROPOSÓFICA PARA O CONHECIMENTO DO SER HUMANO

A Antroposofia vem do grego *antropos*, homem e *sofia*, sabedoria, portanto, conhecimento do homem, reunindo uma visão complexa da espiritualidade humana, da ciência e da estética, para responder às questões mais profundas do

conhecimento do homem sobre si mesmo e sobre as suas relações com o universo. Filosofia? Antropologia social? Ambas? É essa complexidade que, na pedagogia Waldorf, vai concretizar-se, fundamentando a educação do ser humano. Rudolf Lanz (1983) afirma que “Antroposofia significa sabedoria do homem. Mas não se trata apenas de antropologia; trata-se, na realidade, de uma ciência do Cosmo, tendo por centro e ponto de apoio o homem” (p. 16).

A Sociedade Antroposófica foi fundada por Rudolf Steiner, em Dornach, Suíça, em 1913, como uma dissidência da Sociedade Teosófica. Para a nova Sociedade, construiu um prédio de madeira, denominado Göetheanum, em homenagem a Goethe, considerado uma verdadeira obra de arte. Da Suíça, a Antroposofia espalhou-se pelo mundo com uma visão peculiar a respeito da missão do ser humano no universo e como parte do cosmos, traduzindo-se em resultados práticos com o desenvolvimento da pedagogia Waldorf.

A Antroposofia surge como uma bússola indicando o caminho, aparece no ser humano como necessidade do coração e do sentimento, autojustificando-se porque pode proporcionar a satisfação dessa necessidade puramente humana. O fundador alerta para a realidade de que a Antroposofia só pode ser reconhecida por aqueles que nela encontram o que buscam, a partir da sua sensibilidade. Portanto, somente podem ser antropósocas as pessoas que sentem necessidade de perguntar sobre a essência humana e do universo como uma atividade reflexiva vital.

Em uma palestra proferida em Milão, em 21/9/1911 (no volume GA-130 do catálogo geral), Steiner disse:

Muitas coisas que eu disse hoje somente podem ser controladas por meio da pesquisa oculta. Mas, meus queridos amigos, peço a vocês que não acreditem nessas coisas e as verifiquem com os fatos que acontecem na História e com todas as experiências que tiverem. Estou tranquilo em saber que, quanto mais as examinarem, tanto melhor podê-las-ão confirmar. Na época do intelectualismo, eu não apelo à sua fé em uma autoridade, mas ao seu exame intelectual.

De acordo com Rudolf Lanz, a Antroposofia distingue-se de caminhos exotéricos, porque não se utiliza da mediunidade, nem da hipnose.

Pois bem, a Ciência Espiritual Antroposófica ou “Antroposofia”, fundada e estruturada por Rudolf Steiner, afirma seguir essa via. Ela não é religião nem seita religiosa. Distingue-se da especulação filosófica pelo seu fundamento em fatos concretos e verificáveis. E distingue-se de caminhos exotéricos, como o espiritismo, pelo fato de o pesquisador, que se conserva dentro dos métodos por ela preconizados, manter a sua plena consciência, sem qualquer transe, mediunismo ou estados estáticos ou de excitação artificial (LANZ, 1983, p. 15).



O autor segue,

A Antroposofia é ciência! Mas é uma ciência que ultrapassa os limites com os quais até agora esbarrou a ciência comum. Ela procede cientificamente pela observação, descrição e interpretação dos fatos. E é mais que uma teoria, um edifício de afirmações. Com efeito, ela admite e reconhece todas as descobertas das ciências naturais comuns, embora as complete e interprete com suas descobertas. [...] Mas como toda boa ciência, a Antroposofia não se limita a afirmar, a expor resultados; indica seu método e o caminho cognitivo que deve ser seguido para alcançar o conhecimento dos fatos expostos, nunca exigindo fé cega. O estudioso da Antroposofia deve manter seu espírito bem vigilante; só ficará satisfeito quando as doutrinas antroposóficas confirmarem as descobertas da ciência comum ou trouxerem uma solução para um problema que, sem aquela, teria ficado insolúvel (p. 16).

Ao trazer a Antroposofia como base para a constituição da pedagogia Waldorf, prospectamos o que muda na visão de um educador, quando este opta por uma formação ampliada pela Antroposofia. Esta, como uma ciência que tem em sua base o conhecimento do ser humano, permitirá a ele outra compreensão do ser humano, como ser único, pleno em seu desenvolvimento de corpo, alma e espírito. O educador, baseado nos princípios antroposóficos irá promover a educação das crianças e dos jovens de modo que estes sejam respeitados em seu ritmo e recebam o que estiverem preparados para receber, de acordo com a sua idade, em direção ao desenvolvimento pleno e saudável.

Para Rudolf Lanz, no prefácio de seu livro *“A Pedagogia Waldorf. Caminho para um ensino mais humano”*, 12ª edição, ano de 2016, afirma que a Antroposofia tem por centro a imagem do ser humano distinta dos conceitos que a civilização atual elabora a esse respeito. Steiner primava pela liberdade, como filosofia e práxis. Uma de suas premissas era educar seres humanos para que fossem livres, e essa é uma das grandes missões humanas, desenvolver a liberdade aqui na terra.

Portanto, a Antroposofia liberta a pedagogia de seu estruturalismo e a promove como uma pedagogia do humano – a pedagogia Waldorf. Esta é universalista, ou seja, aberta a todos, independentemente de credo, etnia ou nível socioeconômico. O seu ensino é liberal, admitindo professores de diferentes formações, desde que idealmente identifiquem-se com a pedagogia e com a Antroposofia. Com relação à liberdade na escolha das matérias e na elaboração do currículo é de cada escola e de cada professor ao organizar as suas aulas com a consciência de primar pela evolução e tomada de consciência do ser humano em relação ao querer, ao sentir e ao pensar, ao longo do seu desenvolvimento.

Nessa direção, compreendemos a importância de estudarmos os movimentos pedagógicos da educação Waldorf e a ênfase dada à autotransformação *do/a educador/a Waldorf*, processo de autoaprendizagem que ocorrerá ao longo da vida. Tal estudo construtivo irá requer esse encontro com Rudolf Steiner, envolvido intensamente em pensar uma nova ciência do humano, a Antroposofia, e desafiado a construir a pedagogia Waldorf para uma nova escola, além do seu tempo, talvez a escola do Século XXI.

### 2.3 A CRIAÇÃO DA *WALDORF MUTTER* E OS PRIMEIROS EDUCADORES WALDORF

A pedagogia Waldorf surgiu no epicentro do caos econômico e social deixado pela Primeira Guerra Mundial (1914-1918), a sociedade europeia clamava pela reorganização da ordem e do Estado na perspectiva de melhores dias.

Em 1919, Emil Molt, diretor da fábrica de cigarros Waldorf-Astória, pediu que Steiner organizasse palestras para seus funcionários. Steiner falava sobre uma nova organização social, os funcionários da fábrica tiveram dificuldade em entender o que ele dizia, ao ponto de perceberem que esta dificuldade provinha de sua educação falha, então, pediram a Steiner que formasse uma nova escola para seus filhos, uma escola baseada em sua cosmovisão do ser humano; a escola logo se tornou independente e foi a origem da Pedagogia Waldorf que, posteriormente, se espalhou pelo mundo. No mesmo ano – percebendo que a Primeira Guerra Mundial tinha sido fruto de concepções sociais, absolutamente incoerente com a constituição do homem moderno – escreveu o livro *Os Pontos Centrais da Questão Social*, proferindo dezenas de palestras sobre uma nova organização social que ele chamou de “Trimembração do Organismo Social”. Essa organização é aplicada hoje em dia na organização de empresas em bancos com finalidade social. Na organização de instituições antroposóficas, foi a base do que veio a se chamar de Pedagogia Social.

Posteriormente, a Sociedade Antroposófica e as Escolas Waldorf foram fechadas pelos nazistas. Os livros Steiner foram queimados, e ele mesmo sofreu um atentado, em Munique, de modo que todo o movimento se transferiu para a Suíça. A Antroposofia também foi proibida na União Soviética e no leste europeu, até a abertura de 1989.

Entre as muitas contribuições em diversas áreas do conhecimento, destacamos, nesta pesquisa, a pedagogia Waldorf e a formação de professores. Nosso relato sobre sua vida se limita a estes fatos, mas foram diversas vivências que fizeram de Rudolf Steiner ser conhecido e reconhecido até os dias de hoje. Suas contribuições em diversas áreas do conhecimento são colocadas em prática em prol do bem comum com resultados no mundo todo.

Rudolf Steiner compartilha o mérito da criação da Escola Waldorf a Emil Molt e ao desejo incontido dos trabalhadores da fábrica Waldorf – Astoria. Esta é a perspectiva que iremos desenvolver nesta parte teórica, cotejando os momentos em que os interesses por uma educação diferente, em uma escola do povo, foram convergentes, no anseio dos trabalhadores e de Emil Molt na visão antroposófica de Rudolf Steiner.

Após viver uma fase de grandes descobertas, invenções e prosperidade, na chamada *belle époque*<sup>9</sup>, a Europa mergulhou num mar revolto de desesperança e de decadência. A desordem social e econômica foi o que restou à Europa após ser devastada com o advento da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). A necessidade de reconstrução da Sociedade Europeia era latente e urgente, uma vez que a injustiça social e a baixa autoestima imperavam após anos de guerra. Era preciso, com urgência, promover mudanças efetivas para se reconstituir e restabelecer a ordem política, social, econômica e também a mudança de comportamento na vida das pessoas.

Carlgren e Klingborg (2006) descrevem com muita propriedade este momento:

Na primavera de 1919 pairava sobre a Alemanha a ameaça de uma guerra civil. Os canhões nas frentes de batalhas haviam emudecido, no entanto o bloqueio pelas potências aliadas continuava. A vida econômica ruiu, a fome e as epidemias se alastravam- desemprego, manifestações e revoltas faziam parte do dia a dia (p. 9).

---

<sup>9</sup> No período entre 1871 e 1914, após inúmeras guerras imperiais e lutas pelo poder, a Europa experimentou uma época de intenso progresso. Era também a Terceira República Francesa, um período caracterizado pelo otimismo e pela paz, bem como por descobertas científicas e tecnológicas. O conceito de "*belle époque*" surge da comparação entre os anos que antecederam as duas guerras mundiais e os primeiros cinquenta anos do século XX, vistos, na França, como uma época de felicidade e alegria.

Não restava mais nada da Europa de anos atrás. Era preciso reconstruir. Nesse contexto encontrava-se Emil Molt<sup>10</sup>, cofundador e administrador da fábrica de cigarros, Waldorf-Astoria, em Stuttgart- Alemanha. Esta fábrica tinha pouco trabalho no período que sucedeu à Primeira Guerra Mundial, devido à escassez de matéria-prima, logo os seus funcionários ficavam horas sem ocupação. No final da Primeira Guerra Mundial, o empresário se sentiu obrigado a cuidar do bem-estar dos seus trabalhadores e empregados, introduzindo casas de repouso para os funcionários e trabalhadores, tornando-se um reformador social.

Nascido em 1876, em Schwabisch Gmund, Emil Molt teve que cuidar de si mesmo com a idade de 13 anos, após a morte precoce de seus pais. Ele passou por um período de treinamento duro como aprendiz. Foi enviado por seu chefe, alguns anos após, à Grécia, para conhecer o funcionamento de uma das principais empresas de importação e exportação do comércio mundial.

A partir da sua experiência, com 30 anos encorajou-se, com pouco capital, a fundar a fábrica de cigarros *Waldorf-Astória*. O nome da empresa vai ser o mesmo do Hotel de Nova York, construído pelos imigrantes Astor, provenientes de Baden Waldorf. O impacto global do nome escolhido e o vigor incansável de Emil Molt beneficiaram a sua a pequena empresa. Em 1919, esta tinha cerca de 1.000 funcionários e teve "um nome significativo para as necessidades de fumo de luxo". Emil Molt estava naquela época no auge do reconhecimento social. Assim fala Albert Schmelzer, em seu livro "O Movimento Tríplice - 1919", sobre Emil Molt.

A Primeira Guerra Mundial fora devastadora para a Alemanha e difícil para a *Waldorf Astória*. A empresa se saíra melhor do que a maioria de seus concorrentes pelo fato de ter comprado grande quantidade de matérias-primas no início da guerra, antes de a moeda alemã perder o valor. Ao fim da guerra, a empresa tinha trabalhadores demais. Emil Molt contratara substitutos para aqueles que tinham partido para lutar. Quando os soldados voltaram do front, ele não demitira os substitutos, fazendo-os trabalhar meio período. Na parte da tarde, promovera aulas de educação de adultos aos trabalhadores e, assim, os funcionários recebiam o salário integral. Havia cursos de história, geografia, fabricação de papel e cultivo do tabaco, bem como de literatura. Os trabalhadores, que estavam muito tempo longe

---

<sup>10</sup> Falamos sobre Emil Molt a partir do site da EmilMolt.Schule [Wer war Emil Molt?](http://www.emil-molt-schule.de/60-jahre-emil-molt-schule/wer-war-emil-molt/) 27. September 2002. Disponível em: <<http://www.emil-molt-schule.de/60-jahre-emil-molt-schule/wer-war-emil-molt/>>. Acesso em: 26 set. 2016.

dos bancos escolares, acharam os cursos cansativos. E quando a empresa já não podia dar ao luxo de pagar o custo total dos cursos, Molt propôs dividir o custo com os trabalhadores. Porém, a presença dos alunos caiu dramaticamente, até que Molt teve que cortar o subsídio por completo, pois ninguém mais se interessou pelos cursos. Isso o fez começar a pensar que a educação deveria ser oferecida às crianças, despertando-o, inicialmente, à ideia de uma escola destinada aos filhos de seus funcionários.

Emil Molt ouviu uma palestra de Rudolf Steiner pela primeira vez em 1904, e dois anos depois se tornou membro da Sociedade Teosófica. Stuttgart era um centro de atividades teosóficas e recebeu a primeira filial da Sociedade em 1911.

A obra posterior de Steiner não se basearia na Teosofia e, sim, em suas próprias observações e pesquisas dos mundos não-físicos, ponto esclarecido por Steiner (2006). O mais correto seria chamar de "Antroposofia", pois esta foi expressa de maneira original e muito mais detalhada, com aplicações práticas, o que não era o caso da Teosofia. Curiosamente, no dia em que foi empossado como secretário geral da Sociedade Teosófica alemã, Steiner deu uma palestra com o título de "Antroposofia", introduzindo, pela primeira vez, atividades artísticas nos congressos da Sociedade Teosófica, em 1907.

Rudolf Steiner começa, então, a articular a sua própria Antroposofia, baseada em uma espiritualidade ocidental, incorporando o misticismo medieval, a filosofia ocultista da natureza de Paracelso, o universalismo neoplatônico de Giordano Bruno e a renovação do cristianismo esotérico de Jakob Böhme. Em 1912, rompeu com a Sociedade Teosófica e desenvolveu a sua própria sociedade.

De fato, a Antroposofia é uma espiritualidade de cunho ocidental, dirigindo-se ao intelecto e à compreensão. Além de não ter praticamente nenhuma correlação com o cristianismo tradicional, renova o conhecimento esotérico que houve no passado e permite que se compreenda os impulsos espirituais desde os primórdios da humanidade, por exemplo, a Epopeia de Gilgamesch, a BaghavadGita, o Livro dos Mortos do Egito, a Bíblia, os vários mitos egípcios, gregos, celtas, nórdicos, etc., e as posições de filósofos e místicos como Paracelso e Böhme. Em particular, a renovação do cristianismo feita por Steiner é absolutamente original e não pode ser atribuída a nenhum autor ou tradições anteriores.

O ano de 1918 é marcado pela revolução de novembro na Alemanha. A derrota militar foi uma derrota da elite política do Império - assim havia espaço para

mudanças nas hierarquias da política e dos negócios. Nas cidades e fábricas surgiram conselhos. O lema era autogoverno, em vez de subordinação. O empresário Emil Molt, em Stuttgart, estava no grupo de iniciativa do movimento de renovação social proposto por Steiner, sua “Trimembração do Organismo Social”, e tentou três vezes implementar ideias do movimento em ação em sua fábrica de cigarros.

Outro evento inicialmente discreto teve grandes consequências. Em novembro de 1918, Emil Molt, durante uma excursão de suas operações como ativista social, falou para um trabalhador, cujo filho tinha sido transferido para uma escola de Ensino Fundamental. Aqui, Emil Molt teve uma experiência com a alegria do homem, que agora via para o seu filho a chance de receber o que lhe tinha sido negado na educação, ainda melhor, oportunidades de progressão e uma possível atividade profissional versátil. "Esta conversa para um outro talvez não tivesse grande importância, acendeu em mim a ideia de fundar uma escola ...", disse Emil Molt, em 1925, em retrospecto.

Diante disso, surgiu a ideia de ocupar este tempo com alguma atividade que trouxesse resultado e, ao mesmo tempo, aumentasse a baixa autoestima das pessoas, colaborando com a reconstrução social.

Emil Molt já convidara Rudolf Steiner para proferir palestras aos seus funcionários sobre a organização social e a importância da educação, o que representava um Movimento de Trimembração Social<sup>11</sup>, baseado na ideia de várias áreas da sociedade, cada um com um espírito básico diferente. Deste movimento somente iria vingar a perspectiva educacional, concretizada na primeira Escola Waldorf.

Carlgren e Klingborg (2006) enfatizam que, quando Rudolf Steiner iniciara sua palestra, abordando as questões da educação no novo contexto, algo que ainda não existia, por exemplo, uma escola de 12 séries para ambos os sexos de ensino fundamental e médio, acessível independente da camada social, conquistou o coração do seu público. Os trabalhadores questionaram Steiner sobre uma escola

---

<sup>11</sup> Rudolf Steiner, essencialmente a partir de 1919, desenvolve a *Dreigliederung des Sozialen Organismus*, traduzido por Trimembração do Organismo Social. A palavra *Dreigliederung*, transliterada como 'trimembração', indica que a sociedade e os organismos sociais deveriam ser organizados em três membros, analogamente aos membros da constituição física humana, no sentido de eles terem funções independentes, mas que interagem.

que incluísse os seus filhos no modelo descrito por eles, e esse era um desejo sincero.

Carlgrén e Klingborg (2006, p. 15) narram que os operários se aglomeravam em bancos, cadeiras, sacos de tabaco ou encostados nas paredes da sala para ouvir e observar Rudolf Steiner. Todos com os olhares desconfiados e de pouca esperança em alguém vindo da Suíça, país neutro e sem os problemas da Alemanha. Eles se perguntavam: o que podia esta pessoa, ainda mais vinda da Suíça neutra e bem alimentada, entender das necessidades de pessoas simples no meio da desgraça do pós-guerra da fome e da miséria?

A partir dessas palestras de Steiner, Emil Molt sentiu-se chamado a agir, concretizando o seu desejo por uma escola. Foi nesse momento que o casal procurou Rudolf Steiner e compartilhou com ele a ideia de criar uma escola para os filhos dos operários da sua fábrica. Surge então o convite dos trabalhadores e de Emil Molt para que se fundasse uma escola, também para seus filhos, seguindo os preceitos educacionais que Rudolf Steiner pregava em suas palestras. O desejo dos trabalhadores era uma escola para seus filhos, com uma proposta educativa que atendesse todas as necessidades dos novos tempos. Este momento de convergência de desejos, ou seja, de união das ideias educacionais de Steiner para a formação do ser humano, do projeto alimentado por Berta e Emil de uma escola e do desejo dos trabalhadores por uma escola popular, foi de grande importância para todos os participantes, sendo considerado por muitos como a “própria hora do nascimento da Escola Waldorf”.

Antes de a escola ser fundada, desde o início dos cursos de formação em 1919, houve conversações entre os trabalhadores na fábrica Waldorf-Astória. E houve conversações em janeiro, em que Rudolf Steiner havia sido convidado. Este é o modus operandi no Movimento de Trimembração Social, em que o trabalhador não funciona como um animal ou uma máquina, mas como um ser humano. Ele deve estar mentalmente interessado. Sendo assim, podemos deduzir que o interesse mental por uma escola, nos moldes do pensamento de Rudolf Steiner, era concreto.

Emil Molt é denominado "o pai da primeira Escola Waldorf em Stuttgart"<sup>12</sup>. Como proprietário de uma fábrica, não só contribuiu para a criação de uma escola com autogestão, mas cuidou do bem-estar desta e de outras escolas até o final de sua vida.

O aniversário real da escola é 23 de abril de 1919. Emil Molt recorda, em suas memórias:

Após essas conversações dos primeiros trabalhadores, após a palestra de Rudolf Steiner no Waldorf-Astoria, tivemos uma reunião do conselho, juntamente com o Dr. Steiner, em que eu havia dito da intenção de estabelecer uma escola e o pedido expresso de que ele aceitasse criar e aceitar a gestão da escola. Como base financeira que tinha retornado do lucro líquido de 1918 no montante de 100 000 marcas. Fiquei orgulhoso desta grande soma e foi timidamente, que o Dr. Steiner disse, calmamente: 'Isso é uma boa quantidade' (s/n).

Prossegue, voltando à época inicial da construção da primeira escola:

Encontrar salas de aula foi difícil. No começo nós esperávamos o contrário, pois parecia que todos os edifícios do governo foram deixados para nós. Na realidade, estava enganado. Eu tinha que me ajudar. A questão estava urgente, porque a escola era para ser aberta com o novo ano escolar, em setembro. Estava claro que eu, pessoalmente, tinha um comprador para o prédio da escola, porque a empresa, era de se esperar, faria a aquisição da habitação (s/n).

A fundação da escola, no entanto, não foi sem controvérsia. Alguns representantes dos órgãos oficiais referiam que os esforços da escola Waldorf poderiam ser positivos, mas não poderiam admitir que fosse o caminho certo. Eles não queriam que a educação das pessoas ficasse nas mãos dos empresários, por eles não serem sempre tão benevolentes.

Para realizar o que tinha em mente, Emil Molt sentou-se com o seu pessoal e colocou a sua vida econômica em risco. Ele garantiu o terreno da escola Waldorf e as participações financeiras, com a hipoteca de sua fábrica. Assim, ele poderia ser, com razão, considerado o pai da escola. Especialmente no período após a morte de Rudolf Steiner e mais ainda nos anos da ditadura alemã, ele era, juntamente com sua esposa, um protetor e promotor de sua escola.

Desse modo, com a iniciativa, incentivo e investimento financeiro de Emil Molt, o qual desejava reverter a situação de destruição que testemunhava na

---

<sup>12</sup> Os parágrafos seguintes, narrando a criação da Waldorf Mutter, baseia-se em: TAUTZ, I. Origem da escola livre Waldorf. In: RICHTER, T. (Org.). **Objetivo pedagógico e método de ensino de uma escola Waldorf**. São Paulo: Federação das Escolas Waldorf do Brasil, 2002.



Alemanha e, ao mesmo tempo, ocupar seus funcionários e colaborar na formação de seus filhos e das outras crianças para um futuro melhor, inicia-se a formação de professores para atuar na escola que Rudolf Steiner iria dirigir. Carlgren e Klingborg (2006, p. 5) “em Rudolf Steiner, encontrou a personalidade genial, que deu a esta Escola a estrutura social e a base pedagógica em que as escolas Waldorf de todo o mundo ainda se apoiam hoje”.

De particular importância para a biografia de Emil Molt, dois eventos de 1929, a liquidação da fábrica de cigarros Waldorf-Astória e o décimo aniversário da escola Waldorf - no mesmo ano, o maior revés de negócio em sua carreira como empresário e o destaque na sua eficácia para a construção escolar.

Retomamos três pensamentos de seu discurso no 10º aniversário da primeira escola Waldorf:

1. Nós queríamos dar, mas com um forte desejo de contribuir para a melhoria das condições sociais. Houve pouco disponibilizado, apenas coragem e vontade, as crianças pequenas, sem edifícios, sem professores, um monte de trabalho!
2. É importante educar todas as pessoas, aqueles que têm não só o conhecimento, mas a sensibilidade, especialmente social, para os outros.
3. Uma mente que está apta para a vida deve permear a educação. Deve ser sentido na vida prática decisiva. Ir fundo no passado, agora voltar no futuro! (s/n).

Com essa missão, essa visão e esse foco na educação e no conhecimento do ser humano, como componente da liberdade na busca do desenvolvimento integral desse ser humano, no dia 07 de setembro de 1919, o sonho se materializou e foi inaugurada a primeira escola Waldorf-Die freie Waldorfschule (escola Waldorf livre, esse nome indicava que não havia interferência externa na escola, em particular do governo) em Stuttgart Alemanha, nas dependências da fábrica de cigarros Waldorf-Astoria. Tinha 8 séries, 12 professores e aproximadamente 300 alunos, recebeu o nome da fábrica a qual a maioria dos pais estava ligada no início. Uma escola pensada para atender às necessidades do povo, onde não havia notas e os alunos não repetiam as séries, além disso meninas e meninas compartilhavam do mesmo ambiente, fato este que era incomum na época.

Com o intuito de promover educandos e educadores criativos, cidadãos críticos e capazes de interagir com as mazelas da sociedade com autonomia de pensamento e ação, o curso de formação dos educadores Waldorf propõe como

diferencial o autoconhecimento e a autotransformação do ser humano, com ênfase em ambientes cooperativos e não competitivos.

De acordo com Carlgren e Klingborg (2006),

Na manhã de 21 de Agosto de 1919, reuniram-se os professores que Rudolf Steiner havia solicitado que se incumbisse das aulas. A maioria deles, não todos, já tinha experiência pedagógica. Hoje, considera-se quase impossível que um futuro professor Waldorf, além das suas qualificações específicas, não adquira uma formação de no mínimo um ano num seminário de Pedagogia Waldorf. Rudolf Steiner ministrou um curso de quinze dias para não atrapalhar a formação da escola uma espécie de curso rápido em substituição ao hoje existente seminário (p. 16).

O curso de preparação para atuar na escola Waldorf, inicialmente, foi de três semanas. No total foram proferidas quatorze conferências sobre o estudo antroposófico do homem como fundamento de uma pedagogia adequada à época e, também, ao futuro próximo, ministradas por Rudolf Steiner de 21 de agosto a 5 de setembro de 1919, por ocasião da fundação da primeira escola Waldorf. Uma de suas primeiras palavras foi: “Meus queridos amigos, é preciso sentirmos a importância de nosso trabalho” (STEINER, 2006, p. 23). O título escolhido para o primeiro ciclo de conferências pedagógicas que Rudolf Steiner proferiu aos professores da Escola Waldorf, anterior a sua fundação, foi “Estudo Geral do Homem”. Em seu pronunciamento deixa bem claro: “Esta nova escola deve realmente ser inserida naquilo que é exigido para a evolução da humanidade justamente em nossos dias e para o futuro próximo: e, na verdade, tudo o que dessas premissas finalmente ingressa na educação e no ensino revela-se como um tríplice dever sagrado”. Rudolf Steiner enfatizou, na inauguração, que não se pode subestimar a importância de “conhecer a si próprio para conhecer a outrem”, assim como o comprometimento de todos com a tarefa, isso soava como um mantra em suas palestras, condição para que homens e mulheres fossem livres e autônomos com comprometimento com a causa. Steiner, durante os 15 dias de palavras para formação de professores Waldorf, falava, das 9 às 11h, sobre Antropologia geral, às 11 horas sobre currículo da 1ª a 8ª série parte metodológico-didático, no período da tarde faziam exercícios de fala, estudavam sobre os temperamentos, sobre aulas e exercícios metodológico-didático. Nessa ocasião, Rudolf Steiner apresentava propostas em detalhes para tratamento de problemas humanos e problemas técnicos do dia a dia. Só então reuniu alunos e professores.

*Abordar o conhecimento de si mesmo pelo viés das transformações do ser – sujeito vivente e conhecente no tempo de uma vida, através das atividades, dos contextos de vida, dos encontros, acontecimentos de sua vida pessoal e social e das situações que ele considera formadoras e muitas vezes fundadoras, é conceber a construção da identidade, ponta do iceberg da existencialidade, como um conjunto complexo de componentes. De um lado, como uma trajetória que é feita da colocação em tensão entre heranças sucessivas e novas construções e, de outro lado, feita igualmente do posicionamento em relação dialética da aquisição de conhecimentos, de saber-fazer, de saber-pensar, de saber-ser em relação com o outro, de estratégias, de valores e de comportamentos, com os novos conhecimentos, novas competências, novo saber-fazer, novos comportamentos, novos valores que são visados através do percurso educativo escolhido.*

Marie-Christine Josso (2007, p. 420).



### **3 VIVENCIAR APRENDENDO: A AUTOFORMAÇÃO DO EDUCADOR WALDORF**

#### **3.1 METAMORFOSE DAS BORBOLETAS: A ESCOLHA**

Fazer escolhas é sempre uma tarefa difícil, nesta vivência precisávamos escolher uma borboleta a partir da foto das larvas. Ao meu olhar uma mais esquisita que a outra, exóticas, mas tínhamos que escolher uma delas, só no final do curso a professora iria mostrar o ciclo de transformação, como elas eram antes e depois de transformadas em borboletas. Este trabalho trouxe a reflexão de que realmente podemos nos transformar, não importa como você é, sempre é possível ser e fazer melhor e, como seres humanos, fazer escolhas. Por incrível que pareça, as larvas mais horrorosas se transformaram em borboletas lindíssimas. Foi aí que a autotransformação começou a mostrar sua face, fazer sentido. Partindo do ciclo da borboleta, todos os ovos, após estarem depositados na planta hospedeira, eram iguais, no entanto, ao se tornar larvas, tinham outro aspecto. Algumas larvas eram muito esquisitas nessa fase, nada apreciativo, mas, no tempo e no ritmo certo, afloraram, tomaram forma.

Todos nós, seres humanos, passamos por transformações, assim como as lagartas que devoram tudo que veem pela frente, nós também devoramos tudo que vemos pela frente, nutrimo-nos de diversas fontes. A vida da borboleta é dividida em 4 estágios (ovo, larva, pupa e adulto), fazendo uma comparação com os setênios e com nossas fases de criança, de adolescente, de jovem e de adulto, percebemos que elas são seres que, como nós, sofrem mudanças radicais em seu corpo, ao longo da vida, até se tornarem borboletas.

Ao depositar seus ovos na folha hospedeira e se certificar de que esta servirá de alimento e abrigo seguro e terá condições necessárias para se desenvolver, inicia o ciclo. A escolha dessa folha nos faz lembrar nosso lar, nossos pais, que nos recebem e amparam, enquanto estamos nos desenvolvendo, nos ensinando como fazer as coisas da melhor maneira possível, acompanhando nossos primeiros passos até chegarmos a caminhar sozinhos. Enquanto a borboleta cresce, mudanças acontecem, assim como acontece conosco, nossa planta hospedeira são nossos pais e estes estarão sempre ali para nos proteger e amparar, mas sem nos impedir de voar... de caminhar com nossas próprias pernas.

Assim como as lagartas que se prendem a um fio de seda que tem em seu corpo para iniciar a formação de Crisália, nós, seres humanos, nos ancoramos no

conhecimento e na educação recebida de nossos pais e dos nossos mestres para iniciar uma vida promissora. Para ter êxito nesse estágio, a Crisália fica imóvel por até 3 semanas e sobrevive a partir da alimentação que ela acumulou na fase lagarta, o que faz lembrar a nossa educação nas séries iniciais, é a partir dessa base que vamos nos desenvolver. Só então, como a borboleta, poderá se reproduzir e voar, conquistar a tão sonhada liberdade. Mas o que mais me impressionou foi que as larvas mais esquisitas e que não foram escolhidas por seu aspecto um tanto estranho foram as que se tornaram lindas borboletas, coloridas, radiantes e iluminadas.

Ao realizar uma pesquisa sobre a metamorfose da borboleta<sup>13</sup>, encontramos as seguintes informações: “as borboletas são animais que, juntamente às mariposas, formam a Ordem Lepidoptera. São seres que sofrem metamorfose, ou seja, sofrem mudanças em seu corpo até se tornarem adultos, como representado na Figura 1, a seguir. Como os indivíduos jovens e adultos são completamente diferentes, dizemos que a metamorfose das borboletas é completa”.

Figura 1 – Metamorfose da Borboleta



Fonte: Ilustração criada por Byrata Lopes (2017).

---

<sup>13</sup> Pesquisa realizada no site [www.borboleta.org](http://www.borboleta.org).

Fazendo uma analogia com os seres humanos, nascemos, crescemos e desenvolvemos em uma constante metamorfose, embora diferentes, mas iguais, dependemos de diversos nutrientes para que aconteça o desenvolvimento.

A vida de uma borboleta pode ser dividida em quatro estágios: ovo, larva, pupa (ou crisálida) e adulto. A borboleta fêmea adulta coloca seus ovos normalmente nas folhas de uma planta, que geralmente serão utilizadas como alimento quando esses insetos nascerem. As borboletas ficam atentas para a textura da folha para garantir que ela não irá se quebrar após a postura dos ovos. Os ovos demoram cerca de 5 a 15 dias para eclodir, dependendo da espécie, e liberar as larvas, conhecidas popularmente como lagartas. As lagartas apresentam um corpo alongado e cilíndrico, com cores variadas e, muitas vezes, pelinhos que causam alergias e queimaduras quando tocados. Durante essa fase da vida, esses animais alimentam-se intensamente das folhas de vegetais, causando sérios problemas em locais que apresentam plantações. É dessas folhas que a lagarta tira seus nutrientes e a água de que precisa para sobreviver. A borboleta fica na forma de lagarta de 1 a 8 meses, aproximadamente, dependendo da espécie. Durante o estágio de lagarta, ocorrem várias mudanças de pele enquanto o animal cresce, geralmente de cinco a oito mudanças. Depois de algum tempo, a lagarta prende-se pela porção posterior de seu corpo através de fios de seda e inicia-se a formação da crisálida — um estágio imóvel, em que o animal sobrevive graças às reservas nutritivas acumuladas na fase de lagarta. O estágio de crisálida pode durar de uma a três semanas, dependendo da espécie observada.<sup>14</sup>

Esse estágio imóvel da lagarta vem ao encontro da busca pelo autoconhecimento. A base que recebemos, tanto na educação familiar como acadêmica, são as folhas de onde tiramos nossos nutrientes, assim como as reservas acumuladas na fase lagarta, que nos fortificam e nos fazem sobreviver e buscar mais.

## 3.2 EDUCADORES WALDORF: MEMORIAIS DE FORMAÇÃO

### 3.2.1 A escolha dos colaboradores da pesquisa

A escolha e o planejamento para encontrar os colaboradores desta dissertação de mestrado na realidade aconteceram como que por encanto, as pessoas certas no lugar certo. O convite foi recebido como um presente, num clima de amor e de solidariedade por parte das pessoas que vivem a pedagogia Waldorf. Devo confessar que um a um foi surgindo, ao longo da caminhada no Curso de pedagogia Waldorf, sem que fosse necessário um esforço maior. Ouvi palavras

---

<sup>14</sup> Referência do site: [www.borboleta.org](http://www.borboleta.org). Acesso em: 19 jun. 2017.

como: “Terei o maior prazer em participar desta dissertação”; “Estou à inteira disposição e fico lisonjeado com o convite”; “É uma honra poder colaborar e divulgar a pedagogia Waldorf no meio acadêmico”, entre outras.

Num mundo tão ocupado e individualista, onde nem sempre as pessoas estão dispostas a colaborar, e também pelo fato de ouvir de outros colegas o quanto foi difícil encontrar um colaborador que desejasse estar na pesquisa e dedicar um pouco do seu tempo para responder questionário e/ou gravar uma entrevista, tinha muito receio na busca pelos colaboradores da pesquisa. Certamente nessa caminhada nem tudo foram flores, tive uma colaboradora que, mesmo com muito boa vontade, no decorrer do processo, no segundo encontro, se sentiu desconfortável ao ponto de rasgar os documentos da entrevista com a justificativa de que estava sendo muito difícil lembrar e relembra de alguns fatos de sua vida que ainda a fazem sofrer e que não desejava mais colaborar, não estava preparada para esse momento, quem sabe em outra oportunidade.

Nessa ocasião lembrei-me das palavras da minha orientadora, Prof<sup>a</sup>. Adriana, sobre as narrativas, dizendo que poderiam surgir momentos de desconforto e como deveríamos proceder. Mesmo sendo alertada, nunca imaginei que fosse possível acontecer, mas é fato, aconteceu comigo e, por julgar de comum acordo com minha orientadora e por não ser ético, não utilizamos o termo de compromisso assinado. Outra pessoa que marcou esta pesquisa no meu ver era imprescindível por sua experiência com o tema, mas foi uma grande decepção e frustração a maneira como recebeu a proposta com certo desprezo pela academia.

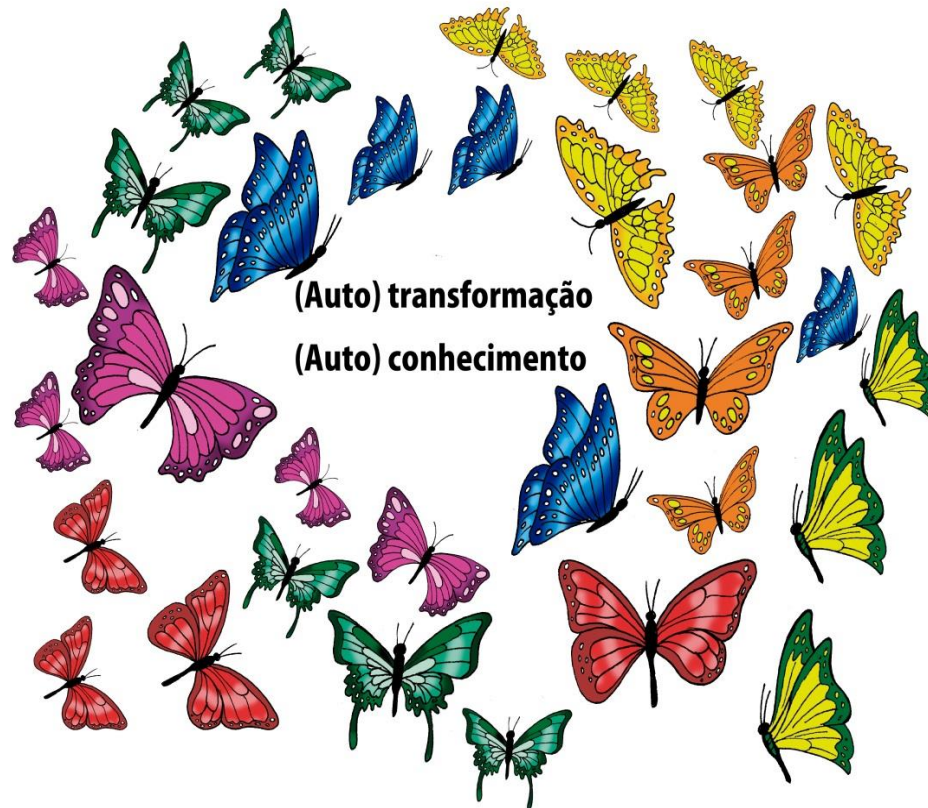
Portanto, os que fazem parte desta dissertação, como colaboradores nas vivências na pedagogia Waldorf, são pessoas de energia boa, de brilho nos olhos, que amam o que fazem, que têm satisfação em ser educadores Waldorf e que buscam a autoeducação, a autotransformação e o autoconhecimento todos os dias.

### 3.2.2 O Voo das borboletas

Os colaboradores da pesquisa estão identificados, neste memorial, por borboletas coloridas, a exemplo da Figura 2, a seguir. Nas cores azul, verde, amarelo, roxo, laranja e Vermelho, onde também me incluo, utilizando meu nome próprio, por fazer parte das vivências em Curso de pedagogia Waldorf, mas não abrindo mão de ser uma borboleta.



Figura 2 – (Auto)transformação e (Auto)conhecimento



Fonte: Ilustração Byrata Lopes (2017).

## A BORBOLETA AZUL

A Borboleta Azul está docente há 50 anos na Educação Básica e atua na docência da educação Waldorf faz 13 anos. É professora de profissão, cursou magistério e também executa funções de Coordenadora pedagógica.



Fonte: Ilustração Byrata Lopes (2017).

As tecnologias digitais não fizeram parte do seu currículo, quando de sua formação inicial, já, na docência em pedagogia Waldorf, Borboleta Azul diz:

*A pedagogia Waldorf desenvolve propostas curriculares no campo tecnológico para que eles experimentem de forma prática e direta, os processos de produção humanos numa progressiva complexidade que assegure sua compreensão. Sob a premissa de “aprender fazendo”, procura-se que a incorporação e assimilação de conhecimento não sejam produto de mera abstração e sim resultado de experiências cheias de vida. Fomenta-se o desenvolvimento de atividades plenas de sentido (Escritos da Borboleta Azul).*

Sobre sua infância, Borboleta Azul lembra com muito amor e saudades. Ela relata que:

*Tive uma infância protegida e feliz. Vivi as experiências próprias da idade, com intenso convívio familiar. Meu pai e minha mãe deram-me o gosto pela leitura, pelo desenho, pintura, música. Também as questões práticas do dia a dia: cozinhar, cuidar do jardim e da casa. A harmonia familiar, os bons exemplos, uma atmosfera de respeito e compreensão tornaram-me o que hoje eu sou (Escritos da Borboleta Azul).*

Borboleta Azul sonhava em ser professora desde que era criança, a partir das brincadeiras, a motivação de tornar-se professora surgia, sempre que podia incluía a brincadeira de ser professora. Ela relata que:

*Uma das brincadeiras de que me recordo bem na minha infância, era imaginar-me professora e também aluna, vencendo os conteúdos de uma maneira imaginativa e prazerosa (Escritos da Borboleta Azul).*

Borboleta Azul começou a dar aulas aos 18 anos na Educação Básica, na mesma escola que havia estudado desde o jardim de infância, já nessa época inicial tinha na criatividade uma aliada para tornar suas aulas mais prazerosas, para que isso se realizasse ela recorria à imaginação.

*Com aprovação da direção da escola, não usava livros didáticos: criava cada aula sempre imaginando como as crianças gostariam e poderiam receber os conteúdos. Tinha enorme prazer nesse trabalho, ao qual dedicava-me com afincamento e entusiasmo (Escritos da Borboleta Azul).*

A pedagogia Waldorf surgiu em sua vida como um bálsamo para a alma. Após um período de afastamento das atividades docentes, em virtude do casamento e dos filhos, Borboleta Azul refletiu...

*Quando os filhos vieram, novos caminhos surgiram, e então, mais do que nunca, tudo fazia sentido. Ao casar-me, deixei o magistério e passei a cuidar da família. O lar era um universo que preenchia todos os espaços.*

*Gostava de ensinar às pessoas que me auxiliavam, a cozinhar, cuidar do jardim e da horta. Flores e árvores cresciam lá fora e a vida deslizava suavemente. O tempo foi passando filhos criados e o desejo de ensinar perpetuava (Escritos da Borboleta Azul).*

Aos 56 anos, a pedagogia Waldorf adentrou em sua vida.

*Por intermédio de uma amiga, resolvi fazer o Curso de Fundamentação em Pedagogia Waldorf. A cada módulo percebia que tudo aquilo tinha a ver comigo, e, mais ainda, tudo fazia realmente muito sentido (Escritos da Borboleta Azul).*

A partir do Curso de fundamentação em pedagogia Waldorf, Borboleta Azul deu início à carreira docente como professora Waldorf. Uma das peculiaridades que marcou a sua vida e a docência, no início da carreira, foi:

*Iniciei como a primeira professora de uma iniciativa que surgiu como desejo de alguns pais e professores, sendo essa escola pioneira no meu estado, levei uma turma até 8º ano, numa jornada de aprendizado, experiência única abriram-se portas para o autoconhecimento e autoeducação (Escritos da Borboleta Azul).*

Em sua prática docente, Borboleta Azul destaca, como base da pedagogia Waldorf e do educador Waldorf, os estudos da Antroposofia.

*Através da Antroposofia, que é a base da pedagogia Waldorf, fui encontrando respostas para questões existenciais. Tais respostas preenchem dúvidas, encadeavam-se ordenada e coerentemente, dando sentido à vida e compreensão da essência humana que habita em cada um de nós. O fato de Rudolf Steiner ter desenvolvido um método de investigação rigoroso, que permite incursionar tanto no campo do físico-sensível como no plano espiritual, permitiu-lhe enfocar e estudar, a partir de ambos os pontos de vista, o ser humano, o universo e todas as relações e inter-relações existentes com uma visão holística, global, a respeito da origem, do desenvolvimento, das metas dos seres e do mundo (Escritos da Borboleta Azul).*

Nas palavras da Borboleta Azul, podemos entender que o (auto)conhecimento e a (auto)educação são ingredientes que fazem parte do cotidiano do educador, que se (auto)transforma todos os dias, sendo essas as possíveis contribuições à educação do século XXI.

*A antroposofia entende o ser humano como um microcosmos no qual vibram e pulsam os processos do universo. Centrando seu estudo no homem, tenta responder às suas necessidades, abarcando o científico, o cultural e o artístico, religioso, trazendo para a sociedade impulsos de aplicação prática concreta. É a partir da visão antropológica que a Pedagogia Waldorf propõe uma concepção sobre o homem que abrange todas as dimensões humanas, em íntima relação com o mundo explica e fundamenta o desenvolvimento dos seres humanos segundo princípios gerais evolutivos que compreendem etapas de 7 anos, denominadas*

*setênios. A educação assim entendida, percebendo as transformações ocorridas em cada etapa do desenvolvimento, nos âmbitos físico, anímico e espiritual, transcende a mera transmissão de conhecimentos e se converte em sustentação do desenvolvimento integral do educando, cuidando para que tudo o que se faça tenha como meta a formação de sua vontade e o cultivo de sua sensibilidade e intelecto (Escritos da Borboleta Azul).*

Nas percepções sobre as demandas da cultura digital às novas gerações, Borboleta Azul externa as propostas da pedagogia Waldorf para seus educandos.

*Com relação a cultura digital, a pedagogia Waldorf esforça-se para apresentar a seus alunos desde o início da vida escolar, um ensino que permita “aprender fazendo”. A técnica e a tecnologia têm transformado substancialmente a vida e o trabalho do homem contemporâneo, num ritmo acelerado e cada vez mais complexo. Esse progresso tem provocado no homem um desconhecimento e uma desconexão dos processos técnicos funcionais básicos. Por isso, a pedagogia Waldorf desenvolve propostas curriculares no campo tecnológico para que eles experimentem de forma prática e direta, os processos de produção humana numa progressiva complexidade, que assegure sua compreensão. Fomenta-se atividades plena de sentido e pretende-se que isto não se limite exclusivamente à aprendizagem escolar, senão inclua também o tempo livre. Dessa visão deduz-se uma postura crítica da pedagogia Waldorf frente à inatividade e o consumismo passivo, que provoca o uso indiscriminado dos meios eletrônicos (Escritos da Borboleta Azul).*

Borboleta Azul exerceu uma das mais belas atividades na pW, pois experimentou a beleza de ser professora de classe, acompanhando uma turma durante oito (8) anos, do 1<sup>o</sup> ao 8<sup>o</sup> ano do Ensino Fundamental.

Carlgrén e Klingboard (2006) tecem considerações sobre o professor de classe.

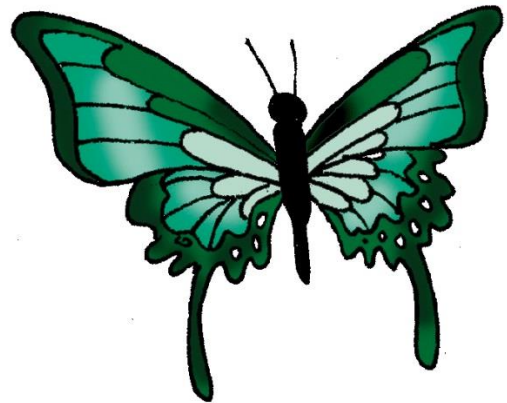
Além da preparação das aulas, o professor de classe ainda tem muitas tarefas adicionais: o contato frequente com os pais, a reunião semanal regular dos professores, a constante preocupação com as crianças, o atendimento especial a determinadas crianças que têm dificuldades de acompanhar as aulas de Aritmética ou de escrita, o contato com o médico escolar e com a professora de Eurytmia curativa, a constante correção dos cadernos e, além disso alguns trabalhos de administração para a Escola como um todo'. Os autores continuam elencando sobre as atividades do professor de classe: 'Como figura central, o próprio professor de classe faz parte do ritmo de vida que Rudolf Steiner descreve aqui. Todas amanhã, durante oito anos, ele estuda profundamente com seus alunos as mais variadas disciplinas e situações que ocorrem na vida. Sete a oito anos são um período longo. Os alunos passam por uma série de mudanças profundas e o professor (p. 90-91).

Como mensagem, Borboleta Azul utiliza as palavras de Rudolf Steiner.

*Ao conhecer o mundo, o homem encontra a si próprio, e conhecendo a si próprio, ele tem a revelação do mundo (Escritos da Borboleta Azul).*

## A BORBOLETA VERDE

Borboleta Verde é educadora Waldorf licenciada em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), onde teve o seu primeiro contato com as tecnologias em nível acadêmico. Como ela mesma relata: ‘Sou mãe de dois tesouros, de 5 e 4 anos, por essa razão eu me considero educadora desde sempre’.



Fonte: Ilustração Byrata Lopes (2017).

Da sua infância fala muito pouco, mas de sua relação com os filhos e com a pedagogia Waldorf ela tem uma história de amor, de motivação e de autotransformação. A busca incessante por uma escola para seus filhos e a forma como conheceu a Pedagogia Waldorf fazem seus olhos brilharem.

*Minha história com a Pedagogia Waldorf começou quando meu primeiro filho estava ainda na barriga. Um leve flerte, um namorico... Naquela época, eu estudei, me informei e pude concretizar a delícia de um ‘Parto Humanizado’ e quando a gente humaniza o parto, começa a querer humanizar todo o resto. (Aqui me lembro da frase de Michel Odent: ‘para mudar o mundo é preciso mudar sua forma de nascer’.) Conheci naquele tempo algumas mães e pais que, com os filhos mais velhos e tendo trilhado o mesmo caminho que meu marido e eu trilhávamos, levavam seus pequenos a um jardim de infância, um lugar diferente, um lugar respeitoso com os tempos da infância, um lugar pra brincar. Tudo isso na contramão das ‘escolinhas’ que já se disseminavam como mato por aí. Este jardim de infância seguia uma Pedagogia diferente, a Pedagogia Waldorf. Eu não sabia nada sobre isso na época, mas uma luzinha de interesse se ascendeu em mim. Porém, cada coisa a seu tempo. Fui cuidar do meu recém-nascido. Eu desejava um mundo novo para meus filhos, eu desejava dar a eles o que não tive, eu desejava ser a mãe suficientemente boa que eles precisavam. E eu olhava em volta, observava as escolinhas próximas de minha casa e me sentia amedrontada. Eu sabia, pelo que via e pelas histórias que me contavam, que as tais escolinhas, em sua maioria, não dialogariam com o trabalho que buscávamos fazer em casa. Foi aí que eu encontrei, de fato a Casa Ametista. Fiquei sabendo que a Casa Ametista estava promovendo um evento chamado ‘portas abertas’ que era uma manhã em que o jardim abria suas portas para as famílias interessadas, oferecendo aos adultos uma ‘simulação’ do que seria passar uma manhã ali. Foi uma vivência linda! Eu chorei muito, em vários momentos. Senti minha criança interior acalentada. Tudo aquilo tinha muito calor, cheiros, sensações boas, presença... Saí de lá decidida. (Borboleta Verde). Cheguei em casa e declarei ao marido: ‘Ou isso ou a desescolarização!’. Meus filhos começaram a frequentar a Casa Ametista e eu entrei num processo enorme de aprendizado (Escritos da borboleta verde).*

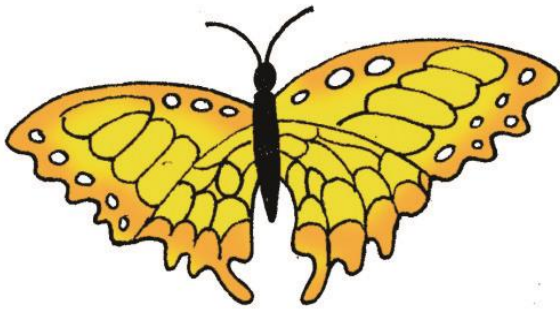
Algumas marcas da Borboleta Verde, referentes ao processo de conhecimento e experiência na Pedagogia Waldorf.

*São muitas as novidades que nos aparecem quando entramos em um Jardim Waldorf. Além da liberdade dada a criança para que ela viva plenamente a sua infância, o que por si só já é algo grandioso no contexto da educação atual, existe a gestão associativa, os grupos de estudos, a eurritmia, as épocas, o ritmo, a salutogênese.... mas esses não são conceitos que nos são enfiados a goela abaixo, ou que temos que decorar, ou aprender rápido. Assim como as crianças são respeitadas em seu tempo, os pais também são. Que grupo de estudo não é necessariamente para estudar, mas para exercitar-se no social, na empatia, na capacidade de ouvir e de discordar sem perder o amigo. Que cada época do ano nos pede atenção, para observarmos como o externo ecoa dentro de nós. Desenvolvi habilidades que eu não sabia que tinha, comecei a fazer trabalhos manuais, participando das oficinas de pais e mães, comecei a fazer eu mesma os brinquedos para meus dois filhos. Com isso fui compreendendo a cada dia de forma mais cristalina, que meus filhos são pura imitação. Esta é uma das grandes sacadas do Steiner. Como diz naquele poema "Não há educação que não seja autoeducação". É a mais pura verdade! Quando nós estamos inteiros no que fazemos, íntegros, buscando fazer o melhor que conseguimos todos os dias, quando nos colocamos a caminho do autoconhecimento e a busca da nossa verdade, as crianças sentem isso com todos seus sentidos. A partir dessas experiências junto com outras mães que, tão certas como eu estavam de que a Pedagogia Waldorf é melhor para nossas crianças, começamos um movimento para fundação de uma nova escola Waldorf. Hoje essa escola é uma realidade, sou diretora de comunicação participei recentemente do Curso Básico da Prática da Pedagogia Waldorf que mudou minha vida e me fez entender um pouco mais sobre Pedagogia Waldorf e principalmente sobre a Antroposofia, "guarda-chuva" sobre o qual encontram-se também a Medicina Antroposófica, agricultura Biodinâmica e outras áreas do conhecimento trazidas à luz pelo filósofo Rudolf Steiner. Mas o mais significativo deste processo é que está me fazendo entender mais sobre mim mesma, a prática da Pedagogia Waldorf fez uma revolução interna e externa na minha vida (Escritos da Borboleta Verde).*

Fica como memória da Borboleta Verde a seguinte mensagem,

*Autoconhecimento verdadeiro só é concedido ao ser humano quando ele desenvolve afetuoso interesse pelos outros; conhecimento verdadeiro do mundo ser humano só alcança quando procura compreender seu próprio ser (Rudolf Steiner).*

## A BORBOLETA AMARELA



Fonte: Ilustração Byrata Lopes (2017).

Borboleta Amarela atua há 3 anos como professora Waldorf na Educação Infantil. É professora licenciada em Pedagogia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), sendo que há 13 anos está como docente na Educação Básica.

Sobre as tecnologias digitais na sua formação inicial, Borboleta Amarela teve grande espaço de convivência, fazendo uso de Plataformas Moodle, fez formação junto ao Lego educacional no curso de modalidade presencial.

A Borboleta Amarela relata que:

*Ministrava aulas de Robótica para as séries iniciais e trabalhava em sala com os alunos o programa sugerido pela Lego, mas só especificamente sobre exploração de jogos e programas para desenho (Escritos da Borboleta Amarela).*

Essa foi a experiência que teve como docente por alguns anos. Da sua infância Borboleta Amarela relembra com carinho e saudosismo de ter realizado muitas atividades extraclasse. Teatro, patinação e ballet faziam parte do seu dia a dia escolar.

*Eu nunca quis ser professora eu queria fazer artes cênicas, mas por medo de tentar acabei prestando vestibular para Pedagogia porque tinha algumas cadeiras de teatro (Escritos da Borboleta Amarela).*

O que fez com que Borboleta Amarela se tornasse uma professora por opção foi o fato de ter feito o estágio em escolas de Educação Infantil. Após isso, por ter dado aula no Ensino Fundamental para um 2º ano e por ter atuado 6 anos como professora de 1º ano, se apaixonou pela sala de aula. Além disso, relata também:

*Uma grande experiência foi ter dado aula no CID (Centro de Integração e Desenvolvimento) para uma turma de inclusão, multisseriada (Escritos da Borboleta Amarela).*

Sobre o início da carreira docente na Escola Waldorf, Borboleta Amarela lembra-se de que

*Quando ainda era professora na Escola Marista, uma colega me convidou para ser cuidadora de uma filha dela que tinha paralisia cerebral na Escola Waldorf ao chegar e conviver no ambiente da escola Waldorf percebi que muito do que acreditava em educação acontecia na escola. A frustração de não poder pôr em prática o que estudava e entendia por educação é um fator que colabora com o desejo de mudança (Escritos da Borboleta Amarela).*

Antes de conhecer a Pedagogia Waldorf, ela fala com propriedade que:

*Quando entrei numa sala de aula, nunca mais quis sair. Crianças inspiram honestidade, verdade, alegria, superação... isso me motivou (Escritos da Borboleta Amarela).*

A partir disso, Borboleta Amarela ficou sabendo do Curso de Fundamentação e quis fazer. As marcas desse processo, ela descreve assim:

*Emoção, reencontro com a espiritualidade dentro da educação, do entender o ser humano no seu processo de desenvolvimento. Revisitar muitas conclusões teóricas, início de um processo consciente de autoeducação (Escritos da Borboleta Amarela).*

Borboleta Amarela destaca:

*O aprendizado é parte de um processo encarnatório. Ele sempre parte da ação e se solidifica na emoção para, posteriormente, se libertar na cognição. As pessoas estão acordando do sono do materialismo. Aos poucos surgirão cada vez mais propostas vinculadas com o Ser e não com o Ter (Escritos da Borboleta Amarela).*

Sobre a cultura digital, a professora tem esse pensamento:

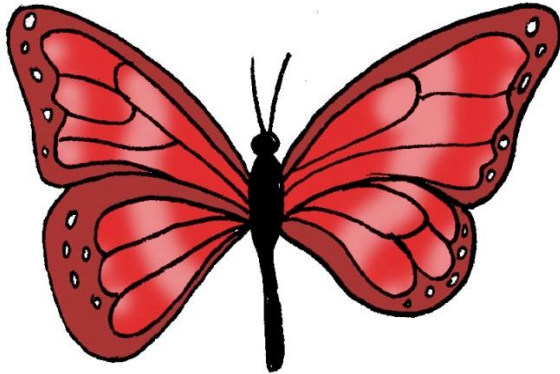
*A cultura digital, vinculada com um saber humanizado, só vem a contribuir com o nosso desenvolvimento e manutenção da vida humana. Só deve estar desvinculada de uma cultura opressora do corpo (Escritos da Borboleta Amarela).*

As contribuições da educação Waldorf à educação do século XXI, na visão da Borboleta Amarela são:

*Respeito ao processo de aprendizagem do ser humano a partir de uma percepção holística. Valorização da ação do homem em respeito à natureza e o compromisso com a verdade (Escritos da Borboleta Amarela).*



## A BORBOLETA VERMELHA



Fonte: Ilustração Byrata Lopes (2017).

Borboleta Vermelha está docente em uma escola Waldorf há 3 anos. Atualmente é professor de classe Waldorf, cursa Educação do Campo, em seu currículo a Pedagogia da Emergência se faz presente. A docência na Educação Básica tem uma vida de realizações, após passar por diversos seguimentos da sociedade, ousou promover mudanças no âmbito profissional. Sobre ser professor, lembra-se do início, quando foi convidado a ser professor auxiliar de uma 5ª série, assumindo, após alguns meses, como professor titular a turma. Ao final dessa experiência grandiosa e reveladora, Borboleta Vermelha foi convidada a iniciar como

Sobre suas experiências com a integração das tecnologias digitais na formação inicial, não teve contato que fizesse diferença em sua vida. Em contrapartida, na formação social, tem muito a dizer sobre o quadro que encontrou.

*Crianças com abstinência do brincar livre, ampliação do ócio, sentimento de “preenchimento vazio” do tempo (efeito açúcar), indisposição para interagir com outras crianças. (Escritos da Borboleta Vermelha). Eu não tenho palavras que possam exprimir o que penso sobre esta lacuna que está sendo criada no ambiente do Sentir destas crianças. Com o advento da tecnologia digital, as relações entre pais, alunos e professores que já estavam sofrendo um distanciamento progressivo, passaram a cultivar relações que evolui geometricamente para conversas sem palavras verbalizadas, tudo em nome do mais prático, do mais rápido, do mais*

professor de classe de uma turma de 1º série, o que o faz acreditar que realmente foi presenteado pelo destino. Borboleta Vermelha não se esquece da experiência vivida na Escola Ametista, onde teve a oportunidade de fazer atividades de marcenaria com algumas crianças... A vontade de estar em sala de aula foi sendo permeada mesmo antes de fazer uma mudança profissional drástica em sua vida. Foram momentos em que lamentava ir ao aeroporto para mais uma viagem de trabalho. Borboleta Vermelha externa aqui toda a sua emoção.

*Recebi o convite para ser professor de classe do 1º ano... nossa! Fiquei tão emocionado com este convite que a minha sensação foi ter recebido um presente do tamanho do infinito... foram dias de muita emoção. Ao ser apresentado para os alunos e a comunidade na passagem pelo Arco das Flores (assim chamamos esse evento) eu mal podia falar, foi super emocionante e eu entreguei-me completamente a esta missão (Escritos da Borboleta Vermelha).*

*produtivo. É preciso aprofundar a análise das consequências destas relações excessivamente digitais que se observar de forma mais profunda os valores que norteiam estas relações e o resultado delas, é preciso resgatar as inquietações que permeiam o tema cultura digital.*

Sobre suas experiências com as tecnologias digitais na docência, Borboleta Vermelha afirma:

*Entrou a máquina, instalou-se a agilidade, saiu a criatividade, perdurou a ilusão (Escritos da Borboleta Vermelha).*

Com sentimento de amor e saudades, Borboleta Vermelha relembra a sua infância, fase de grande importância na vida do ser humano, e lembra também da vida escolar e acadêmica antes da pW.

*Da minha infância lembro das férias no sítio da madrinha, de brincar com os primos, de ficar na casa da vó, comer biscoitos da vó (era a doceira da cidade), ajudar o vô na funilaria (ele inventava brinquedos) andar de bicicleta, jogar futebol. Já na juventude lembro de jogar muito futebol, de ajudar limpar o pátio cortar lenha, de minha introspecção, da vontade de aprender a dirigir, de apaixonar-me (Escritos da Borboleta Vermelha).*

Quando relembra o que o motivou a ser professor, Borboleta Vermelha relata:

*A minha convicção cada vez maior sobre a importância de uma boa educação nos primeiros anos (desde o jardim), fazem com que até hoje eu esteja entregue a esta tarefa (Escritos da Borboleta Vermelha).*

Já, na pedagogia Waldorf, sobre as experiências que marcaram a trajetória de aprendizagens docentes, Borboleta Vermelha relata que:

*Estas experiências aconteceram em escolas públicas (estaduais e municipais). Sempre que eu estava trabalhando com as crianças no espaço das hortas, percebia suas vontades de mudarem significativamente. Elas iniciavam as atividades demonstrando pouco interesse, e logo após os primeiros contatos com a terra já mudavam suas falas, a disposição era maior, o ânimo despertava. Esta cena se repetia por muitas vezes, em escolas distintas. Outro fato que marcou muito ocorreu em um encontro de professores. Logo após a uma breve fala de uma colega sobre a importância do contato da criança com a terra, fomos ao pátio para preparar os espaços onde seriam as hortas. Iniciamos os trabalhos com uma dinâmica onde cada professor, unindo as mãos fizesse uma concha. Logo após colocamos um pouco de terra em cada concha, pedimos para que cheirassem a terra, para esfregarem as mãos e depois dessa experiência tecessem um comentário. Para minha surpresa, grande parte dos professores reclamaram que estavam sujando as unhas que haviam feito e pintado no dia anterior (Escritos da Borboleta Vermelha).*

Para Borboleta Vermelha, tornar-se um educador Waldorf resume-se nestas três palavras:

*Desejo, oportunidade, necessidade de emprego. Já a opção por esse caminho e a busca pelo autoconhecimento e autotransformação se deve ao fato do meu contato com meu “mundo interno” que teve início pouco antes do nascimento da minha primeira filha. Escrevo isso, pois até então, meu movimento acontecia quase sempre em direção aos sons externos, dando pouco ou nenhuma importância aos sons do sentimento. Neste período por volta de 2006 iniciei os primeiros contatos com a Antroposofia, mesmo que ainda com muitas dúvidas sobre o assunto, contudo, sentia que quanto mais conteúdos eu absorvia a respeito, melhor era meu entendimento sobre tudo ao meu redor. Nestes anos de idas e vindas pelo território brasileiro por força de minha primeira profissão, espalhei perguntas, brotei lágrimas, conheci realidades de culturas diversas, apreciei sabores das culinárias, contatei com gente que não fala a linguagem da gente e fui a lugares onde (sobre) vive muita gente. Não houve tempo melhor do que o da volta, sempre depois da ida, e nesta ordem eu me encontrava dia após dia. Tudo era completo quando eu conseguia ficar próximo da família e da escola por vários dias, quando isso acontecia, algo mudava internamente.... (Escritos da Borboleta Vermelha).*

Em meio às diversas experiências de formação inicial e continuada na Pedagogia Waldorf, Borboleta Vermelha narra poeticamente sua trajetória:



### **Bio-grafia**

*“De tudo o que  
pensei,  
do pouco que tentei  
a vida deu-me o  
prazer  
de encontrar-me, aos  
poucos.  
A cada vôo,  
a cada estrada  
percorrida,  
ficava um vazio em  
meu ser  
e nada preenchia  
aquela lacuna  
amarela.  
E assim foram-se  
os dias de uma vida  
cor-de-rosa.  
Os encontros do  
mundo  
corpo+ra+tivo  
de nada valiam  
para a subsistência  
espiritual de meu ser,  
esvaziava-me cada  
vez mais,*

*acinzentava-me...  
Eu deixar de viver  
a cada partida,  
pois a vida  
ficava, com quem  
ficava.  
Desde sempre foi  
assim.  
Eu fugia  
e me entregava ao  
cumprimento  
do que a muito  
não fazia sentido,  
e o que fazia  
não ressoava  
em meu coração,  
pois eu não estava  
perto dele.  
E o tempo passava...  
Por vezes, eu o via,  
falava com ele,  
escrevia,  
até o sentia...  
e adormecia  
no vazio dos dias.  
Eu não buscava a  
resposta  
não perguntava,*

não haviam  
questionamentos.  
O tempo era labor  
pelo labor.  
A lembrança de  
alegrar-me  
quando  
momentaneamente  
as crianças faziam  
parte de meus dias.  
Azulava-me...  
Ainda assim,  
eram poucos estes  
dias  
e meus sentimentos  
não eram  
suficientemente  
tocados.  
E o tempo passou...  
As angústias  
resultavam  
de uma busca que  
não existia  
de um querer  
ilegítimo,  
de um sentir  
superficial.  
Travei conversas  
duras  
com minha  
consciência  
mas não concluí,  
nada.

Pensar e contar o  
tempo,  
para mim,  
é descrever a vida  
que foi,  
e a que falta.  
O hoje  
não incluo nesta  
contagem  
pois agora  
agreguei-me a esta  
cena...  
Esverdeei-me.  
Agora sugiro  
algumas falas  
e alguns cenários,  
improviso,  
conto,  
danço  
e me emociono.  
Agora estou  
presente,  
estou aqui,  
e não nas nuvens...  
Eu vejo,  
eu meço,  
eu observo,  
eu sinto.  
Eu vivo o  
crescimento das  
crianças.  
Aquarelei-me.  
Agora estou aqui.”

## A BORBOLETA ROXA



Fonte: Ilustração Byrata Lopes (2017).

Do mesmo modo que a Borboleta Vermelha, a Borboleta Roxa narra suas experiências de vida poeticamente.



### **Essência**

*Um dia ouvi falar Waldorf  
Foi então que me encantei  
Desejei com ela educar  
E na essência passei a me  
identificar.  
No chão de sua escola não  
estou a atuar  
Mas em minha prática pude  
agregar*



*Com minha pedagogia  
Do criar, contar histórias e  
poetizar  
O ritmo Waldorf  
O sentir Waldorf  
O agir Waldorf  
Pois é assim que eu sou...  
Uma criança, um espírito  
que vem de mim esperar  
Recebo-a com todo o meu  
sentir na alma  
E a contemplo na sua  
grandeza que vem aflorar  
Sei que sou Waldorf  
Pois é assim que eu sou...*

Borboleta Roxa traz-nos uma narrativa singular, na realidade um contraponto ao que temos como expectativa com relação aos processos formativos do educador Waldorf.

*Não sou professora/educadora Waldorf, desejei ser por um tempo, desde que conheci a pedagogia Waldorf em 2008. Neste momento, estou com dúvidas, pois digamos que me “desencantei” com a Pedagogia Waldorf, não por sua metodologia e filosofia, mas por não ter estímulo por parte de seus professores de curso de formação, sejam eles da parte prática ou teórica.*

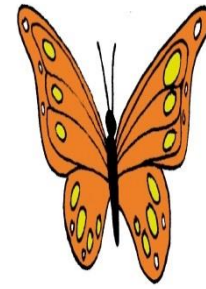
*Esse conhecimento chegou até mim pela razão de buscar uma educação para as crianças da Nova Era, os índigos, os cristais e outros da nova geração, eu precisava de ajuda para meu filho, e a partir daí vi um caminho iluminado e indicado para essa geração. Confesso que não li nenhum livro sobre a Pedagogia Waldorf, pois por toda minha graduação da pedagogia tradicional tinha como meta, ao concluir, iniciar a especialização na Waldorf, aí iria dedicar-me a literatura específica. Estava me preparando para adquirir a literatura antropológica e Waldorf ao iniciar o curso de formação. Na verdade, sempre soube que para ter uma Escolinha Waldorf, tinha que ser graduada na Pedagogia Tradicional. E foi o que fiz, pois era meu desejo ter um Jardim Waldorf. Acho encantador iniciar a educação dos pequeninos na filosofia Waldorf, sobretudo nos dias de hoje, que ao meu ver a criança é incentivada, sobretudo na escola, a ser menos tempo criança. Já não se faz mais brincadeiras como antigamente, oferecem-se apostilas para estudo e cada vez menos contato com o meio ambiente externo, como a natureza. Para mim, isso tudo é fundamental, além do contato com artesanato e a espiritualidade, que são essenciais de serem trabalhados nas crianças. Quando iniciei o curso de Fundamentação em Janeiro de 2016, no modo imersão, como eles chamam, estava certa de que ali seria meu lugar. Lá só fiz aquele primeiro encontro, comecei ponderar o tempo para formar-me, a distância os gastos foram fatores que influenciaram entre outros e, para lá não mais voltei. Então, surgiu a oportunidade de fazer um curso prático da Pedagogia Waldorf, mais perto em Porto Alegre, e por menos tempo. Em companhia de uma amiga que fez o convite me aventurei na busca por resposta aos meus anseios. Mas qual foi a minha surpresa, ali tive a impressão de que a pessoa responsável pelo curso não estimulava os aprendizes, a dirigir uma escola Waldorf, como era a minha vontade, esta foi uma das primeiras perguntas que fiz, eu precisava de respostas. É, claro que nem todos que estavam ali assim desejavam, observei que no seguimento das aulas, parecia que deixava a turma insegura quanto às atitudes de um educador Waldorf, que dava a impressão que teria de ser um “deus” para agir com conhecimento antropológico, já que a Pedagogia Waldorfbaseia-se na Antroposofia. Além disso, também tinha uma explanação teórica muito individual e digamos que um tanto “proprietária” do assunto. Não senti segurança em solicitar orientações para esta pessoa quanto aos procedimentos legais para iniciar a escolinha ou qualquer outro assunto. Devo ainda ressaltar que as práticas para os pequeninos iniciam-se a partir dos 2 anos de idade, segundo a visão de Rudolf Steiner o idealizador da PW, e eu desejava ter cuidados com os pequenos desde os primeiros meses de vida, se assim fosse necessário, pois hoje as mães têm a necessidade de retornar ao mercado de trabalho assim que possível. Creio que a Pedagogia Waldorf deveria ser de acesso a todos inclusive ao sistema público, assim acredito, pois é a pedagogia que contempla o ser humano de forma integral, considerando o corpo, a alma e o espírito, e respeitando o ritmo de cada aluno, tendo, assim, seu tempo de amadurecimento. São dimensões do ser humano que para a escola tradicional não interessam, talvez nem as conceba como existentes, e que, no entanto, são parte de um todo que forma o indivíduo para que chegue a terra com condições de realizar sua missão. Quiçá chegue o dia do meio educacional adotar a filosofia da pedagogia Waldorf para que se multipliquem as pessoas felizes e realizadas na vida. Esta é a minha experiência na tentativa de querer ser especializada e ter uma formação e mais conhecimento sobre a Pedagogia Waldorf, no entanto isso não fará com que meus sonhos não se realizem, sou uma Pedagoga e amo o que faço (Escritos da Borboleta Roxa).*

Ao ler a narrativa da Borboleta Roxa, buscando os traços do pensamento de Rudolf Steiner, ficou a certeza de que também devemos pensar na formação dos

formadores dos educadores Waldorf. Tal como na pedagogia tradicional, os formadores são primordialmente motivadores de uma profissão para a qual seus estudantes estão buscando aprendizado. Esperamos que, no futuro, Borboleta Roxa encontre a sua síntese, a sua metamorfose como educadora Waldorf, mais do que um título, a identidade com uma proposta essencialmente humanizadora de educação integral do homem.







*(RE) ENCONTROS*

*Nos encontros, reencontros e desencontros  
Reencontro e desencontros nos encontros  
Anos, dias, meses, semanas  
Horas, minutos, segundos  
Uma eternidade de esperança e procura de SER  
A busca por realização SER  
Passaram-se os anos, sessenta  
E tal qual o casulo em imersão e inerte na sua folha, alimentei-me do  
querer viver  
Na esperança de SER  
Mal sabia que a autotransformação já existia  
La estava ela, intrínseca na minha metamorfoseada placenta  
Faz parte de todos os meus dias vividos antes, e agora  
Amei, desamei, apostei, detonei até magoei  
Abortei, chorei  
Feliz fui enquanto pude SER  
Queria o mundo, vim ao mundo  
Para SER  
Apenas não trapaciei, amei  
Se permitido, não sei  
Sou casco da tartaruga  
Casulo de borboleta com asas da imaginação  
Cavalo alado  
Ressignifiquei o viver, plantei sementes para a existência com gosto  
de lágrima e suor, saboriei, salivei, regugitei  
Vivi, convivi, convivo com diversas formas de preconceitos vida a  
fora  
Por vezes velado outras nem tanto disfarçadas  
Mas resisti, sobrevivi  
Encontrei amor, respeito, acolhimento entre alguns  
Tantas outras coisas que me fazem hoje viver outra vida nessa vida,  
SER  
Agradeço a cada viver das vidas que vivi e vivo para SER  
Encontros desencontros reencontros  
Quero apenas SER  
Evoluir  
Fazer diferença na minha e em tantas outras vidas não minhas  
Viver a liberdade de poder simplesmente viver e SER.*

*Borboleta Laranja*





#### 4 MEMORIAL DE FORMAÇÃO DA AUTORA, *BORBOLETA LARANJA*

Neste espaço, podemos perceber os movimentos para os encontros, desencontros e reencontros a caminho da formação Waldorf da autora.

O tempo para mim<sup>15</sup> é um eterno presente, em que o agora se interconecta na trama vivencial e nas aspirações de autotransformação e busca por novos sentidos à vida e à profissão. A minha trajetória de vida tem sido rica em experiências, significações e sentidos, no entanto a formação acadêmica começou a ser redesenhada a partir do contato com a Educação a Distância (EaD), como estudante e, depois, como tutora a distância e Coordenadora de Polo. O último decênio, 2006 a 2016, demarca o meu retorno aos estudos acadêmicos e o empenho em buscar na pós-graduação o meu *ponto de mutação*<sup>16</sup> nos caminhos percorridos até então.

Ancorando a reflexão na abordagem dos setênios, de Rudolf Steiner<sup>17</sup>, o período mencionado representa, em meu percurso vital, a transição entre o oitavo e nono setênios, ou seja, entre a tarefa existencial de “ouvir o mundo” e o amadurecimento diante das “bruscas mudanças”, traçando a minha biografia humana em busca do exercício da liberdade com sabedoria. E a sabedoria está em reconhecer humildemente que é preciso construir, passo a passo, mais que o conhecimento, o autoconhecimento e o sentido que adentrar o conhecimento acadêmico fará, no bojo da minha evolução.

---

<sup>15</sup> O conteúdo vivencial exige a narrativa na primeira pessoa do singular, pois me permito dar voz a minha trajetória e as minhas inquietações. Eu sou a Borboleta Laranja. Escreverei sem itálico, imprimindo ao texto narrativo toda a minha subjetividade de professora Waldorf em formação.

<sup>16</sup> Refiro-me ao Ponto de Mutação do I Ching, cujo significado encontra-se na epígrafe.

<sup>17</sup> STEINER, Rudolf. **Os doze sentidos e os sete processos vitais**. 4. ed. São Paulo: Editora Antroposófica, 2012.

Dando continuidade à breve autobiografia, depois de interromper os estudos por alguns anos, retorno à vida acadêmica, cursando a graduação em Administração EaD na Universidade de Santo Amaro - UNISA, São Paulo, e a Especialização em Educação a Distância na Pontifícia Universidade Católica - PUC, do Rio Grande do Sul. Esse contato com a EaD fez com que eu desenvolvesse a disciplina e autonomia diante da liberdade de organização do estudo que a EaD proporciona aos alunos, cujo comprometimento, em primeiro lugar, esteja com a autoaprendizagem.

A partir dos cursos de formação, fui convidada a ser tutora em dois polos educacionais. O primeiro foi na própria instituição onde cursei a graduação, onde pude vivenciar o outro lado. Até então eu vivenciara o processo de aprendizagem, mas, a partir daquele momento, surgia a oportunidade de ser tutora mediante os cursos internos e externos na EaD.

Após um ano na UNISA, fui convidada a ser tutora EaD na Universidade Estácio de Sá, antiga do Rio de Janeiro, (ao iniciar chama-se UNISEB), sendo que, nesta instituição, exerci também o cargo de Coordenadora de Polo. Ali permaneci por três anos e meio, desligando-me a pouco tempo para cursar o Mestrado em Educação na Universidade Federal de Santa Maria – UFSM, no Rio Grande do Sul.

Nesse ínterim, ingressei no Programa de Formação de Professores para a Educação Profissional - PEG, na UFSM. Este marcou a minha vida acadêmica como um curso de graduação que agrega o grau de licenciada, uma vez que a primeira graduação foi em bacharelado. Fazer esse curso foi uma exigência, à época, da futura orientadora de mestrado, a qual enfatizou a importância do PEG para a formação de professores que não vêm de uma Licenciatura, no caso, os bacharéis.

Foram quase dois anos no PEG, com muitas experiências e bons professores, em disciplinas com as quais eu nunca havia tido contato. Principalmente, destaco, em minha trajetória formativa, o estágio em sala de aula na Escola Estadual de Ensino Médio Prof.<sup>a</sup> Maria Rocha, onde eu pude vivenciar, na prática, as teorias desenvolvidas até o momento. Tudo isso me proporcionou a visão de que ser professor, planejar a aula, fazer o plano de ensino e manter os alunos com interesse no tema desenvolvido são desafios do dia a dia do professor.

Além disso, pude ter a experiência de participar novamente de aulas presenciais, pois há algum tempo eu estava convivendo somente com cursos a distância. Foi a partir dessas vivências que participei da seleção de Mestrado em Educação na UFSM, uma vez que a minha base se solidificara com elas. A exigência da futura orientadora, enfim, fez total sentido no redesenho da minha

trajetória formativa. Hoje tenho certeza de que, como bacharel, não teria condições de ingressar no Mestrado em Educação e se o tivesse feito teria grandes dificuldades de compreender os autores da linha de formação de professores e de elaborar uma dissertação.

O bacharelado proporcionou-me toda uma vida de experiência profissional. A tutoria, a oportunidade de conviver com o outro lado do cenário da EaD. O PEG, além da experiência presencial, a partir das disciplinas, trouxe-me o estágio supervisionado, o qual me desafiou à convivência na sala de aula como educadora. No Mestrado, a oportunidade de consolidar todas estas experiências, a partir das disciplinas e dos seminários, das leituras, dos estudos de grupo e da produção científica.

Assim, todas essas vivências, como estudante EaD de graduação e de especialização, tutora presencial e de EaD, coordenadora de curso EaD, estudante do PEG, estagiária e agora mestranda, são experiências únicas em minha vida, fazendo ressurgir o meu desejo de ser professora, alimentado desde a minha infância. Desejo esse que está sendo realizado dia após dia, através das disciplinas que tenho vivenciado no mestrado e dos estudos no Projeto Inovar, do GpKOSMOS<sup>18</sup>, grupo do qual participo desde 2013.

Paralelo a isso, desenvolvi o hábito da alimentação saudável, sou vegetariana e participo de grupos ligados à agricultura biodinâmica e orgânica. Na mesma direção, voltei-me ao estudo da Antroposofia. Essa experiência existencial tem demonstrado a mim, ao meu companheiro e ao nosso filho a ideia Steinereana, de que formar seres humanos livres, capazes de encontrar propósito e direção para as suas vidas por si mesmos, é a mais nobre tarefa da educação e, por conseguinte, do educador, estendendo o termo aos pais e aos cuidadores.

Para além disso, com o mestrado, passei a desenvolver o estudo sistemático de um tema que faz parte das minhas leituras há cinco anos - a pedagogia Waldorf (pW) e Rudolf, seu idealizador. A paixão pelo tema desenvolvido fez com que eu participasse do Curso Básico de Práticas de Formação em Pedagogia Waldorf, buscando referências e experiências para a construção desta dissertação.

---

<sup>18</sup> O Projeto Inovar está voltado ao estudo das Artes, das culturas e das linguagens no contemporâneo, investigando diferentes movimentos pedagógicos que se mantêm no contexto da Era Digital. É desenvolvido no GpKosmos – Grupo de Pesquisa sobre Educação na Cultura Digital e Redes de Formação, certificado pelo CNPq e liderado pela Prof. Dr.<sup>a</sup> Adriana Moreira da Rocha Veiga.

Desde o ano passado, participo, em Porto Alegre, de atividades formativas em pW. Primeiramente, busquei o módulo introdutório do Curso de Fundamentação em Pedagogia Waldorf na Fazenda Criúvas, local conhecido como Fazenda do Arroz Biodinâmico, em Sentinela do Sul, RS, em regime de imersão. Devido ao local do curso e ao seu tempo de duração, optei por outra modalidade que convergisse aos propósitos de formação.

Assim, passei a frequentar o Curso Básico de Práticas de Formação em Pedagogia Waldorf, coordenado pela Eurytmista e pedagoga Waldorf Tereza Cristina Salgado Barbosa<sup>19</sup>, em Porto Alegre, RS. O curso é desenvolvido em três escolas Waldorf<sup>20</sup> e tem um estágio supervisionado, permitindo a relação teoria-prática na formação, o que é um princípio fundamental para a qualidade da aprendizagem de ser educador/a Waldorf.

As imagens e as lembranças estão vivas em minha memória, a primeira viagem que fiz para tão sonhada Escola Waldorf, em 2015, se concretizou e foi inesquecível.

Uma (1) hora da manhã, saí de Santa Maria rumo a viver algumas horas o sonho de conhecer a Escola Waldorf Querência em Porto Alegre, cidade que fica a 300 km de Santa Maria, onde resido.

---

<sup>19</sup> A Eurytmista Tereza Cristina Salgado Barbosa é Pedagoga (jardineira e professora Waldorf). Teve a sua Formação em Pedagogia Waldorf em São Paulo e Pós-graduação em Witten-Annen, Alemanha. Formação em Eurytmia na mesma instituição na Alemanha e pós-graduação em Dornach, Suíça. Formação em *Eurytmia Terapêutica* em Pforzheim, Alemanha.

<sup>20</sup> As três escolas envolvidas no curso de formação são a Escola Waldorf Querência, o Recanto Esmeralda e a Casa Ametista – Jardim de Infância Waldorf. Localizadas em Porto Alegre-RGS.

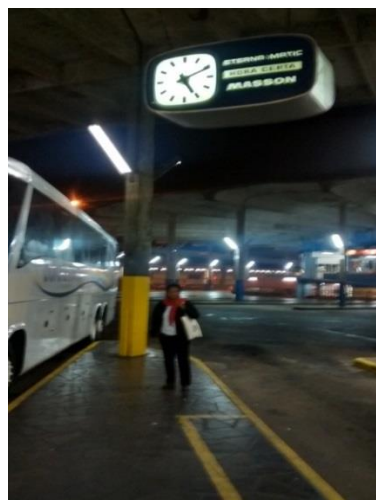
## Memória fotográfica 1 – Viagem para Escola Waldorf Querência



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Hora do desembarque, cheguei na rodoviária de Porto Alegre por volta das cinco (5) horas da manhã, o dia estava amanhecendo e a viagem transcorreu tranquila. Os meus pensamentos estavam na escola e em tudo o que eu poderia conhecer, ver e viver. Chegar ao local onde fica a escola foi sinônimo de espera por um ônibus que levou aproximadamente 1 hora e 15 minutos para vir, então, às 6 horas e 20 minutos estava eu no ônibus Serraria, rumo ao sonho: ir até a Escola Waldorf Querência.

## Memória fotográfica 2 – Rodoviária Porto Alegre



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Meu estômago estava cheio de larvas que se movimentavam na busca de saber mais e aprender, principalmente sobre a formação do professor Waldorf e sobre como se dá a autotransformação. Meu coração, acelerado, batia a mil, pois estava prestes a ver materializado tudo que conheço através de livros, de filmes, de revistas, de sites, de fotos, de artigos, de CDs e de ouvir das pessoas relatos sobre essa pedagogia, além dos meus estudos sobre pW que já acontecem há 5 anos.

Além de toda a expectativa, eu tinha uma curiosidade imensa, muitas perguntas e uma dificuldade de organizá-las por prioridade, na realidade parte do meu sonho era ver, na prática do dia a dia, como se dá essa aprendizagem, como se desenvolve esse trabalho, afinal eu só tinha leitura mas nunca vivenciei esse processo, eu precisava vivê-lo. Na realidade, encontrei a pedagogia Waldorf através de estudos sobre agricultura biodinâmica, a alimentação fez este encontro tão saudável, afinal tanto a educação como a alimentação fazem parte da cura do ser humano.

Às 7 horas e 20 minutos, observei, ao chegar à escola, que havia muito verde por toda a parte. O local é bem arborizado, na parte da frente há muitas taquaras que encobrem a parte de dentro da escola. Ao entrar pude ter uma melhor visão do todo, o que me permitiu ver que o local tem muitas árvores dentro e fora, árvores essas frondosas e bem antigas. É praticamente um espaço coberto por verde, um lugar mágico e com muita energia das crianças, onde fui recebida com muito carinho e levada até a porta de uma das salas de aula para fazer a observação.

### Memória fotográfica 3 – Viagem para Escola Waldorf Querência





Memória fotográfica 4 – Vista da Cantina da Escola Waldorf Querência



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 5 – Pátio da Escola Waldorf Querência



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

## Memória fotográfica 6 – Entrada da Cantina, pátio da Escola Waldorf Querência



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Ainda no lado de fora da sala, ouvi o sino soar; eram 7 horas e 30 minutos e os professores já estavam posicionados em frente as suas salas. Olhei para a porta da sala de aula e havia uma cortina como se fosse de uma casa, nunca tinha visto uma sala de aula com cortinas. Além da porta, as janelas também tinham cortinas, o que me fazia lembrar um lar, nossa casa. Confesso que senti certo conforto com essa lembrança e, por incrível que pareça, fiquei bem mais a vontade com este visual que me era familiar, principalmente por haver alguém esperando na porta.

## Memória fotográfica 7 – Porta da Sala de aula da Escola Waldorf Querência



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Os alunos, um a um, foram sendo recebidos pela professora na porta da sala com um ‘carinhoso acolhimento de mãos’ e um olhar, ‘olho no olho’, muito especial da professora que, para cada um, dizia palavras como “Bom dia querido” e pronunciava o nome, fazendo menção a alguma coisa importante para eles. Este instante em que as mãos são acolhidas e os olhares se entrelaçam em um encontro quase mágico de almas, o professor sente o pulsar do coração do seu aluno e a sua energia.

Essa saudação que eu poderia chamar de “diálogo amoroso de acolhimento de mãos e olhares” era como se aquelas pessoas estivessem recebendo alguém na sua casa para passar uns dias, como se fosse uma visita a quem estivessem dizendo: seja bem-vindo, estávamos te esperando. Em contrapartida, não havia atropelamento ao entrar, era um de cada vez e todos eram saudados com alegria, sem aquele alarde habitual de início de aula que estamos acostumados a presenciar. Todos esperam ser cumprimentados pela professora, muito interessante para uma segunda feira no início de semana.

#### 4.1 A SALA DE AULA: MEU OLHAR

Ao ser convidada a entrar na sala de aula fiquei junto aos alunos em uma das classes e fui de pronto apresentada à turma que, em alto e bom som, me deu boas vindas, então tive a certeza de que estava em uma casa, os objetos faziam sentir este clima de casa. Além das classes, em que ficavam de 2 ou 3 alunos juntos, havia uma pia de lavar louça, canecas para água individualizada, uma lixeira, um local para pendurar a mochila e os abrigos e uma pá de lixo. Havia também geladeira, forno, filtro de barro para água, vassoura, diversos instrumentos musicais como piano, violão, flautas, tambor, kantele, algumas plantas, um aquário com peixes ornamentais, estantes com muitos materiais confeccionados pelos alunos, inclusive as capas de cadernos e agendas em trabalho manual. Numa dessas estantes ficava o material escolar utilizado em aula, pois eles não levam para casa os cadernos/materiais escolares individuais, estes ficam na parte de baixo da classe. Pude examinar o quanto esse material é cuidado e feito com amor, os cadernos mais parecem diários, não tem linhas/pauta e a caligrafia é um primor, tudo muito caprichado, tem muita arte e beleza no material.

Além disso, fiquei encantada com a 'Lousa', verdadeira obra de arte, mais parecia um enorme quadro de pintura embelezando a parede de uma casa. Esta lousa é desenhada pelos professores, em todas as salas existe uma lousa artística que é feita no início de cada semana ou mês, dependendo do ensino de época.

Um pouco do que pude ver nas salas de aula.

Memória fotográfica 7 – Interior de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 8 – Interior de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 9 – Interior de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 10 – Lousa artística de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência



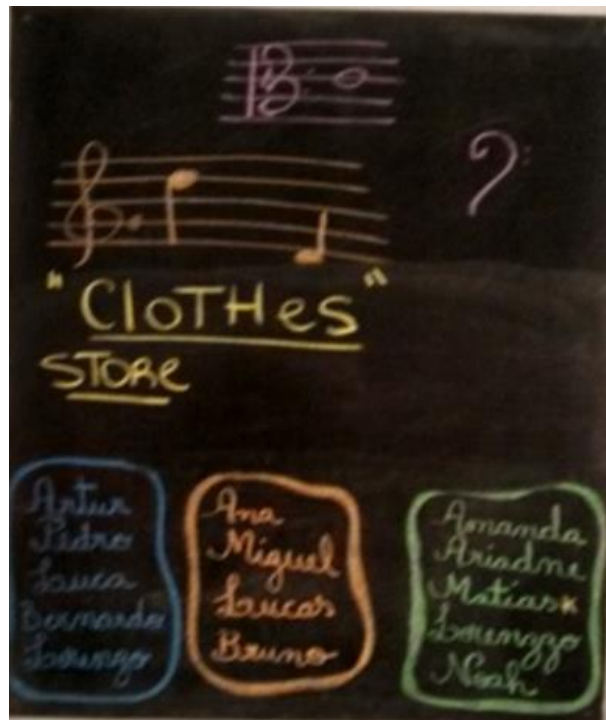
Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 11 – Lousa artística de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência



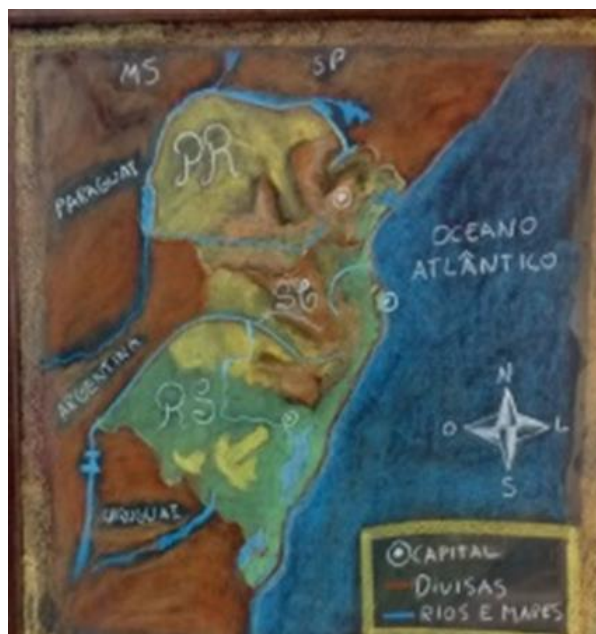
Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 12 – Lousa artística de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 13 – Lousa artística de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 14 – Lousa artística de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 15 – Lousa artística de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.



Memória fotográfica 16 – Lousa artística de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 17 – Interior de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 18 – Interior de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 19 – Interior de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

## Memória fotográfica 20 – Interior de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

## Memória fotográfica 21 – Interior de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 22 – Interior de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 23 – Interior de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

## Memória fotográfica 24 – Interior de uma sala de aula da Escola Waldorf Querência



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

### 4.2 O INÍCIO DA AULA

A sala de aula que observei, na Escola Waldorf Querência, tem 12 alunos, é uma 4ª série. Um dos alunos tem necessidades especiais e é acompanhado por mais uma professora.

Ao entrar o último aluno, a professora se posicionou em frente à sala e disse: 'Bom dia queridos alunos' e, em conjunto, eles responderam 'Bom dia queridas professoras'.

A professora iniciou a aula lembrando alguns recados da agenda do mês da escola e todos ficaram cientes dos acontecimentos acadêmicos; isso é de praxe e acontece todos os dias. Logo a seguir, iniciou o conteúdo da aula anterior. Um grupo de 6 alunos se dirigiu a frente para declamar o poema 'Os Unos' que tinha conexão com o conteúdo estudado na semana anterior e que ainda estava acontecendo por ser o ensino de época, esta aula era de matemática.

Os alunos declamaram em voz alta e, com muita ênfase, bateram os pés e mãos para acompanhar a poesia que era longa, pelo que observei todos sabiam a história completa dos 'Unos', só que em forma de poema. Fiquei encantada com o

que assisti. Após esta apresentação, eles retornaram a seus lugares e, então, começaram a rever o conteúdo de matemática da aula anterior.

Um a um, foram provocados a colaborar, e eles mesmos se pronunciaram e se agendaram para contribuir. Aquele que chegou mais próximo não era diferente daquele que não chegou a nenhum resultado, nem daquele que tinha o resultado correto, pois o que importava é o que cada um fazia para entender e o que fazia para desenvolver o problema, estar certo ou errado não era o produto final. O que valia era a intencionalidade do ato.

A forma como as manifestações e as provocações foram feitas me surpreenderam. Não havia, em nenhum momento, cobrança, tanto da professora, como dos alunos, apenas provocações como: você concorda? Não? Como você fez o desenvolvimento? Mostra aqui no quadro o teu desenvolvimento? Tudo isso me fez refletir sobre o modo de interagir com os alunos, havia um respeito que permeava o ambiente, eram crianças, adolescentes, é difícil ver este tipo de atitude de respeito um com o outro, sem risos ou deboches, mas com contribuições apenas.

Quando chegou a hora do intervalo, posicionei-me em uma mesa que estava na entrada da cantina que fica de frente para o pátio, os professores saíram das salas de aula e foram para a cantina, alguns alunos acompanharam seus professores e fizeram lanche na mesa de dentro da cantina, outros saíram e foram para o pátio brincar e juntar-se aos que lá estavam, lanchando o que havia sido colocado em uma mesa perto de uma das salas de aula.

Memória fotográfica 25 – Observação do horário de lanche da Escola Waldorf Querência



Memória fotográfica 26 – Vista da cantina da Escola Waldorf Querência



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 27 – Interior da cantina da Escola Waldorf Querência



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

## Memória fotográfica 28 – Interior da cantina da Escola Waldorf Querência



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Entendi que era opcional, entrar na cantina ou lanchar no pátio. Mas o mais importante é que todos brincavam em harmonia, parecia até filme ou sonho dizer que tudo acontecia na santa paz com tantas crianças juntas, fazendo brincadeiras de pneu na árvore, sendo que cada um aguardava a sua vez. Também pude observar o respeito entre eles, os maiores cuidavam para que os menores participassem da brincadeira.

Da cantina, os professores, enquanto lanchavam, observavam. Uma professora passou por três vezes no pátio dando uma olhada. Não vi sequer um chamado de atenção, mas confesso que gelei quando vi eles saindo da sala de aula para o pátio todos juntos. Quando começaram a brincar pensei: meu Deus! Vão se machucar, pensei nos pequenos de 7 e 8 anos, porque havia meninos e meninas maiores.

Qual foi a minha surpresa? Nada aconteceu exceto que brincaram muito e lancharam, o sino soou novamente e todos foram para suas salas ordeiramente assim como foi no início da aula, sem atropelos.

Não havia lixo no chão, não havia sequer um papelzinho, sem falar que o lanche era maravilhoso, eu também participei desse momento, havia frutas como banana e maçã, café com leite, chocolate e chá, pães caseiros e pãozinho de queijo



que exalava o seu perfume ao assar minutos antes de começar o intervalo, pude até sentir o aroma lá da sala de aula; até mesmo o perfume do café que estava sendo passado dava para sentir.

Este aroma de pães assando e café mexeu com meu cérebro e com as minhas lembranças de infância que logo afloraram e me fizeram perceber que eu realmente estava em uma casa, com muitas crianças, onde tinha pão feito caseiro quentinho, muito verde no pátio e até brincadeiras em árvores e com pneus. Eu estava muito bem e muito confortável, não me parecia que era a minha primeira vez ali; e eu não queria que o dia acabasse, na realidade parecia que eu já havia estado naquele lugar, pois eu tinha um sentimento enorme de pertencimento. Tudo lembrava a minha casa e onde vivi minha infância. E foi ali que começou, e aflorou de vez, o desejo de viver isso, de buscar minha infância perdida e esquecida, de voltar e experimentar ser criança, de conviver com eles, de ter aquela energia que presenciei, de ser uma professora como a que eu estava observando em um ambiente assim.

Nunca imaginei que uma visita pudesse ser o início do querer se autotransformar. Eu, uma lagarta que vivia na planta hospedeira, cheia de vontade de virar pupa, sair do casulo e voar, não só nas asas da imaginação, mas voar com realidade, com vivência, através da aprendizagem da autoeducação e da autotransformação. Estava começando a me encontrar, e este foi o primeiro passo para sair definitivamente do casulo.

Tudo o que li até agora estava materializado, existia sim, era real e possível na educação, que não sei como precisar e expressar em palavras, mas que contém ingredientes como amor, cuidado, respeito ao próximo com uma aprendizagem mais humana, centrada no desenvolvimento do ser humano.

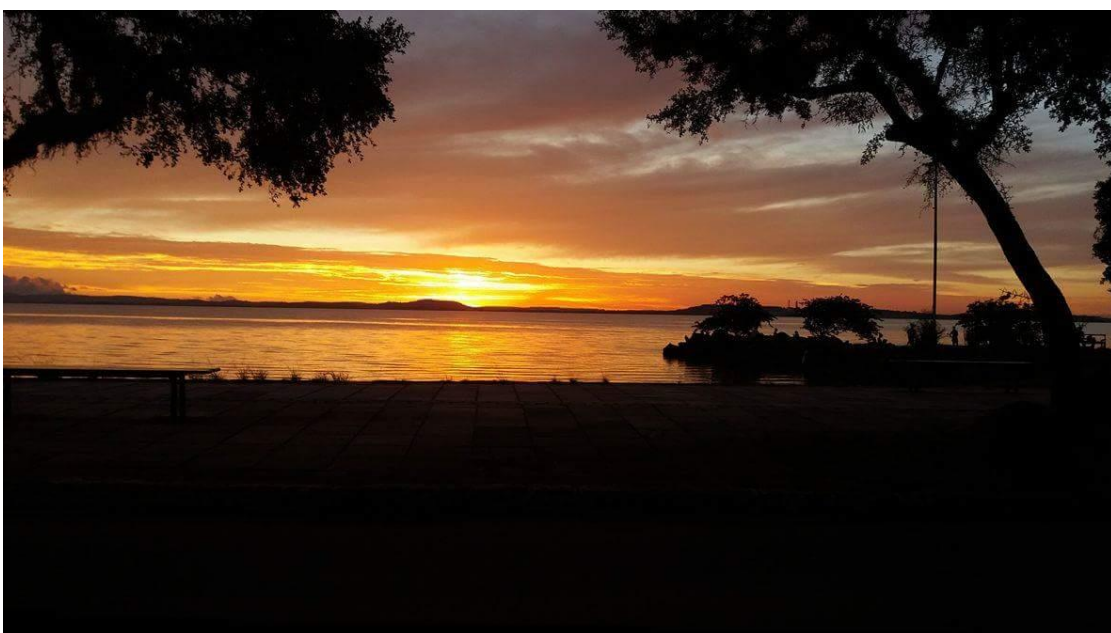
Observei que havia um grupo que não foi para a sala de aula, ficou em uma mesa na parte externa da cantina. Eles estavam discutindo sobre um trabalho que deveriam apresentar em forma de teatro, um conteúdo de história, eram alunos da 7ª série, sem acompanhamento do professor, que estavam em um número de seis. Acompanhei por 1 hora toda a discussão e o planejamento, inclusive a logística de quem era encarregado disso ou daquilo, de quem iria marcar o tempo, de quais seriam as roupas, tudo muito bem planejado. Este trabalho seria encenado no final do semestre e estava relacionado a todo o conteúdo de história do primeiro semestre. Eles utilizaram o tempo integral de aula neste trabalho, só pararam

quando o sino soou novamente. Então a professora saiu da sala de aula e veio conversar com eles, por uns 10 minutos, e um deles fez as colocações um feedback de como pretendiam fazer a apresentação. Ela se despediu e eles retornaram à sala de aula para guardar os pertences, depois foram para suas casas. Pude observar que o que é da escola se resolve na escola e que o professor acompanha as atividades, mas não interfere na autonomia dos alunos, no querer, a menos que este cause prejuízos.

Minha visita de um dia estava acabando e eu precisava ir para a rodoviária, pois era longe, o ônibus demorava, e ainda tinha 300 km de volta para casa, mas eu estava transbordando de felicidade e de alegria, como uma criança que recebeu seu presente esperado. Muito agradecida, a professora me recebeu representando os professores e as professoras com quem estive na sala de aula, além dos queridos e amados alunos que conheci.

Voltei outras vezes nesta escola para visita de observação, não só quando iniciei o mestrado em 2015, mas também em 2016. No início deste ano também, por ocasião do Curso da Prática da Pedagogia Waldorf, parte realizado neste estabelecimento. Sempre foi gratificante estar nesse lugar onde pude vivenciar, aprender e compartilhar conhecimentos e, aos poucos, me desenvolver como ser humano.

Memória fotográfica 29 – Pôr do Sol do Rio Guaíba



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Ao retornar de uma das visitas de observação, fui agraciada com uma lousa desenhada e pintada pelas mãos do criador do universo, isso fez lembrar as lousas dos professores das escolas Waldorf, todas umas obras de arte.

#### 4.3 A TRILHA: PROCURA POR QUALIFICAÇÃO EM PEDAGOGIA WALDORF

Minha caminhada em busca do aprender e do querer mais começou a partir dessas vivências, em que tive a certeza de que queria uma qualificação dentro da proposta da pedagogia Waldorf, visando à aprendizagem e à autotransformação pessoal. O início no curso de pedagogia Waldorf aconteceu como que por encanto, foi o começo de uma relação de amor e de descobertas, minha autotransformação em evolução. Após conhecer uma escola Waldorf e por indicação de uma amiga, cujos filhos estudam na escola Waldorf, por saber da minha caminhada e busca por respostas, fui fazer o Curso de Fundamentação em Pedagogia Waldorf na Fazenda Criúvas ou Fazenda do Arroz Biodinâmico, como é conhecida, localizada na cidade de Sentinela do Sul aqui no nosso estado. Este curso acontece a partir de uma preparação inicial para os integrantes que, além de conhecerem o curso e o corpo docente, também conhecem os integrantes que estão no curso em andamento e os iniciantes.

Após a inscrição de intenção no curso que iniciava em Fevereiro, época de carnaval, em regime de imersão, viajei para cidade de Sentinela do Sul a uns 400km de Santa Maria, cidade esta onde resido, para vivenciar a minha busca.

Com muita expectativa, com uma carta de apresentação em mãos de minha orientadora para o encarregado do curso e com a firme intenção de buscar subsídios para meu trabalho de dissertação de mestrado, optei por fazer a qualificação com o intuito de vivenciar e aprender e me tornar uma pedagoga Waldorf, passando por essas etapas que nos levam à reflexão e ao autoconhecimento.

A minha primeira vez na Fazenda Criúvas estava cercada de grande expectativa, minha imaginação voava e eu não via a hora de estar nesse lugar com pessoas que também estavam em busca de se autotransformarem.

A viagem transcorreu bem de Santa Maria até Porto Alegre, mas ainda faltavam alguns quilômetros. Ao chegar à rodoviária, entrei em outro ônibus que iria me levar até a fazenda.

Em 1 hora e 30 min estava na beira de uma estrada a espera de uma das amigas ou Luciana Chaves Barcelos ou a Helena Volckman, que viria gentilmente me buscar de carro, pois depois do ponto do ônibus ainda tem um bom caminho até a sede da fazenda.

A entrada na fazenda é de encher os olhos e de alegrar o coração, muito verde por todos os lados e nem um barulho sequer de carros, apenas o canto dos pássaros pelo caminho.

Chegamos à sede da fazenda, olhei em volta e vi que havia muita gente andando de um lado para o outro, alguns embaixo das árvores. Era horário de intervalo de atividades, o sol queimava, contudo o clima na fazenda era extremamente agradável.

#### Memória fotográfica 30 – Casa da Fazenda Criúvas



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Entrei na casa da sede da fazenda e senti uma energia boa pairando no ar. Então, fui apresentada a Sra. Helena Volckman, uma pessoa sorridente e de um olhar de candura que me abraçou com um seja bem-vinda muito verdadeiro. Passei ao local onde havia algumas pessoas tomando café e fui apresentada ao Prof. Peter, pessoa que coordena e ministra este curso de Fundamentação em Pedagogia Waldorf no estado do Rio Grande do Sul.

### Memória fotográfica 31 – Fazenda Criúvas figueira centenária



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

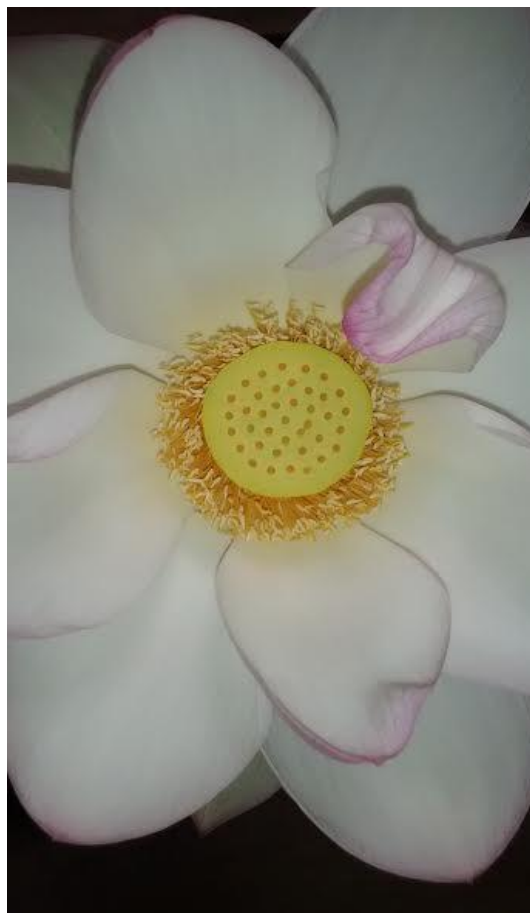
Eu desejava muito conhecer o Prof. Peter. Tinha lido alguns escritos, escutado um CD que ele havia participado e palestras disponíveis na internet, por isso sabia que era uma pessoa de grande experiência em Antroposofia e na pW, que ele havia sido, por 25 anos, professor na Escola Rudolf Steiner, em SP, a primeira Escola Waldorf no Brasil. Isso fazia brotar em mim uma expectativa de que ele poderia ser a pessoa indicada para me auxiliar; confesso que até mesmo cheguei a desejar timidamente que ele pudesse ser um dos colaboradores da pesquisa, pois ele já havia sido em outra oportunidade em uma tese que li. Além do mais, sobre o curso, pensava que ninguém mais do que ele me saberia dizer sobre a autotransformação do pedagogo. Infelizmente isso não foi possível, pois algumas variáveis influenciaram em minha decisão de não optar por essa modalidade de curso, uma delas o tempo de duração de quatro anos e a outra a distância do meu domicílio, as quais fizeram com que eu optasse por outra modalidade que convergisse com os propósitos de formação.

Memória fotográfica 32 – Alojamento da Fazenda Criúvas



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 33 – Flor de lótus Fazenda Criúvas



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

#### 4.4 CURSO BÁSICO DA PRÁTICA DA PEDAGOGIA WALDORF – A ARTE DE EDUCAR

Eu e mais duas amigas que convidei aderimos ao curso e iniciamos em Porto Alegre “A arte de educar, Curso Básico da Prática da Pedagogia Waldorf”, ministrado pela pedagoga Waldorf e Eurytmista Cristina Barbosa. Um curso direcionado a todos os interessados no desenvolvimento do ser humano. Um presente que caiu dos céus para todos que têm como objetivo despertar e incentivar a criatividade; o educador e o artista que tem em si, na busca por um caminho que nos torne cada vez mais dignos de ser imitados pelas crianças.

Foi o início de uma nova caminhada com muita esperança em vivenciar e em aprender, conhecendo pessoas e compartilhando momentos de aprendizagem, ao mesmo tempo em que buscava melhor entendimento para desenvolver o meu trabalho de mestrado.

Inscrição feita, lá fomos nós, a fim de iniciar mais esta caminhada de um ano de expectativas. O curso se realizou nos finais de semana, sendo que seu início foi em uma sexta, sábado e domingo, as outras em sábados e domingos, e mesmo que estes fossem feriados o curso acontecia normalmente. Foi muita felicidade ter encontrado esta iniciativa, tenho muita gratidão à pessoa que me indicou.

Nosso primeiro dia no Curso Básico da Prática da Pedagogia Waldorf foi de apresentações, uma sexta-feira com o acolhimento de todas as professoras, guloseimas deliciosas integrais e a companhia de pessoas que, a partir daquele momento, começavam uma caminhada juntas com o grande propósito de autotransformação.

Por mais que cada uma tivesse um objetivo em mente, nós todas, e isso foi consenso, queríamos nos reencontrar, melhorar, nos conhecer melhor, viver as práticas de uma escola Waldorf, saber como o professor Waldorf é no seu dia a dia, e como funciona a referida escola. A partir disso, poder conhecer melhor este ser humano com quem tanto queremos compartilhar conhecimentos, a criança.

Pessoas de diversas áreas de formação, sendo a maioria pedagogas ou licenciadas, ainda, algumas mães de alunos de escola Waldorf, educadoras Waldorf e, até mesmo, pessoas que gostariam de ter uma escola inspirada na iniciativa Waldorf.

Cada um de nós expôs suas expectativas em relação ao curso. Falamos sobre nossa vida pessoal, nosso trabalho, nossos filhos, vida familiar, de onde vínhamos, enfim tudo o que o ser humano tem na sua bagagem, mas principalmente sobre o que estávamos buscando e o que já conhecíamos de pedagogia Waldorf e da Antroposofia. Cada uma teve a palavra por alguns minutos e, logo após, passamos à apresentação das professoras que atuariam no curso.

Do mesmo modo, cada uma de nós fez a exposição, as professoras também se apresentaram, além da vida profissional e da formação, falaram da vida pessoal e de seus anseios e expectativas em relação ao curso. Isso foi muito confortável, senti-me muito bem nesse local, a Escola Casa Ametista, pois ali me parecia que não havia diferença entre alunas e professoras.

Ficamos nos conhecendo através dessas narrativas de vida, pelo menos um pouco. Então, a professora Cristina Barbosa tomou a palavra e fez exatamente o mesmo, se apresentou, falando sobre sua trajetória de vida e formação, sobre seus conhecimentos como professora Waldorf e euritmista, sobre sua vida na Alemanha, onde fez a formação e sobre suas expectativas em relação ao curso.

De posse do cronograma e também do que o curso oferecia, a professora Cristina anunciou em quais escolas seriam desenvolvidas as atividades e posteriormente o estágio final. Iniciou por apresentar os professores e, logo após, os temas que seriam estudados. Corpo docente: Prof<sup>a</sup> Michele Melos – Musicalização, Vivências do jardim e Vivências de Artes; Prof<sup>a</sup>. Daniela Leal – Feltragem, Vivências de Arte; Prof<sup>a</sup> Camile Pasqualotto – Jogos de Improvisação; Prof<sup>a</sup> Catherine Cadore – Saúde; Prof<sup>o</sup> Dr. Paulo Roberto Volckman – Saúde; Prof<sup>a</sup>. Tereza Cristina Salgado Barbosa – Conteúdos: Contemplação, Bondade, Beleza, Verdade, Admiração e TCC Portfólio e Biografia.

Temas:

CONTEMPLAÇÃO – Chegar à vida.

O vir a ser Humano, Pais, hereditariedade, história pré-natal seu espelhamento no futuro.



### BONDADE – Construindo o ser

O primeiro setênio – a formação e o crescimento do corpo – desenvolvendo suas habilidades, formando capacidades. Entrar no mundo e fazer parte dele descobrindo-o.

### BELEZA – Trabalhando o ser

O segundo setênio – as relações, os encontros, o desabrochar da alma. Viver no mundo trocando com ele, construindo desafios com coragem de se revelar, revelando-se a si mesmo.

### VERDADE – Aprimoramento do ser

O terceiro setênio – a busca do que quero – usando as habilidades, reconhecendo as capacidades e encontrando a força de aprofundar em tudo que surge. Viver a verdade das coisas. Buscar no mundo confiança e exemplo.

### ADMIRAÇÃO – O ser humano

Ser adulto, responsável, consciente, conseqüente, ativo. Viver a vida e tudo que ela nos apresenta com sentido e veneração.

SAÚDE – Visão médica e de outros profissionais, orientando os cuidados com a saúde – O olhar que educa.

Os cuidados e a importância da saúde no desenvolvimento do ser humano.

Estes temas foram desenvolvidos nas escolas Recanto Esmeralda, Escola Waldorf Querência e Escola Casa Ametista.

Nosso primeiro setênio (0 a 7 anos) de estudo foi na Escola Casa Ametista que é jardim de infância. Começando da fase pré-natal, passamos pela infância com sua leveza e alegria, chegando ao segundo setênio, de 8 a 14 anos, a adolescência, seus desafios e conquistas e ao terceiro setênio, de 15 a 21 anos, idade adulta em que podemos olhar com consciência e respeito, pela bagagem que trazemos. Outras atividades como artes manuais e conteúdos foram desenvolvidas na Escola Waldorf Querência e também na Escola Recanto Esmeralda.

Na programação havia aulas de musicalização, vivências de artes, vivências do jardim com a Profa. Michele, aulas de artes manuais com a Profa. Daniela, aulas

de Jogos e de improvisação com a Profa. Camile e conteúdos com a Profa. Tereza Cristina Barbosa. As palestras sobre cuidados e saúde contaram com a presença da Profª Catherine Cadore e do Dr. Paulo Roberto Volkmann, médico antropósofo.

No final do curso, todos os participantes apresentaram um portfólio e uma biografia de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), também participaram da exposição de todos os trabalhos confeccionados durante o curso. Foi marcante o momento da apresentação das biografias que cada um escolheu e a encenação com a música que faziam sentido em nossa trajetória, seguido de almoço de confraternização de encerramento. Posso dizer que 2016 foi um ano para ficar em nossa memória e na história. O estágio final aconteceu na Escola Candeia inspirada na pedagogia Waldorf, tendo como orientadora a Profª Michele Mellos em uma turma de 1ª série.

#### 4.5 O VIVENCIAR APRENDENDO

Além dos momentos de partilhas que tivemos durante o curso, nos intervalos de lanche e de almoço, em que conversávamos sobre o nosso aprendizado, marcou o fato de poder participar de coisas que jamais pensei em fazer, por exemplo, nas aulas de artes manuais, confeccionar com a Técnica de Feltragem, eu sequer tinha ouvido falar nesse nome. Que susto! Eu fazer um trabalho manual? Isso sempre foi um grande desafio em minha vida, por que não dizer um obstáculo, sou uma pessoa sem este tipo de habilidade manual, sem familiaridade alguma com as agulhas.

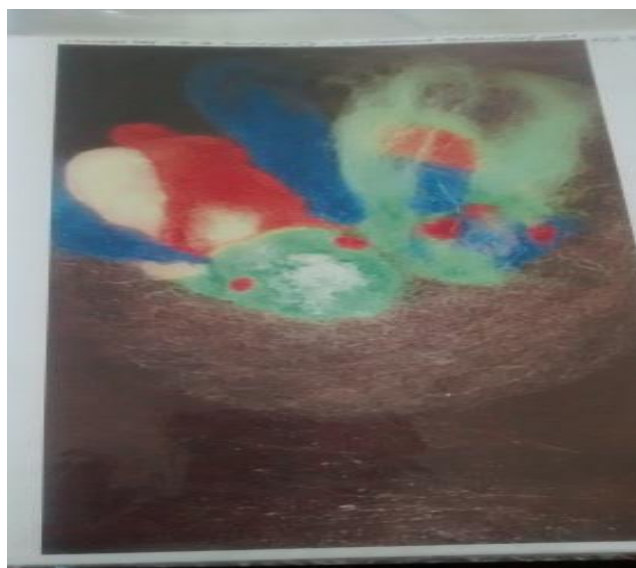
Quando a professora indicou essa tarefa, fiquei muito apavorada e com medo de fazer feio, afinal nunca consegui fazer um sapatinho de tricô. Quando criança não tinha vergonha de dizer que sabia fazer ou não sabia, mas, agora, adulta, meu Deus! Pensava: como os outros vão me ver? Adultos... sempre pensando nos outros.

Esse acontecimento me fez voltar à infância lá no curso primário, onde tinha aulas de Trabalhos Manuais e eu era a pior aluna, ao ponto da minha professora dizer “deixa que termino isso”, em outras palavras, “deixa que eu faço”. Eu nunca terminei nada nessa aula de trabalhos manuais, meu tempo para aprender não era o mesmo dos outros. Eu realmente era muito ruim nessa arte e ninguém tinha tempo para me ensinar no ritmo que eu necessitava. A professora preferia fazer a atividade para não atrapalhar o ritmo da aula, como ela mesma dizia.

Então, a proposta me assustou bastante, pensei: que vergonha eu vou passar na frente das outras participantes, agora sou adulta, essas pessoas devem pensar que alguma coisa eu sei fazer. Quando a professora, com voz de algodão doce, começou a falar, já havia em cima da mesa todo o material organizado, então ela começou a relatar sobre relações familiares e sobre a necessidade que temos de conviver uns com os outros e com nós mesmos, do nosso lar, da nossa família, das relações. A partir disso, além de uma aula de autoestima, de feltragem, de sabedoria, de amor, de querer, fazer, de pensar e de sentir, devo confessar que a professora mostrou que é possível sim recomeçar, tentar de novo, ganhar familiaridade e se integrar, sem ter medo de ousar.

Assim, pediu que fizéssemos um ninho. Logo pensei: é fácil, graças a Deus um ninho sou capaz de fazer. Após feito isso, disse: pensem nas pessoas que fazem parte desse ninho (pensem no seu lar, nas relações), façam os ovos que significam nascimento. Fácil, pensei. Mas em seguida ela disse: agora façam os pássaros representando o número de pessoas que estão nesse ninho. Difícil, pensei. Eu não desviava os olhos dela, tentando copiar. Como criança, sentei o mais próximo possível, mas até que meus pássaros não ficaram mal. Estava me sentindo bem, afinal era a minha família que eu estava mostrando, e o ambiente em que estávamos era agradável, o que me dava a certeza de que ninguém iria rir, se eu não lograsse êxito.

Memória fotográfica 34 – Ninho e pássaros confeccionados com a Técnica de feltragem



## Memória fotográfica 35 – Ninhos e Pássaros confeccionados com a técnica de feltragem



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Após concluído, começamos um a um falar do nosso ninho, ou seja, das nossas relações familiares. Não foi fácil esta reflexão, um momento delicado demais, em que alguns explicavam quem estava no ninho e quem não estava e por quê. Eu chorei muito, porque tive vários abortos espontâneos e percebi que meu ninho teria mais pessoas, sim isso me fez lembrar de tudo o que vivi ao desejar ficar grávida. Mas foi muito bom para entender que precisamos valorizar quem está conosco todos os dias e nos perguntarmos: tenho me dedicado à minha casa, ao meu companheiro ao meu filho tanto quanto tenho me dedicado aos trabalhos acadêmicos ou a ONG a que pertença ou aos amigos? Estou cumprindo com o meu papel de cidadã, de mulher, de mãe, de filha, de irmã, de colega, de estudante de amiga? Tenho cuidado apenas do meu ninho? Muitas interrogações, reflexões e exclamações surgiram a partir desse trabalho manual.

Refleti muito sobre meu compromisso comigo mesma, não esquecendo de que o “próximo” pode estar ao meu lado, na minha casa, no meu trabalho, na sala de aula. Concluí que preciso olhar mais para dentro de mim, pois posso ser esse próximo, meu aluno pode ser esse próximo. Para ajudar os outros, preciso, em primeiro lugar, me ajudar, identificar melhor os meus sentimentos e os dos outros,

tentar entender os comportamentos e as atitudes. E algo também importante, descobri que posso fazer trabalhos manuais e finalizá-los.

Em outra oportunidade inesquecível na Escola Waldorf Querência, fizemos uma capa de agenda com a técnica de Feltragem. Dessa vez algo bem mais complexo, tinha que fazer ponto de costura, medir e fazer alguma forma na capa. Logo eu, que nunca havia pego uma agulha, que sou tão sem criatividade manual e que achei que nunca faria algo dessa natureza. Novamente bateu o pavor, que vergonha, não sei dar um ponto, como vou costurar? As colegas começaram e algumas sabiam costurar como ninguém. Nesse momento, a professora me auxiliou e me indicou um ponto bom de trabalhar que aprendi e sei até hoje. Após isso, tive também ajuda da minha orientadora que é muito premedada e me ensinou outros modelos de pontos. Eu já me sentia mais segura.

Memória fotográfica 36 – Capa de agenda em Técnica de feltragem



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Nesse dia, a mesa estava arrumada com diversas cores de feltros, linhas, tesouras, agulhas e outros componentes para fazer a capa da agenda, mas o que me chamou atenção foi a cor azul royal do feltro, por quê? Bem, na infância, ganhei um casaco longo de inverno dessa cor de uma pessoa chamada D. Marieta, eu jamais a esquecerei. Eu tive uma doença aos 12 anos de idade, um tipo de lepra, algo pavoroso que caía os pedaços da pele, e essa senhora foi a pessoa abençoada

que me levou até o local para tratamento em Porto Alegre, no Belém Velho, onde existi um hospital especializado para leproso, e o mais importante, tirando a minha mãe que tudo fazia por nós, ela não tinha nojo de mim como muitas pessoas da própria família tinham. Em relação à capa da agenda, pedi à colega para trocar comigo, a cor que estava na frente dela era o azul das minhas lembranças. Eu pensei em fazer uma CUIA, por não tomar chimarrão, algumas pessoas pensam que não gosto, então eu quis fazer uma homenagem ao RGS e a este símbolo que é próprio do gaúcho. Comecei a utilizar a agulha movida por este sentimento, como dizia a nossa professora, tem que haver sentimento e o significado naquilo que se quer realizar, aos poucos irá surgir. E foi surgindo como ela havia dito, realmente tem que querer. Em princípio parecia o brasão da rainha da Inglaterra, mas, no final, era exatamente o que eu queria fazer, era meu sentimento. Ficou lindo! Senti-me realizada após estas aulas, pela capacidade de fazer tudo aquilo que realmente quero fazer sem a preocupação de como irá ficar, mas querer fazer para acontecer. Com amor, carinho e sentimento, assim como ser professor Waldorf, autoeducar-me todos os dias, desafiar-me diariamente para poder estar inteira no que desempenho.

Esse trabalho foi mágico e enriquecedor, além de um grande desafio em minha vida. Lembro-me de uma passagem do livro A Prática Pedagógica – Segundo o conhecimento científico- espiritual do homem de Steiner (2013 p. 118).

O professor não precisa só de um conhecimento que lhe seja transmitido da pedagogia e da didática usual, não precisa apenas especializar-se nesta ou naquela matéria; precisa, sobretudo, daquilo que constantemente se renova nele próprio. Precisa de uma concepção de vida permeada de alma. Precisa mesmo é de uma profunda compreensão da vida. Precisa muito mais do que é emitido por seus lábios quando ele se encontra diante das crianças. É justamente isso que deve fluir para dentro da formação de um professor.

Em cada trabalho que fazíamos, tinha um componente transformador e de reflexão para nossas vidas. Então comecei a entender a forma como o professor Waldorf se autotransforma e começa a ter uma visão diferenciada dos demais professores. Esse professor não busca apenas ensinar crianças ou jovens, não é apenas este o seu papel, antes disso ele busca se autoeducar em primeiro lugar, conhecer a si próprio, se desafiar em diversas atividades que a vida lhe impõe. Isso porque entende que só, então, poderá compartilhar suas vivências e aprender com seus alunos e ser exemplo digno de ser imitado.

a) A musicalização docente

Nas aulas de musicalização e de teatro com a Professora *Michele*, que toca alguns instrumentos como violão, flauta, gaita, piano, kantele e canta muito bem com uma voz aveludada, entre todas as atividades propostas, uma foi a música que marcou a nossa vida, a música que não esquecemos e que teve um grande significado para nós. Esse momento foi voltar a fase de adolescente, quase adulta, querendo criar asas e voar, conhecer o mundo. Estávamos estudando o terceiro setênio, de 14 a 21 anos.

Minha música WHISKY A GO GO do Grupo Roupas Nova.

Foi numa festa, gelo e cuba-libre  
 E na vitrola whisky a go-go  
 À meia luz o som do Johnny Rivers  
 Aquele tempo que você sonhou  
 Senti na pele a tua energia  
 Quando peguei de leve a tua mão  
 A noite inteira passa num segundo  
 O tempo voa mais do que a canção  
 Quase no fim da festa  
 Num beijo, então, você se rendeu  
 Na minha fantasia  
 O mundo era você e eu  
 Eu perguntava Do YouWannaDance?  
 E te abraçava Do YouWanna Dance?  
 Lembrar você  
 Um sonho a mais não faz mal

Nossa! Como queria viver isso, conhecer tudo isso, estar nisso, mas a minha vida era outra, eu tinha que estar na igreja junto com mamãe e vovô. Esse mundo lá fora, representado através da música, me diziam que existiam mais coisas para conhecer e viver.

A letra de uma música e o próprio som pode nos levar a uma volta no tempo e a sonhar, isso fez com que eu relembresse de toda a minha vida, e de como, num passe de mágica, eu estava revisitando a minha infância, a minha adolescência, até chegar à idade adulta, através de trabalhos manuais, das cores, da música. O teatro, com as encenações que fizemos, possibilitou-me reviver os meus setênios, voltei a ser criança por diversas vezes, ser adolescente e sonhar e estar adulta querendo reviver tudo isso sem medo ou vergonha de errar ou não saber fazer.

Na aula de canto/música, lembro-me de uma música infantil e uma música dos índios americanos que está em minha memória, um momento único onde as vozes se cruzam e dançam aquecendo a nossa alma e nosso coração, que guardarei na lembrança por toda a vida do curso de formação básica em pedagogia Waldorf. Muitas outras músicas foram cantadas, porém essas duas permanecem vivas.

*PRIMEIRA ESTRELA*  
(Luli e Lucinda)

Na porta do tempo tem uma roseira que flora e chora  
 Não há ventania que apague a candeia do sentimento  
 No pé do vento tem uma cantiga que quando sopra  
 Roda menina, derrama a alegria, realça o dia  
 Toda a criança que nasce parece a primeira estrela  
 Amor, promessa, brilhando no céu do tempo

Cantar foi reviver a minha infância e adolescência, foi voltar ao coral da igreja e da escola que eu fazia parte e, agora, lembrar-me dos bons momentos do curso.

Também ficou gravada em minha mente uma canção indígena norte-americana chamada de:

*EVENING RISE<sup>21</sup>*

*Evening rise spirit come  
 Sun goes down when the day is done  
 Mother Earth awakens me  
 With the heartbeat of the sea*

Jamais esquecerei esses momentos, a música é bálsamo para nossa alma.

---

<sup>21</sup> Tradução livre: Entardecer. O espírito de ascensão noturna vem; O sol cai quando o dia termina; Mãe Terra me desperta; Com os batimentos cardíacos do mar.



b) Incentivo ao gosto literário

Além dos vários momentos de reflexão, tínhamos outros afazeres: um deles a leitura. A professora Cris, em um dos conteúdos apresentados, trouxe alguns livros e, destes, dois chamaram a minha atenção, foram eles: Irmãos e Irmãs do autor Karl Koning e Pinóquio às Avestas de Rubem Alves. O primeiro fala da relação familiar e de constelação familiar, muito importante para encontrar o nosso espaço o nosso lugar e poder nos desenvolver como pessoa. Koning (2014) relata que

Não é bem certo afirmar que todos nós nascemos iguais, porque nascemos em diferentes posições na ordem familiar. A textura e a morfologia da estrutura da humanidade têm de ser estudada como um todo, caso se queira alcançar uma compreensão quanto á ordem de nascimento numa família. Ser um primogênito ou um filho único, um segundo ou terceiro filho implicará em tarefas que acompanham o ser humano desde seu nascimento até a sua morte (p. 72).

A partir das colocações do autor Karl Koning, pude entender as atitudes e, até mesmo, as escolhas que fizemos. O ocupar o nosso lugar no espaço perpassa por essas observações, sentir-se confortável, plena e, até mesmo, em estado de felicidade e contentamento fazem parte dessa teia da vida.

Além dessa reflexão, diversas contribuições surgiram a exemplo de ser professor, pensando na escola como nosso espaço, como profissionais. O não entendimento de muitas coisas que acontecem nesse lugar necessita de um olhar mais aguçado e de uma escuta sensível, além de muitas interrogações, é este o meu lugar?

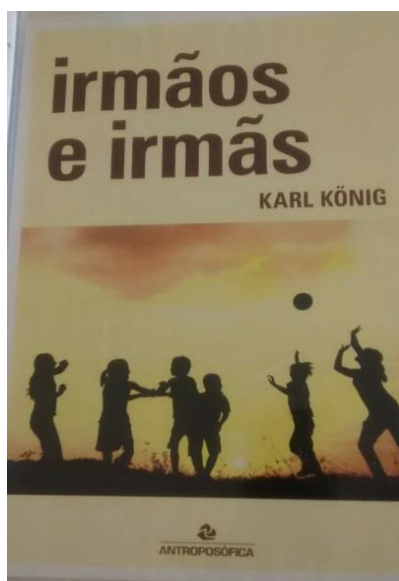
Koning (2014) relata que

Quão frequentemente um professor que é primeiro filho pode tornar a vida de seu aluno nascido em segundo lugar uma tortura, simplesmente porque ele espera senso e dever onde este não existe, espera encontrar uma mente séria e delimitada onde, em vez disso, vivem o brinquedo e a alegria (p. 75).

Então, passei a entender melhor o que Steiner enfatiza em seus escritos. A autotransformação, o autoconhecimento, já que, a partir do momento em que “eu me conhecer”, terei mais possibilidades de me conhecer e conhecer o outro e reconhecer o outro em mim.

Sobre ocupar o nosso espaço, Koning afirma: “Nosso comportamento é bastante diferente quando estamos fazendo aquilo que nos dá prazer, esquecemos de nós mesmos, tanto faz se estamos empilhando tijolos ou cavando uma cova”.

## Memória fotográfica 37 – Leitura solicitada no curso



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

O segundo livro que chamou a minha atenção foi Pinóquio as Avestas, de Rubem Alves. Lendo este livro, pude dar respostas a algumas perguntas que estavam no fundo do meu baú. É difícil para nós, adultos, voltar a ser ou nos tornarmos crianças novamente, pois perdemos ao longo da vida e dos anos este ser sem medo de ser feliz e que apenas quer saber, que é a criança. O que pode representar para uma criança, ao longo da vida, a falta de consideração do seu potencial, de sua criatividade que, por vezes, é calado nos bancos escolares. Fiquei analisando quantas perdas, necessárias ou não, eu tive ao longo desses anos, pelo simples fato de ter deixado de ser criança, de não visitar ou dar voz a minha criança interior, pelo meu saber não ser levado em consideração. Lembrei-me da infância de Rudolf Steiner, ele queria respostas, precisava de pessoas que pudesse imitar. Como ele mesmo relata em autobiografia sobre o professor que lhe trouxe mais do que conteúdos lhe trouxe o artístico, a música, a pintura e isso fez com que ele desejasse estar sempre, todos os dias, ao lado desse professor.

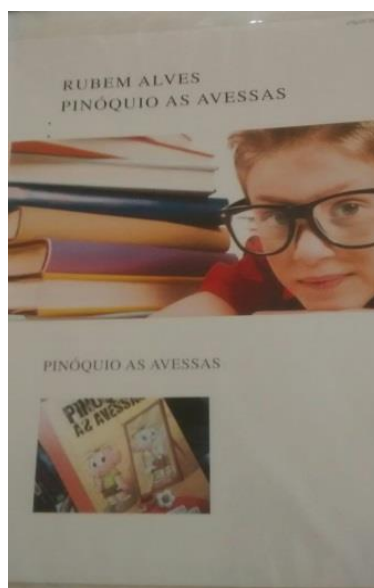
Ao não receber resposta ou ser simplesmente ignorada, a criança ou o aluno vai perdendo o interesse e, aos poucos, sua criatividade e observação vão morrendo, sem resposta, sem interesse, tudo fica mais difícil de entender. Rubem Alves (2005) destaca que:

Ao chegar a escola um novo mundo se apresenta, caímos de paraquedas neste lugar e por vezes não encontramos respostas para nossas perguntas e nem mesmo alguém disposto a nos ouvir. Agora tudo que você precisa é de uma nota e passar de ano. Quem não vai à escola é burro era isso que o menino pensava (p. 58).

O autor supracitado coloca com muita leveza esse tema que faz com que nós reflitamos as nossas práticas como professores, o respeito aos ritmos e ao saber das pessoas estão explícitos nessa obra. Ou então, crescemos e viramos um currículo lattes, uma pessoa de sucesso, um bom filho, um profissional preparado para o mercado de trabalho, tudo isso para mostrar que você é você, que você existe para os outros. E você?

Mas as perguntas continuam, muitas sem respostas à procura do nosso lugar, do nosso espaço. Bem-vindo ao mundo onde nem sequer precisa dizer seu nome, mas a profissão e o cargo que ocupa. Assim como o menino Felipe de Rubem Alves, somos profissionais, formados, respeitados, temos uma nova identidade. Onde estará a nossa criança? Eu estou tentando encontrar a minha através da autotransformação e da autoeducação, eu ainda quero respostas.

#### Memória fotográfica 38 – Leitura solicitada no curso



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

#### c) As mãos na terra: o plantar!

Outro trabalho que a Professora Cris nos desafiou a observar foi plantar um grão de feijão que deveria germinar, e nós deveríamos acompanhar todos os dias este acontecimento para, no final do semestre, fazer o relato. Fantástico! Mas não foi fácil, pois tinha dias que eu me esquecia do meu feijão, queria que ele nascesse rápido, era inverno e eu o plantei na terra não em copo plástico com algodão, como de costume. Deixei-o no frio, ele não vingou, na realidade se vingou... não germinou.

Tirei uma grande lição sobre cuidados nesses 6 meses que acompanhei meu feijão, precisei me dedicar, observar, cuidar muito para ele vir saudável. Ele estava ali em minha casa, eu até o via todos os dias, fui eu que plantei e, por vezes, esquecia-me de regar, de mexer na terra, de fazer um carinho, de dar bom dia, por exemplo. O cuidado é tudo na vida! Observar ao nosso redor as pessoas que convivem conosco, nossas relações familiares muitas vezes estão precisando apenas de um carinho, uma conversa, um afago, um bom dia. Isso é cuidar.

Ao observar o meu feijão já plantado, comecei a imaginar a trajetória que ele faz até chegar a nossa mesa, tudo depende das condições adequadas para germinar e ser saudável. O crescimento e o desenvolvimento das pessoas também necessitam de condições adequadas para aflorar e florescer. Precisamos de diversos bons motivos e muito cuidado para nos tornarmos seres humanos úteis e pensantes. Assim como a semente precisa da água e da terra boa para germinar e de cuidados diários para crescer forte e sadia, nós, seres humanos, também necessitamos de beber de boas fontes para alimentar não só o nosso corpo, mas também a nossa mente, nossa alma e nosso espírito. Não está em jogo apenas o intelecto ou cognitivo, mas o ser humano integral.

Meu feijão? Bem, a partir do cuidado, ele se fez, veio a raiz, o caule as folhas bem verdinhas, enfim, fez-se planta. Assim como nós, seres humanos, somos muito parecidos, precisamos de cuidados, de amor, de água, de oxigênio e de saberes, o que faz lembrar uma sala de aula, diversas crianças com ritmos diferentes, diversos corações a pulsar e um professor que tem que dar conta desse cuidado e desses corações, para que batam no mesmo compasso. Diferentes, mas iguais. E essa relação tem que ser regada todos os dias.

### Memória fotográfica 39 – Germinação do feijão – atividade do curso



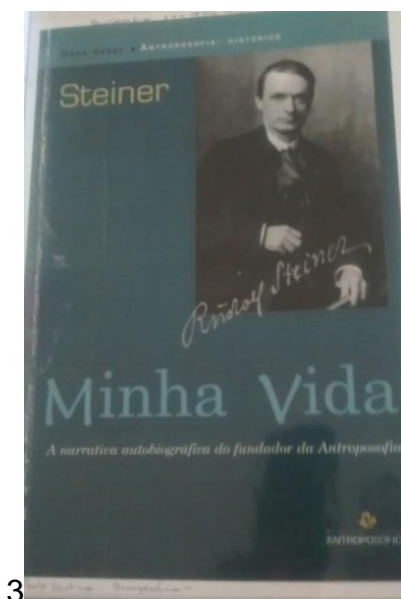
Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

#### d) O sentido e o significado das biografias

Chegou a época das Biografias, trabalhos lindos foram apresentados e pude conhecer a vida de grandes mestres que tinham significado e sentido na vida das pessoas que estavam ali. Minha apresentação foi sobre a Vida de Rudolf Steiner, por quem tenho grande admiração, sua trajetória e legado.

A maioria das pessoas presentes não tinha conhecimento sobre a autobiografia de Rudolf Steiner e seu legado em diversas áreas. Nessa ocasião, apresentei também o livro “Minha Vida”, autobiografia de Rudolf Steiner, onde ele narra desde sua infância até pouco tempo antes de sua partida.

## Memória fotográfica 40 – Apresentação do livro Minha Vida autobiografia



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

e) O lúdico docente: jogos de improvisação

A professora, especialista em Psicodrama, Camile Pasqualotto Lewczynski trabalhou conosco “jogos de improvisação”. No início eu não entendi muito bem, mas, no desenvolver dos trabalhos, senti o quanto foi prazeroso e útil em nossa vida.

Uma das coisas que não esqueci foi da memória e da rapidez de pensamento e dos movimentos que são empregados nesses jogos, o que nos faz estar atentos e ter várias alternativas para lidar com o dia a dia, mexe muito com a memória, com o corpo, com o intelecto. Dinâmicas que podemos utilizar no nosso dia a dia, em sala de aula, para melhorar os relacionamentos.

O brincar no mundo adulto e o resgate da espontaneidade são prazerosos e difíceis ao mesmo tempo, porque precisamos estar inteiros e nos entregarmos de corpo e alma.

Professora Camile enfatiza que a partir dos jogos podemos:

- aumentar a confiança e a coragem para enfrentar os medos,
- trazer leveza para a vida,
- melhorar as relações nos diversos contextos,
- promover insights, abrindo o campo de percepção,
- resgatar a espontaneidade e a criatividade da criança interior,
- colocar em ação não só o pensar, mas o sentir e o agir.

A partir dos jogos, saímos da zona de conforto. São ações improvisadas que visam promover a melhora das relações em diversos contextos.

f) O significado de fazer o pão

Não poderia deixar de falar aqui do “fazer o pão”, algo muito presente todas as semanas nas escolas Waldorf. Nós também tivemos esta experiência maravilhosa, onde muitas lembranças, principalmente de nossos avós, de nossas mães, de pessoas que têm um lugar especial em nosso coração, que nos alimentaram e nos cuidaram, afloraram a partir dessa ação. É maravilhoso poder saborear aquilo que nós mesmos fizemos, com a energia de nossas mãos, e assim aconteceu o nosso fazer o pão.

Nesse dia, não pude fazer o pão por estar com rachadura nos dedos que causam dor. Então a professora pediu que eu fosse a sua ajudante. Eu sempre quis ser ajudante, pois quando era criança não tive essa oportunidade que faz nos sentir importante como criança. Então chegou o dia de ser ajudante, pensei que iria ficar de fora, afinal, não podia tocar nos alimentos, como adulta eu até entenderia.

Foi maravilhosa essa tarefa, porque eu pude observar cada uma das colegas participantes que pareciam crianças, uma a olhar a outra e, inclusive, se perguntando com o olhar porque eu recebi farinha e a colega ao lado não, ela recebeu apenas água, a maneira com que cada uma agia ao pedir os ingredientes, por vezes todas juntas. Então a professora lembrou como seus alunos do 1º setênio de 0 a 7 anos fazem, eles fazem torre com as mãos para acenar que precisam de algo ou solicitam levantando a mãozinha, mas não da maneira como estávamos agindo. Ao misturar e sovar, dando ponto e forma ao pão, foram muitas vivências e aprendizagens. A torcida para assar e estar sentindo o aroma que se alastrava pela escola é algo indescritível. Enfim, chegou o grande momento e, como crianças, estávamos ávidos a saborear o pão feito por nós, foi incrível.

O fato de ser chamada para ser ajudante me tocou muito, fez-me lembrar novamente da minha infância e da escola, eu nunca fui chamada sequer para apagar o quadro que, para uma criança, é importante. Pensei que a professora iria dizer “se não pode fazer, apenas observe”, mas não, eu fui ajudante, então realizei mais um sonho de criança, agora como adulta, fiz mau juízo da professora. Como não pude fazer o meu pão, uma colega muito querida fez dois pães e me deu um após estar assado. Ela foi muito sensível e solidária ao fazer um pão para mim.

### Memória fotográfica 41 – Atividade fazer o pão



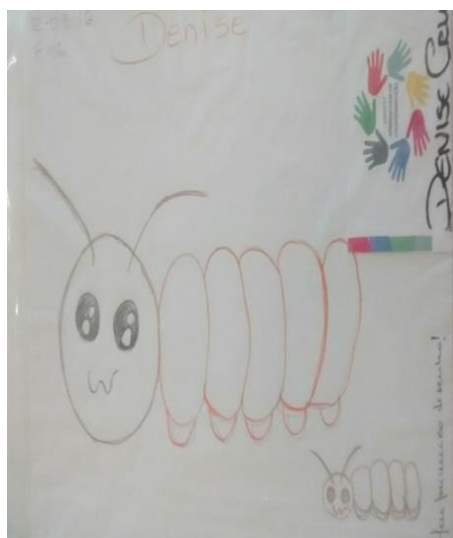
Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

#### g) O lado artístico

Meu primeiro desenho, pois é! Eu me arrisquei a desenhar uma lagarta e não vou parar por aí, darei prosseguimento, música, desenho, pintura, artes manuais agora fazem parte da minha vida.

Confesso, foi um grande desafio.

### Memória fotográfica 42 – Meu primeiro desenho - atividade de desenho



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.



Eu sempre quis ser professora; reintro meu desejo de criança, estou realizando esse sonho aos poucos, hoje estou aqui como participante de um curso de pedagogia Waldorf e como pesquisadora, sendo mais uma realização pessoal acompanhada do Mestrado em Educação, que pretendo defender neste ano de 2017, do qual me orgulho muito e busco fazer o melhor, com a certeza de que meu aprendizado, a partir de todas essas vivências, foi uma luz no meu caminho e contribuiu para minha autotransformação.

### **ALGUMAS PRÁTICAS VIVENCIADAS NO CURSO EM MEMÓRIAS FOTOGRÁFICAS: ESCOLA AMETISTA**

Memória fotográfica 43 – Interior de uma sala de aula da Escola Ametista



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 44 – Sala de aula da Escola Ametista



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 45 – Sala de aula da Escola Ametista



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 46 – Sala de aula da Escola Ametista



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 47 – Sala de aula da Escola Ametista



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 48 – Sala de aula da Escola Ametista



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 49 – Sala de aula da Escola Ametista



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 50 – Sala de aula da Escola Ametista



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 51 – Sala de aula da Escola Ametista



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

## ALGUMAS PRÁTICAS VIVENCIADAS NO CURSO EM MEMÓRIAS FOTOGRÁFICAS: ESCOLA CANDEIA

Memória fotográfica 52 – Escola Candeia inspirada na Pedagogia Waldorf



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 53 – Escola Candeia inspirada na Pedagogia Waldorf



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 54 – Escola Candeia inspirada na Pedagogia Waldorf



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 55 – Lousa artística sala de aula Escola Candeia



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 56 – Lousa artística pintada pelas crianças da Escola Candeia



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 57 – Lousa artística pintada pelas crianças da Escola Candeia



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.



Memória fotográfica 58 – Kantele instrumento musical da Escola Candeia



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 59 – Materiais de sala de aula da Escola Candeia



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 60 – Flautas das crianças da Escola Candeia



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 61 – Materiais de sala de aula da Escola Candeia



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

## Memória fotográfica 62 – Parte do pátio da Escola Candeia



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Chegamos ao final do Curso básico das práticas da Pedagogia Waldorf. Ficou o gosto de quero mais e de querer SER uma educadora Waldorf. Estar nesse ambiente, onde o FAZER é diferencial, é ter uma sensação de bem estar é única, movida pelo sentimento de pertencimento. Faço minhas as palavras da Professora Waldorf e Euritmista Cris Barbosa: se a gente quer um mundo melhor, a gente tem que ser melhor, e se eu não tenho condição de me autoeducar e ser um ser melhor, eu não estou pronta para trabalhar, se eu não tenho essa disponibilidade de me autoeducar, como que eu me coloco no papel de educador?



## **5 OS PRIMEIROS VÔOS: NAS ASAS DA PRÁTICA DA PEDAGOGIA WALDORF**

A partir das vivências e das aprendizagens obtidas até aqui, permiti-me voos mais altos dentro das Práticas da Pedagogia Waldorf, aceitei o convite da Profa. Dra. Ane Carine Meurer no ano de 2016 e 2017, para falar sobre o Tema desta dissertação: “A Pedagogia Waldorf e suas contribuições com a formação do pedagogo no século XXI”. Integrada à palestra, optamos por desenvolver uma ação prática usual nas Escolas Waldorf do mundo todo, o fazer o PÃO.

Foi uma oportunidade prazerosa participar com três turmas de, em média, 35 alunos cada, do curso de Pedagogia diurno da UFSM, além de poder falar sobre um tema para mim apaixonante que é a Pedagogia Waldorf. E mais, vivenciar e aprender com o ato de fazer o pão, ver as emoções, as lembranças e o resgate da memória aflorar, através das narrativas compartilhadas durante a execução do trabalho de fazer o pão, foi muito gratificante. Fazer o pão é uma ação prática que mexe e remexe com o baú das memórias, por vezes, esquecidas. O fato de poder contribuir com o desenvolvimento humano e, ao mesmo tempo, com a formação de pessoas, ao desvelar e revelar memórias que são compartilhadas nesse momento, humaniza-nos e nos propõe uma reflexão sobre o autoconhecimento.

Logo no início, certa estranheza típica de quem não está acostumada a vivenciar na prática e pensa que aula é apenas escrever, copiar, ler textos dentro de quatro paredes. Assim, com o alvoroço que é peculiar e a preocupação com o novo que se apresenta, iniciamos o fazer o pão, atividade desenvolvida a quase um século nas Escolas Waldorf.

Esta primeira ação, desenvolvida em 2016, foi na sala de aula e trouxe alguns transtornos de adequação, de infraestrutura e logística. Eu, a Profa. Ane e mais duas colegas tivemos que carregar os fornos para dentro da sala de aula, além dos víveres que foram providenciados pela professora. Realmente não é nada fácil desenvolver algumas ações, quando não se tem o mínimo de estrutura para tal. Certamente a falta de estrutura adequada é um entrave para alguns professores que desejam desenvolver com seus alunos alguma atividade que não seja a aula tradicional. Mas posso garantir que, quando se tem vontade se realiza, mesmo com diversos entraves se apresentando. Ver a luz nos olhos de um estudante e futuro Pedagogo(a), ao ver o resultado do seu trabalho, e poder compartilhar esse saber, que será uma experiência, como eles mesmos falam, inesquecível, vale qualquer

ação. Após a higienização das mãos, todos foram recebidos na porta da sala de aula com a saudação: sejam bem-vindos. Todos trouxeram o pote pedido pela professora anteriormente, então fomos nos colocando nos lugares um ao lado do outro, conforme havíamos preparado anteriormente a sala, para que ficassem todos de frente um para o outro como é usual nas Escolas Waldorf. Iniciamos por partilhar os ingredientes e, nesse momento, pude observar o quanto eles estavam ansiosos em relação ao porquê recebi mais e o colega menos, seguido da preocupação: “será que meu pão vai dar certo, vai crescer?”, “Eu nunca fiz pão!”.

A partir dessas perguntas, entramos no tema organização da sala de aula e do preparar o pão, o planejamento anterior à ação a ser desenvolvida. Trazendo para nossos estudos, lembramo-nos do plano de aula e de que suas peculiaridades têm que conter todos os itens a serem desenvolvidos dentro dos 50 minutos, assim como planejar o fazer o pão, os ingredientes devem ser escolhidos com antecedência e ser de boa qualidade, para que o pão tenha qualidade. Após isso, ao iniciar o processo, misturar bem as farinhas, utilizar o fermento na medida certa para crescer, sovar o suficiente e assar no ponto certo por tantos minutos, para não queimar. Precisamos observar tudo com muita boa vontade, a fim de que o resultado aconteça.

Assim é nossa sala de aula. O plano de aula tem que estar coeso com o número de minutos e com o tema a ser desenvolvido, para que possamos esclarecer sem deixar para depois a discussão, sem levar para casa o que podemos discutir em aula, compartilhar as incertezas e dúvidas. Então a aula irá fluir e terá êxito.

Em relação aos utensílios utilizados, observei a dificuldade dos alunos em otimizar o espaço após o uso dos mesmos. Essa reflexão foi colocada também pela Profa. Ane, fazendo com que eles, na prática, vissem o quanto um ambiente não organizado atrapalha o andamento dos trabalhos e que, em nossa vida, devemos todos os dias nos policiar, tentar melhorar, não esquecendo que somos imitados pelas crianças e que servimos de exemplo, portanto a nossa responsabilidade com o “fazer e bem feito” é imensa. Não dá para exigir o que nem mesmo nós somos capazes de fazer, criança é observadora e precisamos ser dignos de sermos imitados, como enfatiza Rudolf Steiner em seus escritos.

Bem, enquanto nosso pão cresce e se prepara para assar, vamos para a sala de aula ouvir sobre esse tema de relevância que poderá contribuir com os estudos dos alunos. Para iniciar, apresento o tema e como ele surgiu em minha vida, logo

após apresento o fundador da Pedagogia Waldorf Rudolf Steiner, faço um breve comentário sobre a sua bibliografia até chegar ao contexto e cenário mundial dos acontecimentos em 1919.

Trazendo para os nossos dias, passo a explicar sobre como se organizam as Escolas Waldorf, como se dá a formação dos seus professores e a gestão da escola, de que maneira professores e pais participam da gestão, como funciona a avaliação dos alunos e as práticas pedagógicas desenvolvidas, partindo do princípio de que o cerne das Escolas Waldorf é a formação humana e seu desenvolvimento integral, apoiada na filosofia de seu fundador a Antroposofia. São muitas as perguntas que surgem e as mesmas são respondidas dentro do possível sempre respeitando a proposta da pedagogia Waldorf.

Neste ano de 2017, fazer a atividade do pão em um local mais apropriado que é a Escola Politécnico, utilizando a padaria do curso de tecnologia de alimentos, uma padaria completa em um lugar muito bem cuidado, foi especial, pois os alunos puderam ficar confortáveis nesse espaço próprio para a atividade do fazer o pão. Os alunos das duas turmas que estiveram lá em dias separados ficaram encantados com o local e também pelo fato de sair das quatro paredes e conhecer um novo lugar dentro da universidade e fazendo, como eles mesmos disseram, uma aula diferente e inesquecível, uma prática que podem fazer para outras pessoas.

Surgiu, então, a vontade dos alunos de conhecer uma escola Waldorf e a certeza de que pequenas ações podem trazer grandes transformações, começando por nós mesmos. Ser professor é se reinventar todos os dias, buscar o autoconhecimento. Como mensagem, busco no autor Rudolf Lanz (2013, p. 118) palavras que possam traduzir o sentimento de poder compartilhar esses momentos com os hoje alunos, amanhã professores.

“Os professores são a alma viva de uma escola Waldorf. Se deixam de crescer e de se desenvolver a escola para e definha”.

Acrescento que o professor é um disseminador de ações e, junto com a escola, pode produzir novos espaços de aprendizagem que façam sentido na vida dos alunos, tornando o saber uma fonte inesgotável de querer. Todos os espaços são espaços de aprendizagem e de relações com nós mesmos e com os outros.

Memória fotográfica 63 – Atividade fazer o pão na turma de Pedagogia Diurno



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.



Memória fotográfica 64 – Atividade modelar o pão (Turma de Pedagogia Diurno)



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 65 – Atividade modelar o pão (Turma de Pedagogia Diurno)



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.

Memória fotográfica 66 – Atividade modelar o pão (Turma de Pedagogia Diurno)



Fonte: Arquivo fotográfico da autora.



## 6 CONTRIBUTOS DA PEDAGOGIA WALDORF À FORMAÇÃO DO PEDAGOGO DO SÉCULO XXI

Rudolf Steiner desenvolveu a pW a partir de vivências educacionais e experiências pertinentes à formação do ser humano e às ideias antroposóficas, as quais têm o homem no centro de sua preocupação ética e educativa – o homem verdadeiramente livre. Nessa ótica, a pW é desenvolvida na articulação teoria/prática permeada pelas artes, pelas culturas e pelas linguagens, dentro do contexto do movimento como base na vida humana. E esta é a primeira contribuição que podemos inferir, pois a pedagogia tradicional, mesmo após inúmeras diretrizes curriculares que apontaram mudanças, continua, preponderantemente, formando pedagogos na dicotomia entre teoria e prática, aliás, uma das grandes críticas do Educador Paulo Freire<sup>22</sup> à Educação, segundo ele, bancária, em que as informações são depositadas na cabeça dos estudantes e retiradas, com juro ou sem juro, na avaliação.

Rudolf Steiner, em sua nona (9ª) conferência, alertou os futuros professores: “Os senhores serão bons mestres e educadores se tiverem da criança/adolescente um conhecimento impregnado de vontade e de emoções”. As palestras proferidas por ele, nesta ocasião específica, estão em seus livros “O estudo do homem” (A arte da Educação I, II, III). Estavam presentes neste curso os primeiros professores e simpatizantes, até mesmo uma série de personalidades que pretendiam atuar em prol da nova pedagogia.

O que chama a atenção em suas conferências, em suas palestras e no curso pedagógico para a formação dos professores da escola Waldorf é a visão que Rudolf Steiner tinha de como devemos entender a pedagogia Waldorf. Ele afirmava que necessitamos ter um olhar diferenciado do que temos sobre outras pedagogias, pelo simples motivo de que a pedagogia Waldorf não dá nenhuma resposta às perguntas que aparentemente recebem respostas em outros sistemas pedagógicos. Steiner enfatizava constantemente que a pedagogia Waldorf não é um método, nem um sistema pedagógico, mas uma arte, que se propõe a despertar o que se encontra no mais profundo do ser humano. Nesta visão, Rudolf Steiner anunciava que primeiro é preciso acordar os professores e, em seguida, estes devem despertar as crianças e os adolescentes.

---

<sup>22</sup> FREIRE, P. Educação e Mudança. 12. ed. Paz e Terra. Rio de Janeiro, 1979.

Outra preocupação que Rudolf Steiner evidencia em sua obra, de acordo com Carlgren e Klingborg (2006, p. 16), é de que “todas as pessoas, independente de quem quer que seja, têm o direito de adquirir a mesma cultura, ter a mesma formação e independente do que irá ser, um profissional braçal ou um intelectual. As pessoas têm que ter a mesma oportunidade”. Esses autores concluem que o único objetivo para uma escola desse tipo é a formação do ser humano.

Em 6 de Setembro, em uma festa, Rudolf Steiner reuniu as pessoas interessadas, pais, professores e alunos e apresentou a sua proposta em detalhes. O próprio autor define a pedagogia que se encontra em construção, a partir de seus ideais educacionais: “Por esta razão, é tão difícil falar sobre a chamada Pedagogia Waldorf – pois a pedagogia Waldorf não é exatamente algo que se possa aprender sobre o qual se possa discutir: é pura prática e pode-se realmente apenas relatar, através de exemplos, como a prática é utilizada em cada caso ou necessidade” (STEINER, 1990, p. 10).

Coincidentemente, Francesc Imbernón (2013, p. 29) indica que ser um profissional da educação significará participar na emancipação das pessoas. O objetivo da educação é ajudar a tornar as pessoas mais livres, menos dependentes do poder econômico, político e social.

Apesar de suas inúmeras viagens para proferir palestras, Rudolf Steiner não se descuidava da relação aluno, professor e escola. Durante suas visitas em Stuttgart, passava tempo suficiente na escola interagindo com professores e alunos, estava sempre atento. Suas observações eram colocadas em práticas pelos professores, logrando êxito para o bom andamento dos trabalhos. Rudolf Steiner não tinha predileção por trabalhos para casa, pois não era amigo das lições de casa obrigatórias nas primeiras séries. Recomendava trabalhos voluntários que deveriam ser propostos de maneira a estimular o interesse. Outras atividades musicais, artísticas e manuais, como o canto, a recitação, o teatro, fazem parte da sala de aula e do dia a dia dos alunos. A arte é um elemento sempre presente como suporte da pedagogia Waldorf. De fato, todo o Ensino Fundamental é baseado em arte, em todas as matérias, além das especificamente artísticas e artesanais, estas sempre visando fazer objetos úteis.

As conferências pedagógicas realizadas por Rudolf Steiner para os professores tinham o caráter de seminário de formação contínua. Carlgren e Klingborg (2006, p. 22) afirmam sobre isso: “Antes de tudo, ele treinava os professores para verem em cada criança uma pergunta, um enigma divino, que o

educador deveria resolver através da arte da educação exercida com amor, até o jovem encontrar-se a si mesmo”.

Francesc Imbernón (2013, p. 41) corrobora, ao afirmar:

Trata-se de formar um professor como um profissional prático-reflexivo que se defronta com situações de incerteza, contextualizadas e únicas, que recorre à investigação como uma forma de decidir e de intervir praticamente em tais situações, que faz emergir novos discursos teóricos e concepções alternativas de formação.

Estudando e pesquisando sobre a pedagogia Waldorf, podemos perceber que essa proposta, no seu desenvolver, é única. Independente de lugar, de normas e de regras transcende os padrões desta e de outras épocas, tendo o conhecimento do ser humano e seu desenvolvimento integral como centro, trilhando o caminho para a liberdade de pensamento na formação de um ser livre e autônomo. Trevisan (2006) complementa esta linha de raciocínio declarando: “A aprendizagem que privilegia apenas o intelecto, dificilmente atinge o ser humano completo” (p. 21).

Como vimos, segundo Steiner, a pedagogia não pode ser uma ciência - deve ser uma arte. E onde existe uma arte que possa aprender sem viver constantemente em sentimento? No entanto, os sentimentos, nos quais é preciso viver para exercer aquela grande arte da vida, que é a pedagogia, só se acendem pela observação do macrocosmo e sua relação com o homem (STEINER, 2006, p. 125).

Com esta reflexão, a pedagogia Waldorf nos adverte sobre a sua intencionalidade “[...] Quando se aprende para a vida toda com alma e com coração não apenas com o intelecto, este aprender penetra em nossas vidas e estará para sempre fazendo parte dela”. A pedagogia Waldorf vai além do aprender para a vida acadêmica, engloba corpo, alma e espírito, o pensar, o sentir e o querer.

A pedagogia contemporânea almeja o status de ciência e, devendo emprestar à ciência a sua arte, nem esta, nem aquela, vai trilhando os primeiros passos do novo Século com a sua identidade questionada pela dita Sociedade do Conhecimento. Como arte somente poderia ser apreendida na vivência do afeto, dos sentimentos. Assim, sua identidade seria a de “arte da vida”, status reivindicado por Rudolf Steiner, excerto com que concluímos este subcapítulo:

A pedagogia não pode ser uma ciência — deve ser uma arte. E onde existe uma arte que se possa aprender sem viver constantemente em sentimentos? No entanto, os sentimentos nos quais é preciso viver para exercer aquela grande arte da vida que é a pedagogia, esses sentimentos que é preciso ter com vistas à pedagogia, só se acendem pela observação do Macrocosmo e sua relação com o homem (STEINER, 2007a, p. 125).

E assim, no bojo do pensamento antroposófico, Steiner concebe uma pedagogia – arte, uma pedagogia – humanizada e humanizadora, para além da ciência, a vida. Esta pedagogia configura uma proposta educacional renovada continuamente, acompanhando os avanços da humanidade e respeitando os saberes das comunidades onde se insere.

Outro aspecto singular é que a pW prima pela *autoeducação do professor, vista como* processo permanente de aprendizagem; a primeira turma de educadores Waldorf vivenciou seu aprendizado mediada pelo próprio Steiner, na condução de suas vivências e experiências.

Rudolf Lanz (2013, p. 118) analisa: “[...] os professores são a alma viva de uma escola Waldorf. Se deixam de crescer e de se desenvolver, a escola para e definha”. Adiante, o autor continua:

O fato de o movimento Waldorf existir, vivo e atuante, e de estar em plena expansão após tantos anos desde a sua fundação em 1919, demonstra sua atualidade e seu vigor, em comparação com muitos sistemas ‘novos’, dos quais se faz muito alarde e que morrem de inanição após uma curta trajetória de voga artificial (LANZ, 2013, p. 119-120).

A construção saudável e duradoura da relação professor-aluno na pW é premissa pedagógica, uma vez que o professor será um tutor, ao acompanhar seus alunos desde a entrada na instituição até estes saírem da escola (em torno de oito anos), gerando um vínculo de amorosidade e de confiança, o que qualifica o aprendizado. Assim, a avaliação dos alunos ocorre de maneira processual e qualitativa, partindo dos diversos aspectos da vida do educando como ser humano. Imaginamos a formação do pedagogo com esta prática, em dois eixos convergentes: o estudante de pedagogia, acompanhado ao longo do curso por um professor formador, tutor/mentor, que o orienta nos estudos e atividades de ensino, pesquisa e extensão; o estudante de pedagogia, vivenciando a atividade de professor tutor, acompanhando estudantes na Educação Infantil e no Ensino Fundamental. Seria o rompimento da fragmentação entre teoria e prática, razão e emoção, ação e reflexão.

Coerentemente, o desenvolvimento dos educandos é caracterizado em setênios (períodos de sete anos), considerando-se pedagogicamente as necessidades de cada fase na apreciação de si, do outro e do mundo. No primeiro setênio (0-7 anos), “o mundo é bom”; no segundo (7-14 anos), “o mundo é belo” e, no terceiro (14-21 anos), “o mundo é verdadeiro”. Este tema merece aqui ser



discorrido, de modo mais abrangente, trazendo o conhecimento à luz para que outros educadores possam compreender a essência do pensamento de Rudolf Steiner.

## **OS SETÊNIOS**

Entre os desafios que a proposta Waldorf apresenta em sua pedagogia, tendo como base a Antroposofia, visa o desenvolvimento antropológico do ser humano, sem dúvida o objetivo maior de sua existência e pilar de sustentação das escolas Waldorf. Conforme Steiner (1994), a formação do ser humano preconiza tornar seres humanos livres e autônomos que, por si só, estabelecem metas e direção para suas vidas. Na pW o desenvolvimento espiritual, físico, emocional e cognitivo, bem como o respeito aos ritmos e a individualidade de cada um são evidenciados na educação, sem a urgência da precocidade da alfabetização, que nessa proposta acontece aos 7 anos de idade, sendo um dos itens do desenvolvimento integral.

Todos os setênios têm sua importância e especificidade, mas os três primeiros setênios trazem o amadurecimento do corpo, a formação da personalidade e a formação educacional, estes setênios são também conhecidos como 'setênios do corpo'. Para cada um dos setênios, desenvolveram-se práticas pedagógicas condizentes com a idade, com o ritmo e com os conhecimentos de vivência, em respeito ao desenvolvimento individual de cada ser humano. Existem outros setênios que fazem parte da biografia do ser humano, mas vou me abster a esses três, por fazerem parte da educação, área estudada nesta dissertação. Autotransformação e caminhar para si são ingredientes que se entrelaçam nos setênios. Para que eles aconteçam com êxito, os professores necessitam caminhar para si e se autotransformar em uma metamorfose contínua.

<b>1º SETÊNIO - 0 a 7 ANOS – INFÂNCIA - O MUNDO É BOM</b>
---

Esse período também é conhecido como: o mundo é bom. Para Trevisan (2006, p. 39), 'A aprendizagem se dá pelos sentidos'. O educador deve ser visto como 'autoridade digna de ser imitada'. Na idade pré-escolar ou idade da imitação e muita imaginação, a criança assimila tudo ao seu redor é um órgão sensorial que percebe tudo sem ter discernimento do bem e do mal, essas ações boas ou ruins, com as quais ela convive, serão parte integrante de sua vida e irão decidir seu

comportamento durante o seu desenvolvimento como ser humano. Para Steiner (1994, p. 10), em seu livro “Andar, falar, pensar – a atividade lúdica”:

A criança é de fato, nos primeiros anos, um organismo totalmente sensorial. Nesse primeiro setênio a educação infantil é a porta de entrada desse novo mundo que se apresenta, até então o mundo da criança era apenas a sua família, sua casa, seus parentes seus brinquedos, agora ele recebe a influência da imagem do mundo. É um período marcado por mudanças repentinas, novas pessoas e lugares, espaços que essa criança passará a usufruir durante boa parte de sua vida como criança, adolescente e adulto e que junto com a educação dos pais irá determinar muitas das características que terá durante a vida adulta. Portanto é, na idade pré-escolar que através da imitação desenvolvem-se as capacidades sociais. É um período de grande responsabilidade para pais, professores e adultos que são objeto de imitação.

Carlgren e Klingborg (2006, p. 23) falam sobre a idade pré-escolar:

Na idade pré-escolar, prevalece o impulso para a imitação. A criança pequena tem permanentemente ao seu redor não só as ações visíveis, mas também a atitude moral das pessoas. Estas se tornam parte integral de sua vida e de suas ações, através da imitação. As qualidades morais que a criança adota, assim, de seu ambiente, são decisivas para a sua vida futura. Quando essa necessidade da primeira infância é negligenciada principalmente por falta de contato anímico com os pais, a criança permanece sempre uma imitadora – uma pessoa sem amparo, insatisfeita que, não raro, imita os exemplos mais primitivos que são encontrados pelo caminho de sua vida.

Lanz (2013, p. 42) define esse 1º setênio com esta contribuição:

Inconscientemente, a criança imita o que percebe ao seu redor. Seu comportamento, seu modo de falar, suas maneiras à mesa, seus gestos, serão uma cópia dos modelos em volta. O ambiente simplesmente a permeia. Um pouco mais tarde, a imitação se tornará mais consciente: a criança imitará a mãe ou a empregada em seus afazeres diários, brincar com seus colegas o vendedor, de médico ou de família, num impulso irresistível para imitar. Seu pequeno mundo baseia-se na identificação. Ela é o vendedor, o médico, a empregada, o animal. É um crime destruir esse seu pequeno mundo por meio de comentários irônicos ou interrupções intempestivas. Os adultos têm que compreender que é essa a realidade em que a criança vive. Ela é incapaz de mentiras, fingimento (a não ser que os adultos lhe tenham dado o exemplo). Se apanha um fruto ou um doce na feira, não o faz para “roubar”, mas porque viu a mãe fazer compras; e quando inventa uma história, não faz para mentir, pois ainda não distingue entre a realidade de sua imaginação e a do mundo.

Sabendo dessa realidade do comportamento infantil, neste setênio, o educador poderá agir com consciência e realizar um aprendizado com base num ambiente mais harmônico e humanizado que respeite os ritmos e a individualidade dos saberes, um ensino a partir do exemplo.

No livro “A Pedagogia Waldorf - 50 anos no Brasil” (2006, p. 8), organizado pela Escola Rudolf Steiner, fala-nos sobre a importância do brincar:

Brincar é algo que as crianças fazem com naturalidade em quase todos os momentos. De acordo com Rudolf Steiner, “se a criança, é capaz de se entregar por inteiro ao mundo ao seu redor em sua brincadeira, então em sua vida adulta será capaz de se dedicar com confiança e força a serviço do mundo”. O brincar livre, sem direcionamento, é o melhor estímulo para o desenvolvimento infantil. O professor Waldorf sabe disso e cria um ambiente propício na qual a criança pode optar pela atividade que melhor corresponde às suas necessidades evolutivas momentâneas, de acordo com sua própria sabedoria corpórea. Superar a si mesma é sempre um grande desafio para a criança! Além disso, brincando, a criança desenvolve habilidades, relaciona-se com o outro, prepara-se para os novos desafios do futuro escolar, explora o novo.

É a partir do brincar e das brincadeiras que as imitações serão colocadas em evidência. A maneira como a criança irá conduzir o brincar reflete o seu comportamento e os seus primeiros passos como ser humano na idade da imitação, o brincar é um ato de satisfação da criança. Vivemos um período aonde quase tudo vem pronto, não necessitamos pensar para criar, apenas desejamos e compramos. Isso tem feito com que as nossas crianças não percebam que podem fazer, que podem ter criatividade e realizar coisas lindas e maravilhosas feitas com suas próprias mãos, até isso estamos tirando das nossas crianças.

Nas escolas Waldorf, as crianças têm brinquedos de panos e de madeiras, muitos deles confeccionados por eles próprios, as bonecas sem expressão ou imagem de alguma coisa ou de pessoas, apenas pontinhos ou riscos na face para que a criança, aos poucos, dentro do seu ritmo, vá criando a sua maneira. A partir disso, confiança, segurança e amor próprio são desenvolvidos nesse período da imitação e da criatividade que, não sendo satisfeitas, de alguma forma, irão aflorar com o passar dos anos em um ser adulto sem vontade própria e que aceita o que o mundo lhe oferece sem fazer o mínimo de esforço, sem pensar e sem questionar, apenas aceitando o processo industrial imposto. É como um vulcão adormecido que, quando menos se espera, rompe em lavas de fogo, trazendo consequências bem mais difíceis de serem sanadas, as quais trazem desarmonia aos lares e à escola.

Carlgrén e Klingborg (2006, p. 25) elucidam que primeiro a imitação se dá de forma completamente inconsciente. Só depois, aos poucos, ela se torna mais consciente e se manifesta no brincar. No jardim de infância Waldorf, pude observar um grande número de brinquedos criados manualmente, muito poucos brinquedos produzidos em série ou industrializados, dando o mínimo de coisas prontas, para

que a criança exercite a sua criatividade e a sua imaginação, preparando-os para a vida.

A importância deste setênio, como preparo para a vida pessoal e acadêmica, é de grande relevância, e aí entra a figura do professor, que deve ser digno de ser imitado (STEINER, 2004a, p. 21). Nas escolas Waldorf, não se alfabetiza na Educação Infantil por entender que a capacidade de abstração da criança ainda não está formada.

É através do ensino e da educação, no 1º setênio, que o mundo da criança se faz. Promover propostas de conhecimento para uma vida adulta mais humana com percepção aguçada do mundo em que vive é tarefa de pais, de professores e de adultos. A partir de então, o espaço de convivência é ampliado, outros atores se apresentam e a base existente consolidada irá determinar a continuidade desse processo de conhecimento desse ser humano, que é contínua.

Em uma das falas, Carlgren e Klingborg (2006, p. 11) relatam:

Nesse contexto, a educação e o ensino desempenham um papel decisivo. O futuro da espécie humana se manifesta já nas crianças. Toda a inovação no mundo, tudo o que é criado remonta, em última análise, a realizações individuais e a seu aumento na comunidade. No entanto, as chances que o indivíduo tem de explorar suas fontes interiores dependem do cuidado que este recebe do educador e professor.

Nesse período de iniciação das crianças à pré-escola, fica muito evidente os ensinamentos de Steiner em relação à formação dos professores, que exercem um papel importante na vida das pessoas e no seu desenvolvimento. Ao enfatizar e exigir a formação de professores em curso de Pedagogia Waldorf, está ao mesmo tempo cuidando dos professores e de sua formação, assim como dos que são contemplados com os ensinamentos, para que estes possam ser adultos conscientes do seu papel na sociedade. Por acreditar que, ao conhecer a si mesmo, poderá ter mais possibilidades de conhecer o outro e lidar com as demandas que se apresentam num mundo onde informação, comunicação e insatisfação se confundem. Ser um educador de crianças exige autotransformação e autoconhecimento.

2º SETÊNIO DE - 7 A 14 ANOS – JUVENTUDE - O MUNDO É BELO
--

Nesse setênio, alguns acontecimentos são marcantes, um deles é a troca de dentes aos sete anos, idade da maturidade escolar, e aos catorze anos a maturidade sexual que aflora. Trevisan (2006, p. 39) afirma: “A aprendizagem se dá pelos sentimentos. O educador deve ser visto como autoridade digna de ser amada”.

São muitas as transformações visíveis que acontecem dos 7 aos 14 anos e a percepção do professor deve estar aguçada e amadurecida para perceber em seu educando tais mudanças. O 2º setênio traz a exigência da autoridade amorosa de pais e de professores com o alicerce do 1º setênio. No 2º setênio, os hábitos e as normas estão sendo absorvidos aos poucos, por sua vez, pais, professores e adultos estão sendo observados e cobrados em tudo que fazem, e é a partir disso que a imagem do mundo se forma.

É o setênio do SENTIR, da fantasia, onde as imagens fazem sentido, assim como é o setênio da criação, do imaginar, do absorver as estórias infantis, dos contos de fadas que mexem com o imaginário, enfim, é o setênio onde devemos promover a interação com o meio, que estimule não apenas como expectador. Este setênio é carregado de sentimentos, de veneração, de busca por sentido e por significados. Steiner (2013), em seu livro “A arte de educar: Baseada na compreensão do ser humano”, leva-nos a refletir sobre a formação e o autoconhecimento, ao enfatizar: “Apenas conhecer a criança não é suficiente; nós temos de conhecer o ser humano (p. 7)”.

Afirmando isso, Steiner nos autoriza a refletirmos sobre nós mesmos, sobre o quanto estamos nos comprometendo com esse ser em desenvolvimento e com nós próprios. Steiner (2013) continua nos convidando a refletir:

Os senhores devem ser um prolongamento do próprio corpo da criança. Devem, portanto, prestar atenção no momento em que ela passa pela troca de dentes e gradativamente percorre o período dos sete aos quatorze anos – quando, pouco a pouco, a curiosidade e o anseio de saber vêm à tona – e em como devem então ser cuidadosos e cheios de tato, prestando atenção na manifestação gradativa da curiosidade (p. 15).

Lanz (2013, p. 49) aponta o caminho que devemos seguir neste setênio:

A chave de ouro da educação durante o segundo setênio consiste, pois, em trabalhar com os sentimentos da criança, em apelar à sua fantasia criadora e em aumentar essas forças com imagens que as fecundem e elevem. Deve-se proteger o jovem contra todas as imagens perniciosas que possam

vir de fora e, principalmente, contra tudo que possa arrefecer a intensidade de seus sentimentos. Todas as abstrações, conceitos sem vida e raciocínios intelectuais que não apelem à fantasia da criança não só deixam de alimentar seu manancial de forças sentimentais, como também as destroem e ressecam'. O autor segue dizendo na pag. 50 "Emoções e vivências intensas devem acompanhar o ensino de todas as matérias. O professor deve ser um artista no sentido mais amplo da palavra, e todo o ensino deve ser uma obra de arte.

O autor utilizou essas palavras para nos fazer entender a importância deste setênio, onde se dá o início do Ensino Fundamental. Este setênio deverá apelar aos sentimentos e a fantasia dos alunos que, nesse momento, está aflorada. Educar nesse intervalo de troca de dentes e de maturidade sexual não é uma tarefa fácil, mais uma vez a formação do professor e o autoconhecimento estará a serviço do desenvolvimento humano. Posso afirmar que aqui as descobertas são muitas, a ambiência escolar proporciona espaços de diálogos e influencia mudanças de hábitos e questionamentos, nesta fase em que o 'sentir' está sendo introduzido no ritmo da vida.

### 3º SETÊNIO - DE 14 a 21 ANOS – ADOLESCÊNCIA - O MUNDO É VERDADEIRO

Rudolf Lanz (2013, p. 60) alerta sobre este setênio: "O que no jovem de sete a catorze anos era apenas fantasia se transformará no adolescente em criatividade consciente e perseverança na busca de um ideal".

Trevisan (2006, p. 39) salienta: "A aprendizagem se dá pela admiração, o educador deve ser visto como autoridade digna de respeito".

Neste setênio também se inicia o Ensino Médio, que é um período de muitas turbulências na vida do jovem, de conquistas, de indecisões próprias da idade, de mudança de atitudes e de comportamento, em que, a partir do que viveu, ele irá traçar seu caminho, irá se inserir na sociedade com base nos ensinamentos e nos exemplos que teve até então. Muitas de suas atitudes dependeram do seu aprendizado, aliás, o primeiro e segundo setênios são bases da construção do terceiro setênio. As relações com o mundo ficam mais intensas, o pensamento está na liberdade de agir, de se inserir, de ser.

Nesse período, um novo elemento se integra às aulas, geralmente se iniciam as aulas de informática, no 12º ano, a partir do conhecimento do computador e de programas úteis nas atividades escolares.

Também nesse período, as provas passam a fazer parte do contexto escolar, as artes e a estética permeiam o ambiente, desenhos geométricos de luz e sombras, juntamente com as artes manuais, compõem o clima de conclusão do Ensino Médio.

No livro “A pedagogia Waldorf, 50 anos no Brasil” (2006, p. 32), organizado pela Escola Rudolf Steiner, tem-se o relato de como é o término desse período.

No fim do 12º ano é hora de apresentar os trabalhos de conclusão do curso. Cada aluno mergulha num tema escolhido por ele mesmo. Essa escolha resultar na confecção de uma monografia com tema artístico, científico, espiritual de cunho social, que é desenvolvida com a ajuda de um orientador.

Passar por esses três setênios é estar em constante vivência e autotransformação, para voos mais altos, e poder optar por outros caminhos a seguir, sem medo de ousar.

Sobre este setênio, Lanz (2013, p. 57-58) destaca:

O terceiro setênio é o período durante o qual o eu se liberta de seus vínculos com o corpo astral e com o resto do organismo tornando-se autônomo – desde que o desenvolvimento anterior à puberdade tenha sido normal. Essa autonomia do eu inclui o pleno desenvolvimento das faculdades mentais e morais; sem ela não pode existir liberdade da vontade (livre-arbítrio) nem plena responsabilidade moral. O indivíduo pode e deve, no fim do terceiro setênio, usar o pensar e o querer sem interferência de motivações oriundas de seu corpo, de seus sentimentos, de seu egoísmo. Ele se torna capaz de emitir julgamentos objetivos e de agir segundo critérios éticos absolutos.

A pedagogia Waldorf tem sua base no conhecimento do ser humano, a partir da Antroposofia, presumindo-se que, com base nessas vivências dos setênios, o aluno tem condições de conhecer um pouco mais de si mesmo, de seus limites, fazendo escolhas a partir do conhecimento adquirido e buscando a liberdade com responsabilidade e amadurecimento.

Podemos ainda pontuar outras contribuições da pW à formação do pedagogo, em seu modo de ver e vivenciar o todo da escola e da educação:

- ✓ as Escolas Waldorf são constituídas por associações mantenedoras, geralmente apoiadas por simpatizantes, pais, professores e pessoas ligadas à Antroposofia, que participam voluntariamente, sem remuneração. As funções da escola são remuneradas por meio do orçamento das mensalidades;

- ✓ compreendendo a Cultura Digital e suas implicações no processo formativo das novas gerações, a pW orienta os educadores (professores, pais, cuidadores...) para a sabedoria frente às mídias digitais. Recomenda-se o uso de recursos tecnológicos digitais somente a partir do ensino médio, pressupondo que, nesta fase, o usuário tenha autocontrole sobre as suas ações, conhecimento e discernimento para utilizar um dispositivo digital que dá acesso às informações indiscriminadamente. A pW orienta as crianças e os jovens para o desenvolvimento de sua autonomia frente às influências de conteúdos prejudiciais à saúde, como integralidade do sentir, pensar, agir e querer.

Considerando as transformações da sociedade atual, sobretudo a ênfase que se tem dado à cultura digital na educação, este tem sido um dos caminhos escolhidos pelo nosso Grupo de Pesquisa<sup>23</sup>: o estudo de novas pedagogias para a educação no Século XXI, tendo como horizonte a apropriação das tecnologias digitais da comunicação e da informação como tecnologias cognitivas, instrumentos socioculturais do nosso tempo, mas que não prescindem da formação humanística mais ampla, forjada na arte, na cultura e nas diferentes linguagens.

Por isso, um de nossos caminhos aponta para as possibilidades que a pedagogia Waldorf nos traz, para novos entendimentos sobre educar as novas gerações e sobre educar os seus educadores em uma perspectiva humanizadora. O interesse e a opção pelo estudo da Pedagogia e dos(as) educadores(as) Waldorf não são uma escolha aleatória. Unimos o interesse pessoal pelo tema à busca por pedagogias que tragam novos sentidos à educação das novas gerações de ensinantes e aprendentes.

A nossa escolha temática tem relação com uma questão presente em nossa pesquisa e sobre a qual a pedagogia Waldorf não se nega a buscar respostas: “Como a escola deve lidar com a mídia e tecnologias na educação das crianças?”. Questão essa a qual não se refutou o antropósofo e pesquisador da Universidade de São Paulo, Valdemar W. Setzer, em sua obra “*Meios eletrônicos e educação: uma visão alternativa*”, publicada em São Paulo, pela Editora Escrituras, Coleção “Ensaio Transversais”, v. 10, 2001, edição esgotada. O mesmo autor, na versão de

---

<sup>23</sup> Referência ao GPKosmos, já apresentado na introdução deste projeto.



2014, s/p, do seu artigo “*Efeitos negativos dos meios eletrônicos em crianças, adolescentes e adultos*”<sup>24</sup>, originalmente publicado em 2008, analisa a questão:

Uma criança ou adolescente usando a Internet sem controle por parte de pais ou responsáveis pode fazer acesso a todo tipo de dado, o que caracteriza uma educação libertária, isto é, a criança faz o que quer. Sou totalmente contra esse tipo de educação, pois crianças e adolescentes – e mesmo estudantes universitários – devem ser orientados. Eles sabem disso, pelo menos inconscientemente, e ficam gratos quando não são deixados ao léu, fazendo o que querem. No caso dos universitários, considere-se como orientação a disciplina, obrigatoriedade de assistir as aulas e não chegar atrasado, quais matérias podem ser feitas, o que estudar em cada uma etc. Há dois problemas graves do uso da Internet com crianças e adolescentes: eles não têm discernimento suficiente para decidir o que é ou não apropriado para eles, e não têm o autocontrole para evitar páginas atraentes mas impróprias e para limitar o tempo de uso.

Compreendemos a importância de o professor desenvolver em si e ensinar a gestão do conhecimento, integrando as tecnologias digitais na educação sem que estas assumam uma supremacia no currículo escolar, ou ainda, sem que representem o livre navegar pelos mares desconhecidos da Internet, sem uma intencionalidade pedagógica. Quanto à integração de tais tecnologias na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, permanece a questão: quais as contribuições efetivas das tecnologias digitais na educação da criança?

Uma publicação recente da Federação das Escolas Waldorf sobre educação na cultura midiática, oriunda de investigação pedagógica, mostra a contribuição da educação Waldorf, no trabalho do Prof. Dr. Edwin Hübner, professor na Universidade Livre de Stuttgart. Sua publicação pode ser compreendida em português como “Mídia e Educação - Aspectos para compreender a mídia. Fundamentos antropológico-antroposóficos da educação para a mídia”. Para o autor, o fundamental para a educação Waldorf é o estudo do homem e da orientação do desenvolvimento da criança.

Segundo Hübner (2015), o uso contínuo da mídia digital para um ser humano adulto não seria um problema, porque ele tem as dimensões físicas amadurecidas, porém as crianças necessitam de movimento (isso não impediria o uso limitado dos meios eletrônicos, mas vai diretamente contra a pW), para o seu desenvolvimento integral. A educação para o uso indireto da mídia traria campos de experiência

---

<sup>24</sup> Disponível em: <<https://www.ime.usp.br/~vwsetzer/efeitos-negativos-meios.html>>. Acesso em: 17 agosto 2016.

disponíveis a promover um desenvolvimento físico e mental saudável, sem esquecer-se daquelas habilidades que a criança necessita desenvolver para lidar com as demandas da vida cotidiana não midiática. Este fato, para nós, considerando os aportes da psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem, é irrefutável, pois o movimento e a ação estão na base do desenvolvimento da criança e o lúdico significa para ela aprender e apreender ao mundo, ao outro e a si mesma.

## 7 À GUIZA DE CONCLUSÃO, ALGUNS APONTAMENTOS PARA CONTINUAR A VIVENCIAR APRENDENDO

Vivemos em uma sociedade pretensamente avançada tecnologicamente, movida por mudanças em todas as esferas da vida. A história contemporânea da educação tem sido demarcada por movimentos pedagógicos que buscam romper com o modelo tradicional, especificamente no âmbito de formação de professores, redesenhando a idealização da escola e como ela se organiza, porém com poucos resultados que a diferenciem efetivamente do modelo perpetuado desde os primórdios da educação escolar. Será que a sociedade contemporânea sabe mesmo o que deseja para a educação das novas gerações?

Desse modo, a minha primeira inquietação, redirecionado o foco, foi apreender a importância de estudar a pedagogia Waldorf e a ênfase dada à autotransformação *do(a) educador(a) Waldorf*, processo de autoaprendizagem ao longo da vida. Sim, volto a expressar-me na primeira pessoa do singular, porque, neste momento, todo o vivenciar aprendendo nos processos de aprendizagem ao longo do mestrado, do desenvolvimento da pesquisa e da elaboração da dissertação são agora [re]significados, permitindo-me despedir-me brevemente desta etapa e, simultaneamente, projetar-me para novos voos neste cenário magnífico do “Vivenciar aprendendo”.

Com base nas vivências proporcionadas em minha trajetória de formação de professores, embasada em curso de formação de professores Waldorf, ousou me permitir elencar algumas percepções sobre a Pedagogia Waldorf e possíveis contribuições à Educação e à Formação do Pedagogo no Século XXI, perguntas e indagações que deram origem a esta dissertação.

Inicialmente, com muita clareza e segurança, vejo na figura do professor Waldorf o alicerce da pedagogia Waldorf e continuidade das escolas Waldorf. Este professor tem como base a Antroposofia, filosofia de Rudolf Steiner, fornecendo-lhe subsídios para se autoeducar, junto à metodologia e ao currículo que transcendem o tempo, desde 1919 até os dias de hoje, se constituindo em diversos cenários geográficos culturais em vários países, sem desviar o olhar do seu objetivo maior, o desenvolvimento do ser humano. Respeitando os saberes onde se insere a pedagogia Waldorf, esta vem se tornando aos poucos objeto e ícone de muitas dissertações e teses, à medida que os pesquisadores buscam novas possibilidades

de responder ao grande e profundo problema da nossa época: a liberdade do homem.

#### A Escola/ a instituição formadora

Olhando para a escola Waldorf, observo que as suas dependências aproximam-se de uma casa, por ser algo que conheço e amo, ao chegar à escola, senti certo conforto em vez de estranheza, visto que esta é muito próxima da nossa realidade, até mesmo os objetos são familiares e a maneira como somos recebidos é familiar. Um ambiente que faz toda a diferença não só para os adultos, mas de importância maior para as crianças que, pela primeira vez, estão deixando o aconchego dos seus lares para conhecerem outros cenários. Esta é uma contribuição que destaco importante para as escolas das crianças e para a formação de seus educadores. Porque o espaço em que o pedagogo se forma, nos cursos de licenciatura, é tão distante da realidade escolar e mais, por que esta é tão distante da criança.

#### O professor de classe/ o professor formador

Encantei-me com o fato de que o professor de classe, geralmente adepto da Antroposofia, acompanha seus alunos da 1ª a 9ª série, uma particularidade das escolas Waldorf. Isso proporciona um vínculo de confiança e segurança entre a escola e a família, para as crianças e jovens tenham um referencial que os conhece muito bem pessoalmente e academicamente. Ao receber o aluno logo cedo para a aula, o professor lhes dá boas vindas na porta da sala; nesse momento existe uma troca de olhares e a energia das mãos são termômetros para o professor. Ser professor de classe é ter a oportunidade única de ver um ser humano em formação, se autotransformar através de ensinar e aprender. E ser formador de professores, que oportunidades trazem? Que importância teria para um pedagogo em formação ser acompanhado por um mentor ao longo do seu processo formativo?

Como professora, além da admiração pelo profissional professor de classe, acredito que esse profissional é de suma importância no desenvolvimento e na formação dos educandos, ao mesmo tempo em que tem a oportunidade de se autotransformar todos os dias. A tarefa do professor de classe aproxima alunos, pais, escola e professores. Com a colaboração dos colegas professores

especialistas, esses profissionais fazem grande diferença na vida das pessoas em formação. É um orgulho poder ser professor de classe um diferencial que penso ser muito importante para toda comunidade escolar.

### Música e canto

A música, os instrumentos e o canto fazem parte do currículo das escolas Waldorf. A música, bálsamo para a alma, está presente no dia a dia da escola desde a 1ª série, com a flauta doce. A música e o canto permeiam todos os ambientes. O som das flautas anuncia o início de um novo dia de aula. Só a partir do 3º série são inseridos outros instrumentos de escolha do aluno, tais como violão, viola, violoncelo. Uma escola Waldorf sem arte não é uma escola Waldorf. As artes permeiam todas as dependências de uma escola Waldorf. Onde se encontram a música e o canto nas escolas de formação do pedagogo?

### Manualidades

Meninos e meninas participam de todas as atividades propostas pela escola. O tricô, a marcenaria, a tecelagem, a escultura, a confecção de bonecas de pano, as capas de cadernos, todas essas atividades manuais, em menor ou maior grau de dificuldade, são introduzidas, respeitando os ritmos de cada estudante e idade. Desenho e pintura também fazem parte da proposta.

### Estudo de línguas estrangeiras

Inglês e alemão são línguas introduzidas a partir da 1ª série do Ensino Fundamental de forma diversificada e lúdica, mediante versos, jogos, dramatização, canções, sempre respeitando os ritmos ano a ano, sendo aprofundados até o término do curso, no 9º do Ensino Fundamental.

### Euritmia

É a transformação dos movimentos e da linguagem do corpo em gestos harmonicamente compostos pela vontade de se expressar, ajudando a vencer a ansiedade e a timidez. A euritmia proporciona melhora nos relacionamentos e, conseqüentemente, no desenvolvimento do ser humano.

## Avaliação

A avaliação é permanente, não é apenas uma nota fria de um conteúdo. É subjetiva e avalia o estudante por todo o seu desempenho, do envolvimento nas atividades ao crescimento como ser humano em suas ações. A valorização do desenvolvimento individual do caráter é quesito avaliativo.

## Uso de computadores

Nas escolas Waldorf, não há indicação do uso de computadores antes do Ensino Médio ou da adolescência pelo simples fato das crianças não terem ainda desenvolvidas competências para tal e este por ser um bloqueador da criatividade, da imaginação e do fazer pensar por si mesmo. Nas Escolas Waldorf, antes do uso indiscriminado, é fundamental que tenham o domínio das formas tradicionais de descobrimento da informação e aprendizagem.

## Os ciclos de vida: setênios

Os setênios, como são chamados os períodos/ciclos de 7 anos, são compreendidos na educação na pW, assim constituídos: dos 0 aos 7 anos; dos 7 aos 14 anos e dos 14 aos 21 anos. O querer, o sentir e o pensar estão em todas as ações dos setênios, de forma adequada e equilibrada. Com o pensamento voltado ao desenvolvimento do ser humano e no despertar das suas energias, a pedagogia Waldorf tem, em seu currículo e em sua metodologia, a base que privilegia o cognitivo, mas se permite ver além dessa possibilidade. A pW tem preparado pessoas para atuar em diversos seguimentos da sociedade contemporânea com sensibilidade e um olhar mais humano.

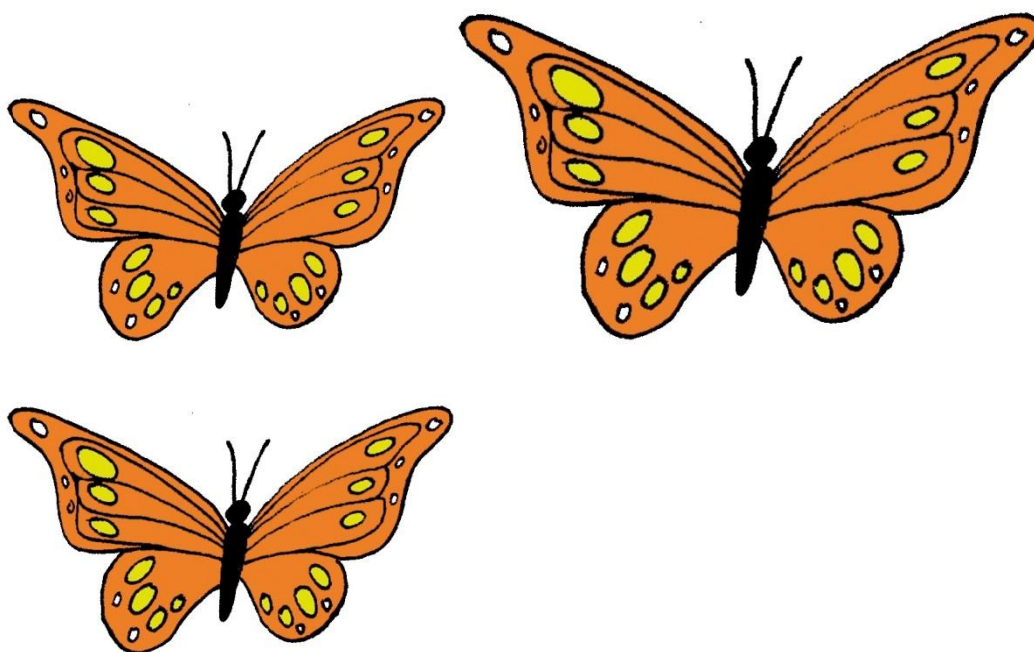
Os métodos da pW são revolucionários até os dias de hoje, exatamente por considerarem e apostarem na autoeducação, no autoconhecimento e na autotransformação do ser humano, sem se distanciar dos princípios da Antroposofia. Calgren e Klingborg (2006, p. 82) relatam que “o professor não usa a Antroposofia para representá-la diretamente durante as aulas, mas sim para a sua própria formação”. Quais princípios orientam a formação do pedagogo no Século XXI?

O próprio Rudolf Steiner alerta em seus escritos que, por meio de uma formação com base na Antroposofia, o professor pode melhorar sensivelmente sua

capacidade e relações, para melhor desenvolver seus métodos com as crianças. A partir disso, um grande diferencial se faz nesse professor e, conseqüentemente, nos seus alunos.

Acredito que o pedagogo do século XXI possa se cercar e agregar essas práticas pedagógicas que, há quase um século, têm contribuído com o desenvolvimento de seres humanos, unindo-as às práticas existentes, entrelaçando-se com o intuito maior de uma escola mais humana, em prol da formação de seres humanos para a vida.

E agora, novos voos levarão a Borboleta Laranja pela imensidão de Gaia?







## REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, M. H. M. B. Anotações teórico-metodológicas do trabalho com fontes visuais e (áudio) visuais em pesquisas com história de vida e memoriais de formação. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 1, n. 1, p. 13-26, jan./abr. 2014a.

\_\_\_\_\_. As narrativas de si ressignificadas pelo emprego do Método (Auto) biográfico. In: ABRAHÃO, M. H. M. B.; SOUZA, E. C. (Org.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 149-170, 2006.

\_\_\_\_\_. Fontes orais, escritas e (áudio) visuais em pesquisa (auto) biográfica: palavra dada, escuta (atenta), compreensão cênica. O *studium* e o *punctum* possíveis. In: ABRAHÃO, M. H. M. B.; BRAGANÇA, I. F. D. S.; ARAÚJO, M. S. **Pesquisa (Auto) Biográfica: Fontes e questões**. Curitiba: CRV, p. 57-77, 2014b.

\_\_\_\_\_. Pesquisa (auto) biográfica: tempo, memória e narrativas. In: ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.) **A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 201-224, 2004.

\_\_\_\_\_. Pesquisa autobiográfica: contribuição para a história da educação e de educadores no Rio Grande do Sul. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 30, n. 02, p. 139-156, 2005.

ABRAHÃO, M. H. M. B.; FRISON, L. M. B. Narrativas (auto) biográficas de formação e o entrelaçamento com a autoregulação da aprendizagem. In: ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). **(Auto) biografia e formação humana**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

ALVES, R. **Pinóquio às avessas**. São Paulo-SP: Vozes, 2005.

ARROYO, G. M. **Ofício de Mestre: Imagens e Autoimagens** Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: 70. ed. 1977.

BAUER, M. W.; AARTS, B. A construção do corpus: um princípio para a coleta de dados qualitativos. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.). **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002.

BOLÍVAR, A. "De nobisipsissilemus?": Epistemología de la investigación biográfico-narrativa en educación" [en línea]. **Revista Electrónica de Investigación Educativa**. v. 4, n. 1, p. 1-26, 2002. Disponível em: <<http://redie.uabc.mx/contenido/vol4no1/contenido-bolivar.pdf>>. Acesso em: 15 agosto 2016.

\_\_\_\_\_. A expressividade epistêmico-metodológica da pesquisa (auto)biográfica. In: ABRAHÃO, M. H. M.; BRAGANÇA, I. F. S.; ARAÚJO, M. S. (Org.) **Pesquisa (auto)biográfica, fontes e questões**. Curitiba: CRV, p. 113-127, 2014.

CARLGREN, F.; KLINGBORG, A. **Educação para a liberdade: a pedagogia de Rudolf Steiner**. São Paulo: Escola Waldorf Rudolf Steiner, 2006.

CAVACO, C. Formação Experiencial de Adultos Não Escolarizados: saberes e contextos de aprendizagem. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 41, n. 3, p. 951-967, jul./set. 2016. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-623653441>. Acesso em: set. 2016.

CHENÉ, A. Narrativa de formação e formação de formadores. In: NÓVOA, A. FINGER, M. (Orgs). **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

CUNHA, M. I. Conta-me agora! As narrativas como alternativas pedagógicas na pesquisa e no ensino. **Rev. Fac. Educ.** São Paulo, v. 23, n. 1-2, jan./dec. 1997.

DAHLET, V. M. B. O proceder da pesquisa: quais as relações entre problemática, dissertação e corpus? **Revista Letras**, v. 21, n. 1, p. 127-132, 2002.

DOSSIÊ. A Pedagogia de Rudolf Steiner em Debate. **Educar em Revista**. Curitiba, PR: Editora UFPR, n. 56, p. 15-18, abr./jun. 2015. Disponível em: <<http://revistas.ufpr.br/educar/issue/view/1877>>. Acesso em: 11 agosto 2016.

GUERRA, M. M.; RHEINGANTZ, A.; MAIOLINO, J. L. **A Pedagogia Waldorf 50 anos no Brasil**. São Paulo, SP: Editora Escola Waldorf Rudolf Steiner, 2006.

HÜBNER, E. **Medienund Pädagogik**. Gesichtspunkte zum Verständnis der Medien, Grundlageneineranthroposophisch-anthroplogischenMedienpädagogik. DRUCKtuell, Deutsch: Auflage, 2015.

IMBERNÓN, F. **Formação Docente e Profissional: formar-se para a mudança e a incerteza**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

JOSSO, M. C. A transformação de si a partir da narração de histórias de vida. **Educação**, v. 30, n. 63, 2007.

\_\_\_\_\_. Da formação do sujeito ao sujeito da formação. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Org.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

\_\_\_\_\_. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.

JUNIOR, J. B.; STOLZ, T.; VEIGA, M. Autoeducação e liberdade na Pedagogia Waldorf. **Educação: Teoria e Prática**. Rio Claro, SP. v. 23, n. 42, p. 161-175, jan./Abr. 2013.

KARL, K. **Irmãos e irmãs**. São Paulo-SP: Antroposófica, 2014.

LANZ, R. **A Pedagogia Waldorf: Caminho para um ensino mais humano**. 9. ed. São Paulo: Antroposófica, 2013.

\_\_\_\_\_. **Noções básicas de Antroposofia**. 4. ed. São Paulo: Antroposófica, 1983.

MINAYO, M. C. **O desafio do conhecimento**. São Paulo: Hucitec-Abrasco, 1994.

MORAES, R. Análise de conteúdo. **Educação**, Porto Alegre, v. 22, n. 37, p. 7-32, mar. 1999.

\_\_\_\_\_. Uma tempestade de luz: a compreensão possibilitada pela análise textual discursiva. **Revista Ciência e Educação**, v. 9, n. 2, p. 191-211, 2003.

MORAES, R.; GALIAZZI, M. C. **Análise Textual Discursiva**. Ijuí: UNIJUÍ, 2007.

\_\_\_\_\_. Análise textual discursiva: processo reconstrutivo de múltiplas faces. **Ciência & Educação**, v. 12, n. 1, p. 117-128, 2006.

MORIN, E. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2005.

NÓVOA, A. O regresso dos professores. **Conferência: Desenvolvimento profissional de professores para a qualidade e para a equidade da aprendizagem ao longo da vida**. Lisboa, Parque das Nações, Pavilhão Atlântico, Sala Nónio, 27 e 28 de Setembro de 2007.

\_\_\_\_\_. **Professores: imagens do futuro presente**. Portugal, Lisboa: Real gráfica, 2009.

\_\_\_\_\_. Vidas de professores e as histórias de sua vida. In: NÓVOA, A. (Org.). **Vidas de professores**. Porto: Porto, p. 11-30, 1995.

PINEAU, G. A autoformação no decurso da vida: entre a hetero e a ecoformação. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (Orgs.). **O método (auto) biográfico e a formação**. Natal, RN: EDUFRRN; São Paulo: Paulus, 2010.

RICHTER, T. (Org.). **Objetivo pedagógico e método de ensino de uma escola Waldorf**. São Paulo: Federação das Escolas Waldorf do Brasil, 2002.

RICOEUR, P. **O si mesmo como um outro**. Trad.: Lucy Moreira Cesar. Campinas: Papyrus, 1991.

\_\_\_\_\_. **Tempo e narrativa II**. Trad.: Marina Appenzeller. Campinas: Papyrus, 1995.

SETZER, V. W. **Meios eletrônicos e educação: uma visão alternativa**. São Paulo: Editora Escrituras, Coleção "Ensaio Transversais, 3. ed. v. 10, 2003.

\_\_\_\_\_. **Uma introdução antroposófica à constituição humana**. Abril de 2000; versão 4.2 de 1/1/14. Disponível em: <<http://www.ime.usp.br/~vwsetzer/const1.htm>>. Acesso em: out. 2016.

SEVERINO, J. A. **Metodologia do Trabalho Científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2007.

SITE. Schule Emil Molt. **Wer war Emil Molt?** 27. sep. 2002. Disponível em: <<http://www.emil-molt-schule.de/60-jahre-emil-molt-schule/wer-war-emil-molt/>>. Acesso em: set. 2016.

SOUZA, E. C. de; ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.). Diálogos cruzados sobre a pesquisa (auto) biográfica: análise compreensivo-interpretativo e política de sentido. **Revista Educação**, Santa Maria, v. 39, n. 1, p.39-50, jan./abr. 2014a.

\_\_\_\_\_. et al. Sujeitos, instituições e práticas pedagógicas: tecendo as múltiplas redes da educação rural na Bahia. **Revista da FAEEBA. Educação e contemporaneidade**, Salvador, v. 20, n. 36, p.151-164, 2011b.

\_\_\_\_\_. Indagación (auto) biográfica: contar experiencia, escritura narrativa y formación. In ABRAHÃO, M. H.; BOLIVAR, A. **La investigación (auto) biográfica en educación: miradas cruzadas entre Brasil y España**. Granada: EUG; Porto Alegre: EDIPUCRS, p. 34-57, 2014c.

\_\_\_\_\_. Modos de narração e discurso da memória: biografização, experiências de formação. In: PASSEGGI, M. C.; SOUZA, E. C. (Org.). **Autobiografia: formação, territórios e saberes**. Natal, RN: EDUFRN; São Paulo: Paulus, p. 85-101, 2008.

\_\_\_\_\_. **Tempos narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre/Salvador: EDIPUC, RS. 2006b.

\_\_\_\_\_. Tentativa de exploração e de interpretação do estar-no-mundo: discursos, poderes e fabricações de identidades. In. SOUZA, E. C.; BALASSIANO, A. L. G.; OLIVEIRA, A. M. M. (Org.). **Escrita de si, resistência e empoderamento**. Curitiba, PR: Editora CRV, p. 115-138, 2014b.

\_\_\_\_\_. Territórios das escritas do eu: pensar a profissão - narrar a vida. **Educação**. Porto Alegre, v. 34, n. 2, p. 213-220, mai./ago. 2011a.

SOUZA, E. C. O conhecimento de si, as narrativas de formação e o estágio: reflexões teórico-metodológicas sobre uma abordagem experiencial de formação inicial de professores. In ABRAHÃO, M. H. M. B. (Org.) **A aventura (auto) biográfica. Teoria e empiria**. Porto Alegre: EDIPUC RS, 2004.

SOUZA, E. C. **O conhecimento de si: estágio e narrativas de formação de professores**. Rio de Janeiro: DP e A; Salvador UNEB, 2006a.

STEINER, R. **A arte da educação - I. O estudo geral do homem, uma base para a pedagogia**. 4. ed. São Paulo: Antroposófica, 2013.

\_\_\_\_\_. **A Arte da Educação II: Metodologia e didática no ensino Waldorf**. Conferencias proferidas em Stuttgart de 21 de agosto a 5 de setembro de 1919. Tradução de Rudolf Lanz. 2. ed. São Paulo: Antroposófica, 2003a.

\_\_\_\_\_. **A Arte da Educação III: discussões pedagógicas**. Trad. Rudolf Lanz. São Paulo: Antroposófica, 1999.

\_\_\_\_\_. **A cultura atual e a Educação Waldorf**. Tradução: Eleonore Pollklaesner, Sérgio Correa e Jacira Cardoso. São Paulo: Antroposófica: Federação das Escolas Waldorf no Brasil (FEWB), 2014.

\_\_\_\_\_. **A filosofia da liberdade**. 4. ed. São Paulo: Editora Antroposófica, 2008.

STEINER, R. **A prática Pedagógica** – Segundo o conhecimento científico- espiritual do homem. São Paulo: Editora Antroposófica, 2013.

\_\_\_\_\_. **A questão pedagógica como questão social:** os fundamentos sociais, histórico-culturais e espirituais da pedagogia das Escolas Waldorf. Tradução: Luciano Jelen Filho. 1. ed. São Paulo: Editora Antroposófica: Federação das Escolas Waldorf no Brasil, 2009.

\_\_\_\_\_. **Andar, falar, pensar** – A atividade lúdica. São Paulo: Editora Antroposófica, 1994.

\_\_\_\_\_. **AnthroposophischeLeitsätze**, Dornach, 17/2/1924 (GA 26). Tradução de Valdemar W. Setzer, 2011. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/antrop/AnmainFrame.htm>>. Acesso em: 06 set. 2015.

\_\_\_\_\_. **Die Philosophie der Freiheit** – Grundzüge einer modernen Weltanschauung. Dornach: Verlag der Rudolf Steiner-Nachlassverwaltung, 1962. Disponível em: <<http://fvn-archiv.net/PDF/GA/GA004/GA004-109.html>>, Texto original traduzido para o português por Setzer, V. W. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/steiner/afor-todos.htm>>. Acesso em: 21 agosto 2016.

\_\_\_\_\_. **Fonte: GA 235**, DRITTER VORTRAG Dornach, p. 61-62, 23. feb. Disponível em: <<http://fvn-archiv.net/PDF/GA/GA235.pdf>>. conferido em: 21 agosto 2016. Tradução de Setzer, v. W. Disponível em: <<http://www.sab.org.br/portal/aforismos/60-liberdade>>. Acesso em: 21 agosto 2016.

\_\_\_\_\_. **Minha Vida:** a narrativa autobiográfica do fundador da Antroposofia. Tradução: Rudolf Lanz, Bruno Callegaro e Jacira Cardoso. São Paulo: Antroposófica, 2006. [Original em Alemão: Mein Lebensgang, Editora Rudolf Steiner Nachlassverwaltung, 1925].

\_\_\_\_\_. **Os doze sentidos e os sete processos vitais.** 4. ed. São Paulo: Editora Antroposófica, 2012.

TREVISAN, H. **Filhos felizes na escolas:** Pedagogia Waldorf, o ensino pelo arte. São Paulo-SP: Trevisan editora 2006.

VEIGA, M.; STOLTZ, T. O pensamento de Rudolf Steiner no debate científico. Campinas, SP: Alínea, 2014.



## APÊNDICE





**APÊNDICE A – PORTIFÓLIO APRESENTADO COMO TRABALHO DE CONCLUSÃO NO CURSO BÁSICO DA PRÁTICA DA PEDAGOGIA WALDORF, MINISTRADO PELA PEDAGOGA WALDORF E EURITMISTA TEREZA CRISTINA SALGADO BARBOSA**